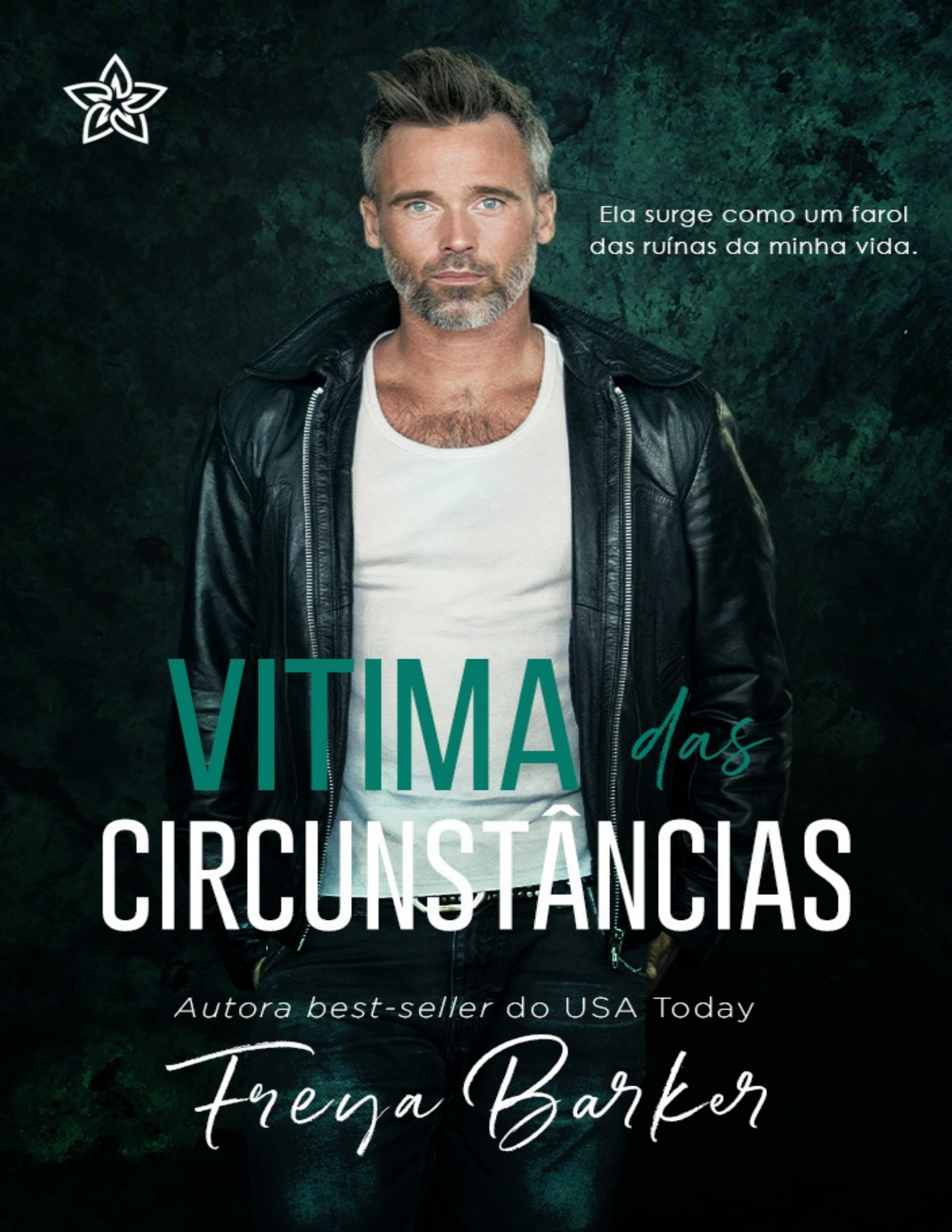
Ela surge como um farol
das ruínas da minha vida.
VITIMA das
CIRCUNSTÂNCIAS
Autora best-seller do USA Today
Freya Barker

Freya Barker

VITIMA das CIRCUNSTÂNCIAS

Tradução: Marcela Pettezzoni

1ª Edição

GRUPO EDITORIAL
Five

2024
Porto Alegre

Vítima das Consequências
Copyright © 2020 Freya Baker
Copyright da Tradução © 2024 Editora Five
Todos os direitos reservados.
Produção Editorial: Grupo Editorial Five
Arte de Capa: Joy Design Editorial
Tradução: Marcela Pettezzoni
Preparação e Revisão: EN Serviços Editoriais
Diagramação: Carol Dias
Imagens de diagramação: Freepik
Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B255
Barker, Freya
Vítima das Circunstâncias [livro eletrônico] / Freya Barker ; tradução Marcela Portelo Pettezzoni. -- 1. ed. --Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2024.
ePub

Título original: Victim Of Circumstance
ISBN 978-65-85185-73-8

1. Romance norte-americano I. Título.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813.5

Sumário

Início
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora

Uma mudança na maré
Sobre a Five

PRÓLOGO

Ar fresco.

Eu paro quando ouço o tinido áspero do portão se fechando atrás de mim e respiro profunda e desesperadamente. É como se meus pulmões pudessem se expandir totalmente pela primeira vez em dezoito anos. O golpe de oxigênio me deixa instantaneamente tonto.

Está tudo dentro da minha mente, eu percebo isso, mas não há como negar o impacto físico que respirar ao ar livre depois de tantos anos tem sobre mim. Eu me forço a não me curvar e ofegar, como meu corpo gostaria. Em vez disso, levanto meus olhos para um céu quase sem nuvens, dando aos meus sentidos um momento para se ajustarem.

A buzina estridente de um carro interrompe meus esforços para calibrar meus sentidos e meus olhos disparam automaticamente para o final da ampla entrada da Penitenciária de Rockwood, onde passei quase duas décadas no bloco de celas C. Meu táxi está esperando por mim e eu lentamente começo a caminhar em sua direção, quase esperando que uma voz áspera me chame de volta para dentro.

Tudo o que tenho é um saco de papel com os pertences escassos e agora sem sentido que eu tinha comigo quando fui trazido para cá. Minhas roupas parecem estranhas e desconhecidas, tiradas de um armário de suprimentos com pilhas de roupas não reclamadas para pessoas como eu, que não têm ninguém do lado de fora para enviar outras. Não sei para onde as roupas que eu usava naquela época foram. Talvez algum outro homem tenha as usado em casa.

Casa. Um conceito estranho, mesmo antes de vir parar aqui era um lugar indefinido. Naquela época, eu tinha um apartamento minúsculo e alugado mas, por duas décadas minha casa foi uma cela de prisão de seis metros quadrados.

Pequena, mas era minha. Eu não tinha muito com o que preenchê-la, exceto pelos livros que me foram dados pela *Books to Prisoners*, uma das muitas organizações que tentam tornar a vida atrás das grades mais agradável.

Eu tenho dezoito livros, um para cada ano que passei lá dentro. Livros que li várias e várias vezes. Tiveram mais, alguns emprestados da biblioteca da prisão, mas esses dezoito passaram a significar algo para mim. Eles representavam todos os anos que passei preso. Eles me permitiram desaparecer, mesmo que apenas pelo tempo que levei para lê-los. Eles foram meu verdadeiro santuário, meu refúgio de paz em um ambiente opressivo e cheio de sons.

Eles estão todos no meu saco de papel, deixando-o pesado pra caralho. Também há minha escova de dentes, meu sabonete e uma pulseira de couro que tinha esquecido que tinha, até que me foi entregue mais cedo. Minha jaqueta de couro, a minha única peça de roupa restante, está quente sob minhas costas, debaixo do sol do meio-dia. Um maço de dinheiro, tanto os cento e quinze dólares que eu tinha comigo quando fui preso, quanto um dinheiro que me foi dado — para algumas semanas de despesas que preciso devolver em alguns meses — estão fazendo um buraco no meu bolso.

— Para onde vai? — o velho parado ao lado do táxi pergunta quando me aproximo.

A pergunta de um milhão de dólares. Uma para a qual eu não tenho uma resposta imediata — faz tanto tempo desde que tive que tomar qualquer decisão — então tento ganhar algum tempo.

— Para a rodoviária mais próxima.

Segurando meu saco de papel, entro no banco de trás e imediatamente abro a janela, querendo sentir o ar passar pelo meu rosto.

— Tudo bem se eu abrir? — pergunto educadamente.

— Claro — ele diz, sentando-se atrás do volante. — Você não é o único que faz isso.

Eu não falo muito. Nunca fui de falar, e certamente não enquanto eu estava lá dentro. Eu mantive a maioria das coisas para mim. Fico aliviado quando o motorista não se esforça para bater papo.

Olho pela janela, deixando a paisagem passar enquanto penso para onde posso ir. Cidades grandes onde posso desaparecer anonimamente passam pela minha mente, mas durante o passeio de vinte minutos, o único lugar que continua vindo à tona é a minha cidade natal, Beaverton.

Parece loucura voltar para uma cidade pequena onde a maioria das pessoas vai se lembrar do que você fez, mas de alguma forma me sinto compelido a pedir uma passagem para lá quando ando até o guichê da rodoviária.

CAPÍTULO 1

Gray

— Isso é muito.

Eu olho para a pilha de notas dentro do envelope que Jimmy enfia na minha mão, que deveria conter meus ganhos das últimas duas semanas.

Jimmy Olson ainda morava em Beaverton quando cheguei no mês passado. Éramos melhores amigos desde o ensino fundamental e ele até me visitou na prisão duas vezes, até que um dia me recusei a vê-lo. Minha cabeça estava fodida — inferno, provavelmente ainda está — e ver Jimmy sair de lá duas vezes quase me matou. Eu estava triste, com medo e estava lutando para encontrar meu equilíbrio interior. Por mais que vê-lo me desse um breve momento de alívio, ver aquela porta fechando atrás dele me deixava em carne viva.

A esperança se torna uma dor lancinante que cria cicatrizes em sua alma quando ela não tem para onde ir.

Era mais fácil viver sem ela, passar os dias numa tediosa repetição do anterior. Sem altos, sem baixos, apenas uma existência estreita dentro das paredes da minha prisão.

Mas a esperança se fez presente quando ele foi a primeira pessoa que vi ao descer do ônibus em Beaverton no mês passado. Bendito Jimmy Olson, saindo de uma lanchonete com um café na mão e indo até um caminhão de reboque vermelho, Automotiva Olson impresso na lateral.

Eu poderia ter fingido que não o vi, mas ele me viu. Como ele me reconheceu, não sei. Eu envelheci. Meu antigo cabelo escuro ficou completamente grisalho. Eu costumava ser maior do que sou agora, depois de descobrir que a academia da prisão não é um lugar que você vai querer estar sem

um bando atrás de você. Eu nunca tive um. Estou muito mais magro; o único exercício que eu fazia era o que dava para fazer na minha própria cela.

Ainda assim, ele deu uma olhada em mim e aquele sorriso de menino que me lembro muito bem se espalhou pelo seu rosto. Ele não havia mudado muito e aparentemente não tinha ressentimentos por eu tê-lo dispensado, porque veio correndo pela rua, me envolvendo em um abraço esmagador.

Porra, quase chorei ali na frente da rodoviária mesmo.

Uma hora depois, me mudei para o pequeno apartamento em cima do seu negócio. Costumava ser a garagem do velho Stephenson quando Jimmy e eu trabalhávamos lá, mas aparentemente ele morreu e Jimmy comprou o lugar. Fiquei chocado quando Jimmy disse que sabia que eu tinha saído da prisão — ele estava acompanhando — e esperava que eu fosse inteligente o suficiente para voltar para casa.

Ele me deu uma semana para me instalar; uma semana que passei quase toda isolado no pequeno apartamento que ele tinha abastecido com comida para que eu não precisasse sair. Depois daquela semana, ele irrompeu no apartamento às sete da manhã, ordenando que eu descesse e desse uma mãozinha. Tenho ficado por muito tempo na oficina desde então.

— Não é não. Você me fez vender as suas merdas, lembra? Estava guardado em uma conta poupança todo esse tempo, juntando poeira.

— Você está me zoando? Aqui tem pelo menos dez mil, minhas coisas não valiam mais do que algumas centenas de dólares.

— Dezessete mil trezentos e vinte e cinco dólares para ser exato — ele diz e meu queixo cai no chão. — A maior parte é da venda do seu velho Mustang.

— Aquilo era só tralha. Eu nem tinha começado a trabalhar nele — aponto, me lembrando do Mustang 1965 que comprei dos Coleman por míseros duzentos dólares. Era para ter sido o meu próximo projeto antes de tudo dar errado.

— Eu sei. Foi feito — Jimmy diz dando de ombros, e eu sinto minha garganta fechar. — Enfim, é melhor você abrir uma conta bancária, a menos que você queira andar por aí com esse dinheiro todo.

Abrir uma conta exigiria ir ao banco, a um prédio público, algo que não tenho certeza se estou pronto para fazer. Mesmo nas últimas semanas trabalhando na oficina, eu me mantinha fora de vista sempre que um cliente entrava. Jimmy parecia entender, pelo menos não havia comentado sobre. Ainda não.

— Eu sei. Eu vou. E Jimmy… obrigado, cara.

Ele dá de ombros novamente e vai para baixo da caminhonete que temos

no elevador automotivo.

— Só não gaste tudo de uma vez — ele murmura lá de baixo.

— Vou gastar para comprar uma passagem para Nova York — digo a ele, enquanto enfio o envelope no bolso e me escondo sob o capô do Charger que foi trazido esta manhã.

— Você vai? — Jimmy pergunta.

— Eu preciso. Nunca consegui me despedir de Reagan.

— Quem é Reagan? — Kyle, o aprendiz trabalhando conosco esta manhã, quer saber. Eu não conseguiria explicar, mas Jimmy responde por mim.

— A irmã dele, idiota. Ela morreu.

Eu olho para o garoto, que parece miserável.

— Já faz muito tempo — eu o asseguro. Ele assente com a cabeça, parecendo apenas um pouco melhor quando se vira para se concentrar nos pneus em que está mexendo. Ele não precisa saber que eu nem tinha começado a lidar com essa perda ainda.

São quase seis e meia quando Jimmy encerra os trabalhos.

— Quer ir comer alguma coisa?

Eu sei que ele está tentando me tirar daqui, mas assim como o banco, a lanchonete parece um lugar muito público. As chances de eu encontrar pessoas que se lembram de mim são grandes e ainda não estou pronto para encontrá-las. Além disso, já me acostumei com a minha própria companhia e por enquanto isso me basta.

— Acho que vou ficar por aqui. Tenho um livro para terminar — respondo.

É uma desculpa esfarrapada e tenho consciência disso, mas a ideia de entrar em uma lanchonete lotada me enche de ansiedade.

— Como você vai para Nova York se não consegue nem atravessar a rua?

Acho que é uma pergunta válida, e existe uma resposta simples e clara.

— Ninguém me conhece lá.



Robin

Eu gosto de ter as noites para mim.

No primeiro ano depois que Paige foi para a faculdade, fiquei desesperada tentando preencher qualquer tempo sozinha com atividades para

cobrir o buraco que ela deixou, mas hoje em dia fico perfeitamente satisfeita com apenas um livro ou um bom programa de TV e minha própria companhia.

Conversamos por telefone algumas vezes na semana apenas para manter contato e nos vemos em algumas ocasiões ao longo do ano. Desde que minha filha saiu de casa, nosso relacionamento passou por uma transição e devo dizer que gosto muito da conexão que compartilhamos agora. Somos iguais. Não carrego mais a responsabilidade única e pesada sobre a vida e o bem-estar de outra pessoa; ela mesma faz isso, e faz bem.

Paige tem vinte e três anos e se formou em maio como bacharel em Enfermagem pela Rutgers University em Nova Jersey. A alma mater de seu falecido pai, exceto que ele estudou contabilidade. Também era a minha, mas isso foi anos depois. Eu o conheci por acaso quando fui voluntária em um evento de ex-alunos e, menos de um ano depois, ele se foi quando engravidei dela. New Jersey é onde ela nasceu e onde moramos até nos mudarmos de volta para Michigan quando ela ainda era jovem.

Paige estava de olho na Rutgers, e quando minha filha quer alguma coisa, ela move céus e montanhas para conseguir. Apesar de sentir uma mistura de emoções, apoiei sua decisão. Ironicamente, ela gostou tanto de lá que decidiu ficar e procurar um trabalho e acabou encontrando-o em uma clínica médica. Ela adora, e, embora eu não goste dela morando do outro lado do país, fico feliz que ela esteja feliz.

Sou feliz aqui, onde não moro muito longe da minha mãe, que agora precisa mais de mim do que minha filha. Ela sofre um pouco desde que meu pai morreu, três anos atrás, com apenas sessenta e seis anos, de forma bastante inesperada. Eles sempre moraram em Lansing, onde ele trabalhou para a GM, na fábrica de montagem, por quase quarenta anos antes de se aposentar aos sessenta e cinco. Menos de dois anos depois, ele faleceu durante o sono de um ataque cardíaco fulminante. Eles tinham acabado de planejar o que deveria ter sido a lista de lugares que eles gostariam de conhecer.

Às vezes, a vida é uma merda.

Pego meu celular e ligo para minha mãe.

— Oi, mãe.

— *Querida, como você está?*

— Estou bem. Pensando em você.

— *Por quê?*

— Por nenhum motivo em especial. Falei com Paige hoje cedo e fizemos planos para eu passar uma semana lá no próximo mês, e estava pensando, você quer ir junto?

Já pedi à minha mãe para ir comigo visitar minha filha, mas ela sempre

recusa, e é por isso que fico surpresa quando ela parece considerar dessa vez.

— *Talvez. Depende.*

— Seria incrível. Paige iria amar. Me avise quando decidir, mãe. Eu posso reservar um voo para você.

O resto da conversa foi sobre seu último check-up, sobre minha tia, Ditty, que aparentemente tem um novo namorado — de novo — e fofocamos sobre um primo que está passando por um divórcio desagradável. Meia hora depois, estou mais atualizada sobre a família do que gostaria de estar.

Sempre fui a pessoa que ouve, e não a que fala, e é por isso que minha família sabe tão pouco sobre meus anos em Nova Jersey. Algo pelo qual sou grata, pois não teria servido de nada. Felizmente, Paige lembra pouco daquela época, então a única pessoa com lembranças ruins sou eu, e tenho meus jeitos de lidar com isso.

Sinto-me melhor por ter conversado com as duas pessoas mais importantes da minha vida e me acomodo com um livro e uma taça de vinho. Aprendi a ser grata pelas minhas bênçãos e ignorar as pequenas pontadas de desejo por coisas fora do meu alcance.



— Shirley ligou dizendo que está doente.

Estou vestindo meu avental quando Kim enfia a cabeça no pequeno escritório onde deixamos nossas coisas pessoais durante o turno.

Trabalho na Over Easy há mais de dez anos. Quando comecei, fazia apenas a contabilidade do restaurante por meio período e ainda conseguia encaixar alguns outros clientes, mas era pouco. Com Paige crescendo e ficando cada vez menos em casa, eu ansiava por interação humana. Uma das garçonetes de Kim saiu de licença maternidade e ela estava em apuros, então me ofereci para ajudar. Isso se transformou em um trabalho de tempo integral, enquanto ainda fazia a contabilidade do restaurante paralelamente. Desde então, abandonei meus outros clientes e trabalho exclusivamente na Over Easy.

Meus pais, assim como Paige, tiveram dificuldade para entender por que aceitei um trabalho que não pagava tão bem. Apesar do que eles acham que sabem, a verdade é que não preciso de muito. Eu tenho a minha pequena casa e o custo de vida aqui é relativamente baixo.

Houve um tempo em que eu tinha tudo — casa grande, carro chique, roupas de grife, cartões platinados —, mas nada disso me fazia feliz. Minha vida de agora sim, e isso inclui trabalhar na lanchonete.

— O que ela tem?

— Que está com gripe. — Eu noto o ceticismo no rosto de Kim.

— Mas...

— Mas eu não acredito. Ouvi Mike gritando ao fundo.

O casamento de Shirley não é um casamento feliz. Pelo menos não mais.

Dois anos atrás, seu marido Mike foi demitido da mesma fábrica da GM onde meu pai trabalhou a maior parte de sua vida e não conseguiu emprego de novo. Aos cinquenta e dois anos, é uma pílula difícil de engolir — eu entendo — mas o modo como Mike lida com isso é tomando todas e descontando sua frustração principalmente em Shirley.

Kim e eu conversamos sobre estarmos preocupadas com ela, especialmente nos últimos meses. Ela já ligou dizendo que estava doente algumas vezes e parecia que tinha envelhecido uma década. Exausta e pálida, seu sorriso exuberante de sempre agora era apenas uma sombra. Um de seus filhos está na faculdade e o outro trabalha em campos de petróleo no Canadá, então é só Shirley e Mike em casa.

— Vou tentar ligar para ela mais tarde, — me voluntario.

Shirley e eu não somos necessariamente melhores amigas — acho que ambas temos muito a esconder para isso — mas eu nos considero amigas e trabalhamos nesse restaurante juntas há anos.

— Certo. Liguei para Debra e ela virá em algumas horas, e Jason está na cozinha então eu consigo ficar no balcão e cuidar do caixa.

— Ótimo. Nós damos conta.

Esta não é a primeira vez que ficamos com apenas três de nós aqui, mas raramente em uma manhã de sábado.

A partir do momento em que destranco a porta, às sete horas, o lugar enche. Já tive que esquentar meu café duas vezes, e nunca consigo dar mais do que um gole rápido, torcendo para que seja o suficiente.

Foi difícil até ter paciência com a pobre Sra. Chapman que, como sempre, demorou-se com o cardápio, apesar de mostrar as mesmas coisas da semana passada. A viúva chega sempre no mesmo horário nas manhãs de sábado. Sua única indulgência semanal, ela me disse uma vez. Ela transforma isso em uma grande produção, finge que está em um restaurante chique, até se veste para isso, e geralmente entramos na brincadeira.

— Obrigada, Robin — ela diz sorrindo quando coloco a taça de vinho e a água com uma rodela de limão ao lado de seu prato. São pequenas coisas como essa; o jogo americano de linho e o guardanapo que Kim guarda só para ela, a xícara e o pires para seu café em vez de nossas canecas normais, o prato

sofisticado de sua comida simples, que tornam esta visita semanal dela especial.

— O prazer é meu. Deseja algo mais?

— Não, obrigada. Está ótimo.

Com um aceno de cabeça, me dirijo ao balcão, onde pego uma cafeteira para oferecer mais café a algumas das mesas. No canto mais distante, perto da janela, vejo um de nossos clientes regulares com alguns de seus amigos. Tank ocasionalmente vem sozinho durante a semana — ele é dono de um negócio na cidade — mas nos fins de semana durante o verão ele costuma vir com alguns de seus amigos motoqueiros para comer algo antes de cair na estrada. Eu olho pela janela onde suas motos reluzentes estão alinhadas no estacionamento.

Sempre sinto uma pequena adrenalina secreta ao me imaginar sentada atrás de uma dessas. Na verdade, nunca andei de moto, mas já fantasiei bastante.

— Oi, Robin.

— Bom dia. O que gostaria de pedir? — Depois de virar suas canecas e enchê-las, coloco a cafeteira na mesa e puxo o bloco de notas e a caneta do avental.

Anoto os pedidos e estou prestes a levá-los para a cozinha, quando uma mão me agarra pelo pulso.

— É hoje o dia em que consigo convencê-la a dar uma volta?

Sorrio para o rosto bruto, porém amigável.

— Desculpe, Tank. Valorizo muito a minha vida, — faço piada, e os outros homens da mesa dão risada. — Além do mais, estamos com poucos funcionários hoje.

Ele bate a mão contra o peito de forma dramática.

— Você me machucou, Robin. Eu juro que te manteria segura.

— Tenho certeza de que você vai sobreviver — provoco.

Ignoro a emoção que sinto toda vez que ele me convida, me perguntando brevemente se algum dia terei coragem de dizer sim. Em vez disso, eu pisco, pego minha cafeteira e vou para a cozinha.

Tenho certeza de que andar na garupa da moto de Tank traria algumas consequências e, mesmo ele sendo um cara legal, não acho que seria algo sensato a se fazer.

É mais seguro ficar as com minhas fantasias.

CAPÍTULO 2

Gray

— Você está bem?

Olho para cima e encontro uma aeromoça amigável inclinando-se sobre o assento vazio ao meu lado.

— Estou, — minto.

Minhas mãos estão segurando os apoios de braço com tanta força que os nós dos meus dedos estão brancos. Eu me forço a relaxá-los.

Para o meu alívio, ela apenas sorri e acena com a cabeça antes de seguir pelo corredor.

Não é tanto a parte de voar, mas sim de estar enfiado em um cilindro relativamente pequeno com asas que deixa a minha boca seca. Além disso, parece confinante aqui. Sem escapatória. Eu conscientemente estabilizo minha respiração antes de desmaiar por hiperventilação.

A única coisa boa de viajar é que ninguém me conhece. Eles não têm ideia de que estão olhando para um ex-presidiário, o que é algo que não posso dizer para as poucas pessoas a quem fui exposto em casa. Ainda estou me mantendo o mais discreto possível, mesmo depois de dois meses estando de volta. Na oficina, estou um pouco mais relaxado, mas ainda faço minhas compras tarde da noite para prevenir.

Tive a sorte de poder manter minhas habilidades enquanto estava encarcerado. Ser um mecânico licenciado me deu a vantagem de entrar no programa automotivo como mentor, me mantendo atualizado das mudanças na indústria. Como resultado, sinto que posso contribuir de forma significativa na oficina e estou até trabalhando com os poucos aprendizes que Jimmy contratou.

Ele diz que o negócio melhorou muito desde que comecei a trabalhar

ali. Tenho certeza de que ele diz isso apenas para me fazer sentir melhor por aceitar sua ajuda, mas isso não me faz ser menos grato por ele.

Jimmy também foi quem me pressionou a fazer esta viagem quando a ansiedade me fez querer desistir. Eu teria me encolhido no pequeno apartamento acima da garagem, mas ele me disse — de forma clara e pouco gentil — que eu não seria capaz de seguir em frente com o meu futuro se não enfrentasse o meu passado.

E é por isso que, por escolha própria, me trancafiei nesta lata de atum voadora com vários estranhos — para enfrentar o meu passado.

O sol está nascendo do lado de fora da pequena janela quando os motores rugem de repente, conduzindo o avião pela pista. Posso sentir o momento exato em que perdemos o contato com o solo, nosso caminho de repente se suaviza enquanto vejo a terra sumir abaixo de nós. Eu percebo que estou prendendo a respiração.

Só voei uma vez antes, quando era jovem e invencível. Jimmy e eu fomos para o México com um daqueles pacotes com tudo incluso. Não me lembro muito, só sei que tinha muita bebida e boceta envolvida.

Desta vez, sei muito bem como a vida é frágil, especialmente à mercê de um avião.

Também não haverá bebida ou boceta nesta viagem. Ficarei apenas por uma noite, o que já custou um bom dinheiro; eu não tinha ideia de como as coisas tinham ficado caras. Amanhã eu farei tudo isso de novo para voltar para casa.

— Gostaria de beber algo?

Eu olho para cima e encontro a aeromoça novamente, desta vez com um carrinho.

— Água, por favor.

— Fones de ouvido? — ela aponta para o monitor na parte de trás do assento na minha frente.

— Não, obrigado.

— Se precisar de algo, é só me chamar, sim?

Eu não sou idiota, mesmo que eu fosse cego e não fosse capaz de reconhecer o apelo em seus olhos, ainda seria capaz de ouvir o convite em sua voz. Mas não estou interessado.

Até os meus vinte anos, transei indiscriminadamente, mas agora não tenho interesse em continuar de onde parei. Me tornei bastante familiarizado com a minha mão nas últimas duas décadas. Ela e eu nos damos bem. Por enquanto.

Em vez de assistir a algo estúpido naquela pequena tela na minha frente,

pego o telefone que Jimmy me fez comprar. Um iPhone, seja lá o que isso signifique. Eu tinha um daqueles celulares de abrir antes de entrar na cadeia, mas aparentemente não funcionam mais. Então agora eu tenho essa coisa elegante que não tem nem a porra dos botões.

Kyle me ensinou a usar. Ele até baixou algo para que eu pudesse jogar Sudoku. Eu me tornei muito bom nisso na prisão. Descobri que é uma ótima maneira de passar o tempo. Tão boa que nem percebo que já tinha se passado uma hora e meia, quando o piloto anuncia pelo microfone que começamos a descer e a luz do cinto de segurança acende novamente.

Em vez de me juntar à multidão que se move lentamente em direção a saída, fico no meu lugar até que o corredor esteja livre antes de pegar minha bolsa no compartimento acima.

— Obrigado — resmungo para a comissária de bordo, que tenta segurar minha mão, mas sou muito hábil em evitar contato físico e já estou fora do avião. Uma rápida olhada por cima do meu ombro a mostra agachada pegando um pedaço de papel que com certeza continha o número de telefone dela.

Sem bagagem para pegar nas esteiras, sigo para a saída, estremecendo com os cheiros, sons e multidões. Eu sinalizo para um táxi e dou ao motorista o endereço do hotel.

São apenas sete e quinze da manhã e já sinto que viajei para um mundo completamente diferente.

O recepcionista do hotel me diz que é muito cedo para fazer o check-in, mas que posso deixar minha mala com o concierge e buscá-la mais tarde, o que faço. Em seguida, volto para a rua, seguindo as instruções que imprimi no escritório de Jimmy, nos fundos da oficina.

Já havia uma multidão considerável reunida em volta do monumento. Por um momento, penso em voltar para o hotel, mas vim com um propósito. Eu devo a Reagan um adeus adequado.

Eu caminho entre corpos até a borda da primeira das piscinas gêmeas, que caíam em cascata no vazio deixado pelos prédios que já existiram ali. Eu já tinha visto fotos do memorial e sabia que em algum lugar no parapeito de bronze, ao longo da piscina norte, o nome Reagan Bennet estaria gravado.

Dezoito anos atrasado, mas finalmente estou aqui para reivindicar minha irmã.



Robin

— O que você está fazendo acordada tão cedo?

Merda. Eu esperava conseguir escapar de fininho e deixar um bilhete para ela.

Mamãe entra na sala de estar da pequena suíte de dois quartos que reservei quando ela me disse que viria. Paige tem um pequeno quarto de hóspedes que só acomoda uma cama de solteiro, então, em vez disso, estamos em um hotel a apenas um quarteirão de distância da casa dela.

— Eu só ia sair um pouco, mãe.

Chegamos aqui anteontem e tivemos a chance de passar um tempo com Paige, que tinha que trabalhar hoje. Meu plano era pegar um táxi para o centro da cidade, a apenas vinte minutos do hotel, e depois voltar aqui para levar minha mãe para almoçar. Hoje à noite, Paige deve se juntar a nós para jantar e ver o *Tribute in Light*.

— Você está indo lá, não está? — ela pergunta, já sabendo a resposta.

— Você se importa?

— Não, querida. Eu entendo que você precisa de um tempo sozinha. Não tenho intenção de interferir nisso. Fico feliz em ficar por aqui, talvez ler um pouco, até você voltar.

Caminho até ela e a envolvo em um abraço.

— Obrigada, mãe. Vamos almoçar quando eu voltar, certo? Talvez experimentar aquele lugar caribenho no fim da rua? Eles têm um belo pátio ao ar livre e aparentemente vai ser um dia claro e ensolarado.

— Parece ótimo. Se cuide.

Eu dou um beijo em sua bochecha e lanço um sorriso a ela antes de sair do quarto.

Meia hora e quarenta dólares depois, desço no meio-fio e subo os degraus até o memorial. Eles já começaram a leitura dos nomes e encontro um lugar ao lado de um vaso de flores onde consigo ouvir bem. É um longo processo — muitos nomes — e por mais que eu sofra por aqueles também sofrendo ao meu redor, não posso deixar de fechar os olhos e respirar fundo ao ouvir o nome pelo qual estou esperando.

É a mesma coisa todos os anos, a dor da perda tão evidente ao meu redor é um bom lembrete de como somos frágeis.

No entanto, cada vez que retorno a este lugar, me sinto mais abençoada.

— Nunca fica mais fácil, não é? — Uma mulher da minha idade se senta ao meu lado. Não tenho coragem de discordar dela.

— Não.

— Você vem todo ano?

— Desde que o memorial ficou pronto, sim — respondo.

— Eu também. Poderoso, não é?

— É.

— Seu marido? — ela pergunta.

— Sim. E você?

— Também. Bombeiro.

— Meu marido tinha vindo para uma reunião.

Compartilhamos os detalhes com naturalidade, acenando uma para a outra em reconhecimento. Algo traz cada uma de nós de volta ano após ano, mas duvido que nossas motivações sejam as mesmas.

— Você tem filhos? — pergunto, curiosa. A mulher sorri.

— Dois meninos e uma menina. Foi o pai dos meninos que morreu, tive minha filha com o meu marido atual. — Ela inclina a cabeça levemente. — E você?

— Tivemos uma filha juntos. Só.

— Você se casou de novo?

Em qualquer outra circunstância, essas perguntas teriam sido pessoais demais para um encontro tão casual assim, mas de alguma forma não pareciam aqui.

— Nunca.

Por alguma razão, isso me faz chorar, e a mulher — cujo nome eu nem sei — aperta brevemente minha mão. Mal sabe ela que minhas emoções têm pouco a ver com a perda do homem que era meu marido. Lamento pelos anos que permiti que ele tirasse de mim muito depois que ele já tinha partido.

É por isso que venho aqui. Para me lembrar que ainda estou aqui, ainda respirando, ainda vivíssima.

— Você está pronta? — Um homem bonito que eu imagino ser um pouco mais velho se aproxima, colocando a mão no ombro da mulher.

— Estou — ela responde, se levantando. Então ela se vira de volta para me olhar. — Boa sorte — ela diz simplesmente.

— Para você também.

Com um sorriso e um aceno, ela une seu braço ao do homem e sai andando.

Permaneço sentada, esperando a multidão diminuir um pouco antes de me levantar e caminhar até a beira da piscina norte, onde sei que seu nome está gravado pela eternidade. Chegando lá, passo meus dedos por cima dele.

Então eu levanto meu rosto para o sol e abro os meus braços, abraçando o calor que irradia dele. O sabor da liberdade enche meus sentidos e sinto um sorriso se formar em meus lábios.

Quando respiro fundo pela última vez, antes de finalmente olhar ao meu

redor, noto algumas pessoas tentando não encarar. Abro um sorriso gentil para elas e ando pela passagem entre as piscinas, para chegar ao outro lado, onde posso pegar um táxi.

Alguém na minha frente de repente dá um passo para o lado e quase esbarro em um homem que vem na direção oposta. Mãos fortes me seguram pelos ombros quando tropeço e olho para cima.

Eu noto seus olhos azuis pálidos primeiro. Eles estão focados no meu, me estudando com as sobrancelhas franzidas entre eles.

— Desculpe — ele murmura, sua voz áspera.

— A culpa foi minha, não estava prestando atenção — respondo rapidamente, dando um passo para trás.

Não consigo deixar de olhar para ele. Desde os cabelos grisalhos espetados como se ele tivesse acabado de passar a mão por eles até a boca firme emoldurada por uma barba grisalha curta e um tanto despenteada. Uma jaqueta de couro preta cobre uma camiseta branca sobre um par de jeans desgastados.

Percebo que estou olhando para ele com cobiça, mas ele parece estar fazendo o mesmo comigo. Eu não estou tão atraente quanto ele. Escolhi o conforto esta manhã quando estava me arrumando, não sequei meu cabelo, estou sem maquiagem e estou usando calças camufladas largas, tênis branco e uma camiseta branca de mangas compridas por baixo do meu colete puffer vermelho.

Eu não esperava ser examinada da maneira que esse homem estava fazendo nesse impasse esquisito.

— Eu... — começo, mas antes que eu possa levantar minha mão para me apresentar, ele de repente sai andando pelo meu lado.

Eu me viro apenas para vê-lo se afastando, esquivando-se dos corpos antes de desaparecer na multidão. Estranho.

CAPÍTULO 3

Gray

Não tenho certeza do que me atraiu para ela primeiro.

Meus dedos tinham acabado de encontrar o nome que eu estava procurando e o traçavam letra por letra, até que eu pude sentir meu coração endurecido quebrar e sangrar pelo que sobrou da minha irmã. O aperto no meu peito era tão intenso que achei que nunca conseguiria encontrar minha próxima respiração. A atmosfera sombria, o ar pesado de tristeza, os rostos tensos ao meu redor... e ela.

Com a cabeça jogada para trás, ela parecia estar reverenciando o sol, sua pose quase sacrílega.

Em contraste com aqueles ao seu redor, esta mulher parecia aliviada.

Meus pés começaram a se mover por conta própria, até que eu literalmente esbarrei nela.

Eu balanço minha cabeça, afastando as memórias de hoje cedo. Por aqueles poucos momentos, esqueci quem eu era. Idiota. Eu me forço a não escanear a multidão em busca de um vislumbre de vermelho, ou aquela cabeleira selvagem, e em vez disso olho para cima, onde duas colunas de luz perfuram o céu escuro.

O cachorro-quente que comprei de um vendedor ambulante mais cedo está começando a queimar meu estômago enquanto volto para o hotel. Estou destruído. Acordei bem de madrugada para chegar aqui e estou sobrecarregado pela multidão e pelas emoções surpreendentemente cruas, este foi um dia longo pra caralho.

Passei horas no museu esta tarde, tocando as colunas retorcidas de aço, olhando para o muro de contenção original que segurava o rio Hudson; os restos

da minha irmã para sempre farão parte da paisagem. Não sou um homem de fé, mas rezei por ela ali, sentado em um banco nas entranhas do que um dia foi o World Trade Center, me sentindo conectado a ela de uma forma que fez os pelos do meu braço se arrepiarem.

Agora estou exausto. Eu fiz o que vim fazer aqui e mesmo assim sei que voltando para casa amanhã aqueles fantasmas ainda estarão lá comigo.

O 11 de setembro foi um catalisador brutal para o caminho sombrio que se seguiu.

— Como posso te ajudar?

O jovem atrás do balcão da recepção sorri de forma agradável quando eu me aproximo.

— O concierge está com a minha bolsa. Cheguei cedo demais para fazer o check-in.

— Claro, seu nome, por favor?

Eu dou a ele meu nome e enquanto ele sai em busca das minhas coisas, aguardo examinando o luxuoso saguão. Pisos e colunas de mármore, cobre e carvalho reluzentes, e tudo tão distante do que conheço que é surreal. Não consigo me imaginar dormindo no que tenho certeza de que será uma cama macia cercada por esse nível de luxo.

Eu não pertenço aqui.

— Você pode chamar um táxi para mim para o aeroporto de Newark? — pergunto quando o recepcionista do hotel volta com a minha bolsa.

Ele parece ficar confuso com o meu pedido.

— Não sei se entendi. Você não estava fazendo o check-in?

— Mudei de ideia.

— Senhor, não há mais a possibilidade de reembolso.

Quase trezentos dólares por um quarto em que nunca nem coloquei os pés e não dou a mínima.

— Estou ciente. Não importa, preciso ir.

Abandonando todo o fingimento, o homem olha para mim com um leve desgosto enquanto pega um telefone. Eu o ouço pedir um táxi para mim e aceno com gratidão antes de sair para esperar minha carona.

O aeroporto está muito mais silencioso do que quando cheguei esta manhã. O funcionário da United que vejo atrás do balcão me informa que estou muito adiantado para fazer o check-in, então vou até uma cafeteria no terminal, compro uma garrafa de água e procuro um lugar para passar a noite. Não demoro muito para encontrar uma fileira vazia de assentos. Todos eles com apoio de braço. Usando minha bolsa como travesseiro, me deito no chão em frente e fecho os olhos.

— Com licença.

Assustado, eu rapidamente me sento, quase derrubando o guarda agachado ao meu lado.

Levo um minuto para me orientar. Meu primeiro pensamento é que estou atrás das grades novamente, o uniforme do homem era semelhante ao dos guardas da prisão. No entanto, eles nunca eram educados nos acordando. Normalmente, era acompanhado de um barulho agudo na porta de aço me trancando. Então, meus arredores tornam-se claros e percebo que estou no aeroporto, esperando pelo meu voo.

— Desculpe te assustar — o homem mais velho diz. — Você estava dormindo profundamente e eu estava com medo de você perder seu voo. São quase oito e meia.

— Merda! — Eu me esforço para ficar de pé. — Meu voo sai em trinta minutos.

— Para onde?

— Detroit. — Meus olhos correm pelo terminal tentando descobrir para onde ir.

— Venha comigo — ele diz, sem esperar por uma resposta enquanto começa a se afastar em um ritmo rápido. Corro atrás dele, esperando que ele possa me ajudar a chegar no local do meu voo.

Com apenas alguns minutos de sobra, corro até o portão onde um atendente verifica meu cartão de embarque e acena para que eu passe. Sem fôlego, eu caio em meu assento perto da janela, desejando que meu coração desacelere. Momentos depois, o avião se afasta do portão e eu estou mais uma vez agarrado aos apoios de braços quando decolamos.

Mal posso esperar para chegar em casa.



Robin

Estou congelada no meu assento, algumas fileiras atrás dele.

Ele nunca olhou para mim, e mesmo que tivesse, não acho que teria me reconhecido. Não há razão para acreditar que nosso breve encontro de ontem tenha causado tanto impacto nele quanto causou em mim.

Mas quais são as chances? Eu nem deveria estar neste voo, mas Kim ligou ontem à noite, dizendo que Shirley estava no MidMichigan Medical Center, em Clare. Um vizinho ligou para a emergência depois de encontrar

Shirley sangrando em sua varanda.

Liguei imediatamente para a companhia aérea e consegui mudar meu voo para o primeiro disponível para Detroit esta manhã. Minha mãe decidiu ficar e Paige iria ajudá-la a levar suas coisas do hotel para seu apartamento hoje, já que eu tive que ir embora mais cedo.

O homem de olhos azuis ficou na minha cabeça até que o telefonema de Kim a clareou, e a única coisa que pensei desde então foi na pobre Shirley. Aparentemente, Kim está acampada no hospital e a mensagem que recebi esta manhã detalhava a extensão dos ferimentos de Shirley. A lista não é nada agradável: mandíbula inchada, corte de sete centímetros na cabeça, dois dentes quebrados, antebraço quebrado e várias costelas machucadas. Ele pegou pesado com ela dessa vez.

— Por favor, coloque o seu cinto.

O simpático comissário de bordo indica o cinto que eu estava afivelando quando ele chegou correndo.

— Ah, sim, claro — murmuro com um sorriso apologético, terminando rapidamente a tarefa.

Meus olhos vagam pelos assentos à minha frente, focando nos fios cinzas que se erguem três fileiras a frente. Eu me pergunto se ele perdeu alguém quando as torres caíram. Ao longo dos anos, encontrei um número surpreendente de pessoas que conheciam alguém que morreu naquele dia. Claro, quando elas descobrem que o meu marido foi uma delas, sempre atraio olhares de simpatia. Era melhor guardá-los para alguém que realmente os merecesse.

Tento me distrair com algum programa de culinária que encontrei no pequeno monitor à minha frente, já que esqueci meu livro no hotel quando saí correndo esta manhã. Eu tenho um aplicativo do Kindle no meu celular, mas não quero gastar minha bateria lendo. Além disso, não acho que ler seria suficiente para distrair a minha mente agora.

Mais ou menos na metade da Pavlova que os três competidores deveriam criar, minha vizinha — uma senhora mais velha com um hálito dolorosamente ruim — começa a puxar conversa. Olho educadamente para as fotos do novo netinho que ela tinha ido visitar e, para minha surpresa, o tempo passa rápido.

Tinha quase me esquecido de Olhos Azuis quando me levanto para sair do avião com os outros passageiros e o vejo ainda em seu assento. Ele está olhando pela janela, suas costas largas — ainda vestindo a jaqueta de couro preta — viradas para o corredor. Eu quase estendo a mão para dar um tapinha em seu ombro para que ele possa ir na minha frente, mas, no último segundo, a fila começa a se mover novamente, me levando junto.

Meu carro está em um estacionamento e eu agradeço mentalmente quando ele liga sem problemas. Ele está velho já tanto em anos quanto em quilometragem. Comprei novo quando voltei para Michigan e deveria ser substituído. Infelizmente, o que posso pagar agora versus o que podia antes mudou muito.

Eu teria depositado todo o dinheiro da apólice de seguro para Paige, mas precisávamos de um teto para morar e um meio de transporte. Comprei o pequeno rancho de dois quartos fora da cidade e um Mazda Tribute padrão. Sem nenhum recurso adicional. O resto do dinheiro guardei para Paige. Foi usado para sua matrícula e o restante foi para sua conta bancária quando ela completou 21 anos.

Tento não ultrapassar nenhum limite de velocidade na viagem de duas horas e meia até Clare, mas estou ansiosa para chegar ao hospital. Kim mencionou que ficaria com Shirley, mas ela também tem uma lanchonete para administrar, então não queria perder tempo parando em casa. Não pensei em perguntar se os filhos dela foram avisados e talvez estivessem a caminho, mas acho que vou descobrir quando chegar lá.

É um pouco depois da uma da tarde quando entro no estacionamento do hospital e meu estômago ronca de fome. O café da manhã foi uma barrinha de granola que comprei em uma lojinha no aeroporto, e isso foi às seis da manhã. O cheiro de café fresco e doces me invade quando entro no saguão. Olho para a cafeteria, mas decido encontrar Shirley primeiro.

— A sra. Hancock está no quarto 317 — a atendente da recepção me informa. — No terceiro andar e à sua direita.

— Obrigada. — Dou um sorriso para ela por cima do ombro enquanto vou para os elevadores que ela indicou.

No andar, encontro facilmente o quarto. Shirley está encolhida na cama, mas antes que eu possa entrar, Kim se levanta da cadeira no canto e pressiona um dedo nos lábios enquanto caminha em minha direção.

— Ela acabou de pegar no sono — ela sussurra e me conduz de volta para o corredor.

Paramos no posto de enfermagem, onde ela diz à uma jovem que está em um computador que a Sra. Hancock está dormindo e que vamos descer para o saguão antes de me arrastar de volta para os elevadores.

— O que está acontecendo?

— Ela ficou acordada a noite inteira — Kim resmunga, passando a mão pelo cabelo bagunçado. — Primeiro discutindo comigo sobre chamar ou não os meninos. Eu queria, mas ela foi veementemente contra. Diz que não quer alarmá-los desnecessariamente. Você acredita nisso? Alarmá-los? — Ela bufa

agitadamente com os lábios franzidos antes de continuar. — Então, quando os policiais vieram para pegar seu depoimento hoje de manhã, ela disse que caiu da escada. Não que eles tenham acreditado nela. Eles não precisavam que ela prestasse queixa contra Mike, e estou esperando para saber se eles já o pegaram.

— Jesus. Então, além de teimosa, como ela está? — pergunto, seguindo Kim com gratidão até a cafeteria.

— Comendo com um canudinho até um futuro próximo, até que seus dentes possam ser consertados e sua mandíbula cicatrize. Eles tiveram que fazer uma cirurgia em seu antebraço, ela ainda está grogue por causa da anestesia.

— Aquele idiota — eu rosno.

— Nem me fale. Ela vai precisar de cuidados por um tempo.

Nem penso, apenas reajo.

— Ela pode ficar comigo.

Gosto de pensar que, se eu tivesse amigos em quem eu pudesse confiar naquela época, poderia ter fugido antes, mas todos os amigos eram dele, não meus.

— Eu posso ficar com ela — Kim contesta, virando-se para o garoto atrás do balcão para fazer um pedido e eu rapidamente peço também.

— Você tem esposa e filhos pequenos em casa, além de uma lanchonete para administrar. Você está cheia de coisas. Eu tenho espaço e tempo — eu insisto enquanto esperamos nossos pedidos.

É verdade. Apenas dezesseis meses depois que Kim e seu amor de longa data, Janice, se casaram, ela deu à luz seu primeiro filho, Chester. Há menos de dois anos atrás, Janice teve Amber, uma garotinha para completar a família. Com dois filhos menores de cinco anos, uma casa cheia e um negócio em tempo integral para cuidar, tenho certeza de que elas têm coisas melhores para fazer do que cuidar de Shirley.

— Justo — Kim diz, a boca cheia com o croissant de queijo. — Ela pode ficar com você, mas você vai me prometer que vai avisar se precisar de ajuda.

— A primeira coisa que precisamos fazer é convencê-la a chamar seus filhos — sugeri, afundando meus dentes em meu próprio almoço e gemendo com o gosto amanteigado.

— Tenha piedade. — Kim finalmente me encara enquanto eu aprecio cada mordida de forma audível. — Não vejo minha esposa a mais de vinte e quatro horas.

Reviro os olhos.

— Muita informação, Kim. Ninguém quer saber disso.

Claro que ela acha isso engraçado. Ela abre a boca para dizer mais

alguma coisa, tenho certeza de que não preciso ouvir, então enfio rapidamente o resto do meu sanduíche na boca e me levanto para jogar o guardanapo e o copo de café no lixo.

— Vamos. — Eu cutuco seu ombro enquanto ela joga fora o resto de seu café.

Entramos na sala enquanto uma enfermeira está medindo a pressão sanguínea de Shirley. Seus olhos estão abertos e brevemente param em mim antes que ela vire a cabeça.

Estamos prestes a entrar em uma batalha.

CAPÍTULO 4

Robin

— Tenho uma consulta amanhã.

Shirley olha para mim de seu assento no meu sofá enquanto entro.

Já se passaram quase duas semanas desde que eu a trouxe para casa e estou prestes a arrancar os cabelos. Ela tem estado impassível esse tempo todo. Presa em negação. Se recusando a nos deixar ligar para seus filhos, a falar sobre empacotar algumas de suas coisas ou de discutir qualquer coisa relacionada a seu futuro.

Não que eu a culpe. Acho que todo mundo precisa de tempo para processar que sua vida não será mais a mesma de antes. Para alguns é difícil ver algo além da situação em que estão.

A única coisa que Kim e eu conseguimos fazer com que ela concordasse, com a ajuda do policial gentil que foi ao hospital, foi uma ordem de restrição contra Mike. Ele foi acusado de agressão doméstica, mas já havia saído sob fiança e estava andando livre pelas ruas.

Esta manhã, ela prometeu entrar em contato com seu dentista para marcar uma consulta e consertar seus dentes, depois de pressioná-la sobre o assunto por uma semana inteira.

Pequenos passos.

— Que ótima notícia. — Eu sorrio para ela e vou até a ilha da cozinha, deixando as coisas que comprei no mercado depois do trabalho. — Quando ele vai te ver?

— Quinta às duas horas.

— Kim ou eu podemos te levar, damos um jeito.

— Na verdade… — Desvio os meus olhos da tarefa de esvaziar as

sacolas no balcão e olho para ela. — Tem mais uma coisa. — Ela abaixa os olhos para onde seus dedos estão se mexendo nervosamente em seu colo. — Tenho uma tia em Grand Rapids com quem conversei hoje de manhã. Ela quer que eu vá ficar com ela. O único problema é que ela não dirige. Eu sei que estou pedindo muito, mas você acha que teria como me levar até a casa dela na quinta-feira depois da minha consulta?

Eu coloco a caixa de biscoitos que eu estava segurando no balcão e vou me sentar ao lado dela no sofá, segurando sua mão boa.

— Parece que você fez um pouco mais do que apenas marcar dentista.

— Você está chateada?

— Quem, eu? Por que estaria?

— Sou muito grata a você por me deixar ficar aqui, por ter cuidado de mim, mas sinto que preciso sair daqui. De Beaverton, quero dizer — ela adiciona rapidamente. — Recomeçar, entende?

Entendo melhor do que ela imagina. Além do mais, uma distância maior entre ela e aquele babaca será mais seguro para ela. Não que tenhamos ouvido ou visto algo sobre ele, mas seria ingênuo pensar que depois de tantos anos de abuso ele simplesmente a deixaria ir embora. As estatísticas mostram que a eficácia das ordens de restrição em casos de violência doméstica é bem limitada.

— Foi um prazer, e se vale de algo, acho que você está fazendo a coisa certa. Um recomeço é provavelmente tudo o que você precisa no momento, e ficarei feliz em levá-la a Grand Rapids.



— Vou ligar para eles.

Dou uma olhada rápida em Shirley antes de me concentrar de novo na estrada.

— Meus meninos — ela esclarece. — Quando eu chegar na casa da minha tia, vou ligar para eles.

Estico a minha mão e aperto a dela.

— Fico feliz. Talvez eles tenham tentado entrar em contato com você todo esse tempo e estão preocupados.

— Eles não ligam com frequência — admite suavemente. — Eles estão chateados comigo há anos por eu ter ficado.

— Seus filhos sabem?

— Ele nunca foi um homem de fácil convivência. Eles sabem disso. A violência física só começou depois que o mais novo foi para a faculdade alguns

anos atrás, mas acho que talvez eles consigam imaginar. Mike acreditava muito em punição física quando os meninos estavam crescendo. — Ela suspira profundamente. — Tenho medo de que eles fiquem bravos por eu ter esperado tanto tempo.

— Ou talvez apenas felizes por você finalmente ter encontrado a coragem para ir embora — sugeri.

— Talvez — ela repete tristemente.

Sua tia, Meg, é uma mulher rechonchuda com um sorriso radiante e que conquista um lugar no meu coração quando cumprimenta Shirley com:

— Nunca gostei daquele babaca. É muito feio eu querer que ele apareça só para eu poder usar minha espingarda novinha em folha?

Eu rio apesar dos protestos de Shirley e tia Meg pisca para mim por cima do ombro de sua sobrinha. É evidente que ela ficará em boas mãos.

Aceito o convite para jantar, e até fico para o chá e para a fatia de torta de maçã oferecidos, antes de me despedir.

— Desculpe por estar deixando vocês com uma garçonete a menos. — Shirley funga no meu ombro, enquanto eu a abraço com cuidado.

— Não se preocupe com isso. Kim já está com algumas entrevistas agendadas. Teremos a vaga preenchida em pouco tempo — asseguro.

— Obrigada. Por tudo.

— Sempre e quando precisar. De verdade. Pode demorar um pouco até você se estabilizar de novo, mas você vai. Eu prometo.

Enquanto dirijo para longe da casa da tia dela, lembro de dizer a mim mesma a mesma coisa anos atrás. Há muitos anos. Não é até agora, vendo Shirley dar os primeiros passos em direção a liberdade, que percebo o quão longe cheguei, e, mesmo assim, ainda estou apegada ao passado.

Tenho quarenta e cinco anos — quase quarenta e seis — e passei os últimos dezoito caminhando cautelosamente na ponta dos pés pela vida. Encontrei estabilidade; tenho um teto sobre minha cabeça, um trabalho que paga as contas e uma filha que está trilhando seu próprio caminho. É hora de jogar a cautela ao vento e começar a viver de forma ativa novamente.

O homem com os olhos azuis pálidos e intrigantes imediatamente vem à minha mente, junto com o arrependimento de não ter aproveitado a oportunidade para falar com ele.

Estou a cerca de quinze minutos de casa quando meu carro morre.

Gray

— Você deveria vir conosco hoje à noite. Sair um pouco.

Observo o último cliente do dia saindo do estacionamento na caminhonete que acabei de substituir as pastilhas de freio antes de me virar para Jimmy.

— Estou de boa.

— Qual é — ele pressiona. — Já se passaram mais de dois meses e pouco desde o seu passeio de vinte e quatro horas para Nova York, e desde então você mal saiu daqui. Pelo menos venha comer alguma coisa, conhecer os caras. Alguns deles já passaram pelo que você está passando.

Ele me convidou pelo menos meia dúzia de vezes nas últimas semanas e, embora eu não me esconda mais quando alguém entra na oficina, é diferente sair. Ele também mencionou que alguns de seus amigos motoqueiros já cumpriram pena antes.

Talvez esteja na hora. Ou eu me mudo para algum lugar que as pessoas não me conheçam, ou fico aqui e enfrento o que quer que esteja no meu caminho. Tudo o que estou fazendo agora é apenas prolongar a sentença que já cumpri em sua totalidade.

— Ok, tudo bem. Tenho tempo para tomar um banho?

Com um sorriso largo, Jimmy coloca a mão no meu ombro.

— Claro. Vou tomar um rapidinho também. Volto em vinte minutos para te buscar.

Concordo com a cabeça, grato por ele parecer entender que entrar em um restaurante sozinho seria muito mais difícil. Só espero não o desapontar. Eu não sou exatamente o cara mais sociável do mundo para ter por perto. Do lado de dentro, eu me atenho aos meus livros, evito a maioria das interações e levo uma existência bastante solitária. Ficar sentado, falando merda, com um monte de amigos dele pode ser mais do que eu consiga entregar.

Mas posso tentar.

Vinte minutos depois e recém-banhado, espero do lado de fora da oficina quando Jimmy aparece em sua moto.

— Eu não vou andar nisso — anuncio quando ele para na minha frente.

— Não se preocupe. Você não é bonito o suficiente de qualquer maneira — ele fala inexpressivamente. — Nós vamos andando. É apenas dois quarteirões de distância. Eu volto para pegar a moto depois.

Pelo que me lembro, Beaverton tinha poucos restaurantes, dois daqueles fast food, uma churrascaria, uma taverna e a lanchonete a dois quarteirões de

distância. Eu suponho que é para lá que estamos indo.

— Hudson’s Diner?

— Se chama Over Easy agora. Os Hudsons se aposentaram… caramba, faz muito tempo. A filha deles assumiu. Lembra da Kim?

Sim, eu me lembro da Kim. Ela trabalhava no negócio dos pais desde os quatorze anos, dois anos atrás de mim na escola. Eu notei porque ela era uma das garotas mais bonitas da cidade na época. Não consigo me lembrar quantas vezes ela me rejeitou quando eu a chamava para sair. Porra, eu costumava ser um idiota arrogante, e ela abalou seriamente a minha confiança.

Me lembro do alívio que senti quando ela saiu do armário e percebi que não era eu; era o meu gênero. Não deve ter sido uma época fácil para ela. Em uma cidade pequena, qualquer pessoa diferente do que as pessoas consideram normal se destaca.

— Sim, lembro. Costumava ter uma quedinha por ela — admito sorrindo.

— Porra, sim, eu também, e acho que não éramos os únicos. Ela ainda é linda, mas sua esposa também.

Viro para ele com as sobrancelhas arqueadas.

— Esposa?

— O casamento gay foi legalizado em 2015, irmão. Ela não perdeu tempo. Elas também têm filhos.

Tento não pensar muito na logística. Não é da minha conta.

— Bom para ela — murmuro.

— Eu também fiz um test drive de casamento.

O olho de canto e encontro-o com um sorriso travesso no rosto.

— Quem foi a azarada?

— Vai se foder. Você não conhece. Eu a conheci em um rali de moto em 2005. Ela montou na minha moto e voltou para Beaverton comigo. Foi embora de carona três meses depois.

— O que aconteceu?

Ele deu de ombros.

— Ela era selvagem. Não conseguia acompanhar toda a merda que ela fazia. Terminei com ela depois de menos de um ano.

— Sem filhos?

— Deus, não. Ela estava tão longe de ser uma boa mãe que chegava a ser preocupante, e, honestamente, eu também não estava pronto para ser pai.

— E agora? — pergunto.

Estou curioso. É um problema com o qual lutei, especialmente no início; o conhecimento de que nunca teria filhos. Houve um tempo em que eu quis isso

— filhos, uma família — mas nunca colocaria o fardo de ter um pai assassino em uma criança. Porra, eu vivi isso.

Jimmy dá de ombros.

— O que acontecer... aconteceu. Mas tenho os pés firmes, eu provavelmente deveria conhecer uma boa mulher primeiro.

Eu rio quando ele abre a porta da lanchonete. Está praticamente igual, embora eu consiga perceber que houve algumas mudanças.

— Gray Bennet!

Ah, merda.

Percebo as cabeças virando em minha direção antes de ver uma versão mais velha, mas ainda bonita, de Kim vindo em minha direção. O sorriso em seu rosto não é exatamente o que eu esperava, nem o abraço esmagador que ela me envolve.

Jesus. Tenho que lembrar ao meu corpo que esta mulher está tão fora de alcance quanto a deslumbrante desconhecida de Nova York que tem atormentado meus sonhos.

— Kim — resmungo, saindo de seu abraço.

— Deus, é bom ver você. Faz quanto tempo que você voltou? Ouvi rumores de que você estava na cidade.

— Bom te ver também. Voltei em julho.

Ela abre a boca para dizer algo quando de repente parece perceber que nos tornamos o centro das atenções.

— Merda — ela sibila, se inclinando em minha direção. — Teremos que botar o papo em dia mais tarde. Estou com uma garçonete a menos hoje.

Aliviado, aceno com a cabeça antes de seguir Jimmy até a mesa redonda no canto, onde quatro caras de aparência durona estão sentados, observando nossa aproximação.

— Tank — o de cabeça careca e cavanhaque diz a Jimmy.

— Rooster — ele responde.

— Tank? — repito antes de perceber.

Meu amigo sorri timidamente.

— Meu apelido de estrada. — Então ele se vira para os amigos. — Galera, esse é o Gray. Gray, da esquerda para a direita; Bear, Tattoo Bob, Shortie, e aquele é Rooster.

Os caras resmungam um cumprimento e eu retribuo o favor antes de me sentar em um lugar livre. Kim aparece logo depois para anotar os pedidos.

Eu como e principalmente escuto a conversa sobre um evento em Kalamazoo que eles vão no próximo final de semana.

— Você vem? — Shortie me pergunta. Um nome irônico, já que ele tem

pelo menos 1,80, se não mais.

— Precisamos de alguém para dirigir o trailer — Bear adiciona.

— Você deveria. — Jimmy me cutuca. — É tipo um encontro de troca de peças gigantesco. Lá tem todos os tipos de peças de moto que você pode imaginar. Aposto que eles devem ter até aquelas peças que faltavam naquela sua velha Knucklehead.

— Seria um ponto discutível, já que ela se foi há muito tempo — eu aponto.

Encontrei aquela moto velha no lixão em Clare, quando estava procurando peças para o meu Mustang. Faltava uma roda traseira e a maior parte do bloco do motor estava sem peças, mas o assento, a estrutura e o tanque ainda pareciam estar em boas condições, então a coloquei na caçamba da minha velha picape.

Era para ser o meu próximo projeto depois que eu terminasse o Mustang, mas nunca aconteceu.

— Está na garagem dos meus pais — Jimmy explica. — Quando o banco executou a hipoteca da fazenda, dei um jeito de transportá-la para fora do celeiro.

Não sei nem o que dizer. Achei que não tinha sobrado nada depois que meu advogado me notificou que tinha perdido a fazenda. Eu sei que provavelmente deve ser só uma pilha de ferrugem agora, mas significa muito ele ter se importado o suficiente para guardá-la para mim.

— Eu… — Preciso limpar minha garganta antes de continuar. — Eu vou. Próximo final de semana, eu vou.

— Desculpe interromper. — Kim vem até nossa mesa e se vira para Jimmy. — Uma das minhas meninas está presa em Dale Road, cerca de quinze minutos da cidade com um motor ferrado.

— Porra. Desculpa, galera. Vamos deixar para a próxima. — Ele começa a se levantar quando eu agarro seu braço e o puxo para se sentar novamente.

— Eu vou. O que ela dirige? — pergunto a Kim.

— Um Mazda Tribute preto.

Eu levanto e pego minha carteira no bolso de trás, mas Kim me impede.

— Por conta da casa se você tirar a minha menina do meio da estrada antes que escureça completamente. Não tem nada além de árvores lá.

— A chave do caminhão de reboque está no quadro de avisos do escritório — Jimmy diz. — Te devo uma.

— Não mesmo. Eu não estou nem perto de te retribuir.

Antes que ele tenha a chance de responder, atravesso a lanchonete,

ignorando alguns olhares curiosos. O ar fresco da noite é agradável enquanto corro os dois quarteirões de volta à oficina. Ainda é crepúsculo, mas pode escurecer bem rápido aqui. Uma garota sozinha, na beira da estrada, no meio do nada não é algo bom.

Tenho que ter cuidado com a minha velocidade. Não quero chamar a atenção dos policiais — eles geralmente não perdoam quando lidam com um ex-presidiário.

Ela deve ter visto meus faróis indo em sua direção porque vejo os dela piscando algumas vezes. Chego perto e manobro o caminhão para ficar perto do carro dela.

Desço do caminhão e tenho que levar a mão aos olhos para bloquear o brilho dos faróis enquanto ando. Ela parece entender quando eles de repente desligam. No momento em que chego à porta do lado do motorista, meus olhos já se ajustaram ao escuro e eu a vejo.

Uma mulher — não uma menina — e uma que eu teria reconhecido em qualquer lugar, embora só tenha a visto por um breve momento antes.

Em Nova York.

CAPÍTULO 5

Robin

Permaneço sentada e congelada enquanto o homem se aproxima.

Aqueles olhos azuis. A mesma camiseta branca e jaqueta de couro.

Desligo os faróis e pisco furiosamente, certa de que minha mente está pregando peças em mm. Quando abro os olhos, ele está bem ao lado da minha janela, olhando de queixo caído, mas logo depois suas feições se igualam. Devo abrir minha porta? Isso é coincidência demais.

Pego meu celular no banco do passageiro e ligo para o restaurante. *Over Easy*.

— Kim? É a Robin. O cara que você disse que ia vir me buscar, como ele é?

— *Gray? Alto, magro, cabelos grisalhos, olhos azuis. Acho que ele estava usando uma jaqueta de couro preta. Por quê?*

É ele definitivamente.

— Por nada. Ele chegou, tenho que ir.

Desligo rapidamente e destranco a porta, abrindo-a com cuidado.

— Você é Gray?

— Gray Bennet. Você trabalha para Kim?

— Trabalho. Sou Robin.

Estou prestes a oferecer minha mão, mas ele se move ao meu redor, enfiando a parte superior do corpo no carro.

— Chave?

— Ah. Está aqui comigo.

Ele estende a mão e eu as entrego. Então ele se senta atrás do volante e tenta ligar o motor. Ele estala algumas vezes, mas nada acontece. Gray sai de

novo, e eu tenho que dar um passo para trás para lhe dar espaço.

— Precisa de algo de dentro do carro? — ele pergunta, e eu levo um momento para processar.

— Só da minha bolsa. Você sabe o que há de errado?

Ele se inclina e pega minha bolsa do banco do passageiro, entregando-a para mim.

— Acho que a bomba de combustível — murmura, caminhando até a traseira do caminhão, onde começa a desenrolar as correntes.

Ele não é muito comunicativo. Na verdade, ele é quase rude, nem mesmo me olhando nos olhos quando eu sei muito bem que ele também me reconheceu.

— Você estava no memorial do 11 de setembro, não estava? — eu sondo quando ele arrasta as correntes até a frente do meu SUV.

— É mais seguro você ficar dentro do caminhão. A porta está aberta.

Ele ignora totalmente minha pergunta e está claro que ele me quer fora do caminho. Tudo bem. Fico feliz em saber que ele é um idiota, assim posso parar de fantasiar com ele.

Ainda me assusta ter esbarrado com o mesmo homem que encontrei em Nova York, algumas semanas atrás, na beira de uma estrada escura no meio do nada em Michigan.

Eu resisto a vontade de confrontá-lo, de pisar nas correntes que ele está prendendo em algum lugar sob o para-choque do meu veículo e, como está ficando frio, subo para dentro da cabine quente de seu caminhão.

Minutos depois, a porta se abre e ele se senta atrás do volante. Eu tento não olhar para ele, mantendo meus olhos firmemente na estrada à frente enquanto espero ele começar a dirigir. Quando um tempo significativo passa e ainda estamos no mesmo lugar, eu olho para cima e o encontro me observando.

— Era eu. Em Nova York — ele diz, sua voz rouca tão baixa que é quase um sussurro.

— Eu sei — respondo, correspondendo o seu volume. — Isso é estranho.

— Pra caralho. — Sua risada crua é uma surpresa, assim como as covinhas que surgem nos cantos de sua boca, mas no momento seguinte sua expressão fecha novamente. — Para onde vamos?

— Para a oficina? — Parece óbvio para mim.

— O carro não vai ser consertado hoje. Onde é sua casa? Eu te levo.

Não sou capaz de contar as vezes que alertei minha filha sobre compartilhar informações como seu número de telefone ou nosso endereço com estranhos, e aqui estou eu, pensando em fazer exatamente isso.

— Como você conhece a Kim? — pergunto, tentando ter um pouco de certeza de que ele é confiável.

— Fizemos o ensino médio juntos. Ela estava alguns anos atrás de mim.

— Você cresceu aqui? Eu nunca vi você e já moro aqui há quase dezessete anos.

Um músculo pulsa em sua mandíbula enquanto ele olha pelo para-brisa.

— Voltei recentemente para a cidade — ele diz bruscamente.

— E você trabalha na oficina de Tank?

— Automotiva Olson. Sim.

Ele vira a cabeça e eu encontro seus olhos, novamente maravilhada com o quão claros eles são.

— Certo — eu concedo, dando o meu endereço.

Observo suas mãos no volante enquanto ele entra na estrada. Você consegue descobrir muito só pelas mãos de uma pessoa. As de Gray são grandes, com palmas largas e dedos longos. Os resquícios de um árduo dia de trabalho manual ainda não haviam desaparecido em torno de suas unhas. Mãos calejadas, imagino, seriam ásperas ao toque. Ligeiramente abrasivas na pele.

Meu rosto cora com a direção em que meus pensamentos viajam e abruptamente foco na estrada à frente, bem a tempo de ver alguns cervos disparando na nossa frente. Ele pisa no freio ao mesmo tempo em que seu braço dispara, me segurando no meu assento. Do mesmo modo que eu fazia com Paige, protegendo instintivamente o que era precioso para mim.

Ficamos assim pelo que parece muito mais tempo do que realmente é. Estou perfeitamente ciente da pressão de seu antebraço contra meu peito e esqueço de respirar.

— Você está bem? Robin? — Ele puxa o braço de volta e eu posso senti-lo olhando para mim.

— Estou — consigo falar, apesar de me sentir sem fôlego e um pouco trêmula, embora eu não tenha certeza se é devido a quase colisão ou de seu toque inesperado.

Preciso me controlar. Já faz, claramente, muito tempo desde que estive perto de um homem. Mesmo enquanto estou me repreendendo silenciosamente, sei que é mais do que isso.

Chego perto de muitos homens no restaurante, alguns bem bonitos, mas eles não me fazem eu me sentir desequilibrada do jeito que Gray faz. Ele é quieto, parece contido e até distante, mas eu juro que toda vez que seu olhar está em mim, eu consigo sentir. Sondando e curioso, mas ainda acanhado. Como espelhos unidirecionais, observando atentamente enquanto se esconde atrás deles.

— Eu te vi, sabia? No avião. Quase parei para conversar com você. — Não sei por que estou compartilhando essa informação, a não ser para preencher o silêncio. Ele parece assustado. — Você estava olhando pela janela. Fiquei na dúvida… não queria interromper.

— Não gosto de viajar de avião — ele diz, me surpreendendo. Não porque ele não gosta, mas porque ele admitiu. — Olhar pela janela me ajuda a esquecer que estou preso em uma pequena lata.

Eu sorrio com aquilo.

— Suponho que você não viaja de avião com frequência?

Ele me olha com a minha pergunta e quase consigo ver persianas sendo fechadas.

— Não.

O silêncio se estende até ele entrar na longa entrada arborizada até a minha casa. Está escuro, exceto pela luz da varanda que deixei acesa quando Shirley e eu saímos. Vou precisar me acostumar a ficar sozinha novamente. Apesar dos motivos não tão felizes da estadia de duas semanas de Shirley, gostei de ter companhia.

— Você precisa de mais luzes.

— Perdão?

— Sua entrada é muito escura. Você fica aqui sozinha, precisa ter mais cuidado.

Estou irritada com seu tom rude e condescendente, ao mesmo tempo em que me pergunto se talvez eu devesse me preocupar.

— Estou a cinco minutos da cidade — protesto.

— De carro, que neste momento está pendurado na traseira do meu caminhão. — Ele para na frente da minha casa, espiando pela janela da frente. — É muito mais longe se você for caminhando.

Merda. Vou precisar de um carro.

— Sobre isso, vocês não teriam um carro para emprestar, teriam? Estou meio que presa aqui.



Gray

Que porra eu estava pensando?

Não foi minha jogada mais inteligente, mas a mulher está por aí sozinha e sem carro, então me ofereci para levá-la até a locadora de carros mais próxima

pela manhã. Sem mencionar que é em Midland, a meia hora de carro.

Um tempo ainda mais longo em sua presença do que na noite passada.

— Isso aqui está uma merda — Jimmy diz, enfiando a cabeça para fora do capô do Mazda. — Robin deveria estar procurando por outro carro em vez de investir mais dinheiro neste. Você deveria dizer a ela que colocar uma nova bomba de combustível é um desperdício. A não ser que você queira que eu fale? — ele pergunta com um sorriso malicioso no rosto.

Já conversamos sobre isso desde que contei a ele esta manhã quem era a cliente. Aparentemente, ele está familiarizado com ela, informação que queimou em meu estômago. Especialmente quando ele se ofereceu para assumir a tarefa de levá-la até Midland. Por mais que eu queira me distanciar do intenso sentimento de necessidade que ela parece despertar em mim, ainda não quero Jimmy perto dela.

— Vai se foder. — Faço uma careta para ele antes de ir até o quadro com as chaves, pegando a da caminhonete que estou usando.

— Ei, espera aí, — ele me chama. — Você pode pegar algumas peças na Advance na volta? Assim economizo no custo de envio. Vou fazer o pedido.

Em vez de responder, levanto alguns dedos em confirmação antes de sair pelas portas.

Percebo, me sentando atrás do volante, que estou usando meu macacão em vez do meu uniforme habitual de jeans e camiseta branca, mas eu nunca sobreviveria se fosse pego correndo escada acima para me trocar. Quem diabos se importa de qualquer modo? Não é como se fosse um maldito encontro.

Apenas parece um.

Eu corro uma mão agitada pelo meu cabelo antes de virar a chave na ignição. Indisposto e com sono. Ainda estou tentando encontrar meu equilíbrio em um mundo muito mais avassalador do que me lembro, e essa mulher só aumenta a confusão. Quais são as chances?

No memorial, ela se destacou como um farol brilhante em um vasto oceano de dor, uma promessa de esperança à qual não tenho direito. Então ela aparece aqui, em uma cidade cheia de memórias sombrias, me fazendo acreditar em um poder superior quando eu sei muito bem que não existe nenhum.

Ela já está esperando quando chego a sua casa, sentada nos degraus da varanda. Já com a roupa de trabalho: jeans e uma camiseta com o nome do restaurante estampado no peito. Enquanto ela caminha até a caminhonete, tenho dificuldade em desviar o olhar daquelas letras esticadas sobre seus seios fartos. Meu pau, adormecido por muito tempo, escolhe justo agora para aproveitar a ocasião. Graças a Deus estou usando meu macacão; ele esconde mais do que minha calça jeans esconderia.

— Bom dia, — ela assobia, enquanto entra no lado do passageiro. Muito ensolarada e confiante, e muito atraente.

— Seu carro já era.

Estou sendo um idiota de propósito. Não quero ser como a porra de uma mariposa atraída por sua chama, mas quando vejo a luz fraca em seus olhos, me arrependo intensamente. Vou adicionar isso ao caminhão de arrependimentos que já estou carregando.

— Sério? — Ela não parece esperar por uma resposta, então fico quieto, manobrando a caminhonete na entrada de sua casa. Pelo canto do olho, a vejo mordendo o lábio inferior enquanto olha pela janela. — Acho que vou comprar um carro novo então — ela diz finalmente. — Imaginei que esse dia estava chegando. — Consigo sentir seus olhos em mim. — Talvez eu dê uma olhada em algumas concessionárias de carros usados em Midland quando você me deixar lá.

Eu me esforço para não responder, mas é inútil, tenho pouco controle perto dela.

— Eles vão cobrar muito caro. Deixe-me falar com Jimmy, ele talvez consiga algo confiável por um preço decente.

— Obrigada, seria ótimo.

Eu cometo o erro de olhar para ela, o sorriso em seu rosto tão genuíno que me atinge bem no peito.

Uma pena ela desperdiçar algo tão bonito comigo.

Ainda assim falo quando ela pede minha opinião sobre o que ela deveria procurar. Minhas respostas são mínimas, mas ela não parece se importar. Antes que eu perceba, estamos dirigindo pelos arredores de Midland, uma cidade muito maior do que a população de um pouco mais de mil habitantes de Beaverton.

Eu luto contra a vontade de virar a caminhonete, nada pronto para acabar com o que tinha sido uma meia hora muito significativa com Robin. Ela parece surpresa quando eu saio com ela e a sigo até a locadora, mas Jimmy me pediu para garantir que eles dessem a ela nossa tarifa preferencial.

Leva cerca de dois segundos para eu querer dar um soco na cara do homem atrás do balcão, cujos olhos nunca chegaram ao rosto de Robin. O maldito está tão focado em seus peitos que não percebe meu olhar furioso até que um de seus colegas lhe dá uma cotovelada nas costelas. No momento em que seus olhos encontram o olhar assassino nos meus, ele empalidece. Ele mal olha para ela depois disso, apressando-a na papelada e até mesmo dando um upgrade.

Em poucos minutos, estamos do lado de fora novamente, andando ao redor do SUV que ela alugou. Aponto alguns amassados no para-choque que

Robin não viu, me certificando de que todos estejam anotados em seu contrato. O funcionário da locadora deixa as chaves com ela e desaparece e eu fico sem jeito ao lado dela, com as mãos enterradas nos bolsos.

— Agradeço por você ter me trazido até aqui — ela diz, virando o rosto para mim. Tudo o que consigo ver é a luz cordial em seus olhos azuis muito mais escuros e o volume suave de seus lábios perfeitos.

— Sem problemas — murmuro, recuando antes de fazer algo que eu vá me arrepender.

— Espera. — Ela me chama quando eu me viro. — Posso te pagar um café ou algo do tipo? É o mínimo que posso fazer — adiciona rapidamente, enquanto olho por cima do ombro. Um rubor profundo escurece suas maçãs do rosto enquanto sua pergunta paira no ar.

Tentador pra caralho.

— Tenho coisas para fazer — falo rudemente, e observo aquela cor profunda descolorir de sua pele.

— Claro. Bem, obrigada de novo. — Desta vez, suas palavras são proferidas com um sorriso tenso, e sinto a perda de seu calor quando ela se senta atrás do volante.

Ainda estou parado no mesmo lugar quando ela passa dirigindo por mim e sai do estacionamento. Não me olhando nenhuma vez.

CAPÍTULO 6

Robin

— E como eles reagiram?

Encosto-me no sofá e coloco meus pés na mesa de centro, o telefone ao meu lado no viva-voz enquanto tomo meu café.

Shirley está me contando que finalmente criou coragem para entrar em contato com seus filhos. Conversamos algumas vezes desde que a levei até Grand Rapids, uma semana e meia atrás. Eu sei que Kim também está a checando. Ninguém ouviu falar de Mike, que foi libertado sob fiança e aparentemente tem se mantido discreto. Talvez ele nem esteja mais na cidade. Já vai tarde se você me perguntar, mas não tenho tanta certeza se é a última vez que vamos o ver.

— Ficaram bravos. Principalmente com o pai deles, mas um pouco comigo também.

— Com você? Por quê?

— Por não ter deixado Mike antes. — Ela fica em silêncio por um momento antes de adicionar. *— Por não ter falado com a polícia. Eles querem que eu conte tudo desde o início.*

Minha comemoração é silenciosa, mas fico tão aliviada em ouvir isso. Tinha medo de que ela acabasse voltando com ele, como tantas mulheres fazem. Eu não quero que ela vire uma estatística.

— E o que você vai fazer? — pergunto a ela cautelosamente.

— Contar tudo.

Desligo vinte minutos depois, me sentindo melhor em relação a Shirley do que antes. Seus filhos parecem meninos decentes apoiando com todo o coração sua mãe; apesar do exemplo de merda que seu pai idiota tenha dado.

Estou cortando legumes para o refogado que planejei para a janta quando meu telefone começa a tocar no balcão. Respiro fundo quando *Automotiva Olson* aparece na tela.

— Alô?

— Oi, é o Tank. Acho que encontramos algo para você.

Finjo que não estou decepcionada, foi Tank quem ligou em vez de Gray. Por alguma razão, aquele homem me causou uma impressão gigante. Uma que eu não consigo ignorar, não importa o quanto eu tente.

Tank foi à lanchonete um dia depois que aluguei meu carro em Midland. Apesar de Gray ter me dispensado, ele aparentemente ainda conversou com seu chefe sobre encontrar um carro novo para mim. Ele me perguntou quanto eu estava disposta a gastar e disse que ficaria de olho.

— Sério?

— Um Honda CRV com três anos e apenas cinquenta e seis mil quilômetros. Decorado, com pneus de inverno e tudo dentro do seu orçamento.

Como o meu orçamento é de quinze mil e eu mesma fiz uma pequena pesquisa, isso parece bom demais para ser verdade.

— Qual é a pegadinha? Essas coisas custam pelo menos vinte e dois mil, se não mais.

Tank começa a rir.

— Eu disse a ele que você não cairia nessa.

— Quem? — pergunto, mas não fico surpresa quando ele menciona o nome de Gray.

— Olha, ele comprou esse carro em um leilão a preço de banana. O motor precisava de uns ajustes e havia um pequeno amassado no para-choque traseiro. Ele conseguiu remover o amassado e consertar o motor. Na verdade, ele passou a última semana desmontando e reconstruindo-o.

Fico em silêncio, sem saber o que achar disso. Quanto mais descubro sobre esse homem, mais confusa fico e mais quero saber.

— Quanto pelas peças e mão de obra?

— Ele fez em seu tempo livre, Robin. Você vai precisar ver com ele.

— Espera aí, se foi ele quem encontrou o carro para mim, por que ele não ligou?

— Como vou saber, porra? Desculpe o linguajar.

— Não se preocupe, também tenho a boca suja.

Ele gargalha.

— Eu sabia que gostava de você por um motivo. Enfim, você tem tempo para vir aqui amanhã e dar uma volta? Ver se você gosta?

— Eu entro no trabalho ao meio-dia, pode ser de manhã?

— Quando quiser. Até amanhã, então.

Ainda estou intrigada quando desligo o telefone e volto para meus vegetais. Eu podia jurar que há uma semana e meia atrás Gray não queria nada comigo — ele não poderia ter sido mais claro — mas agora descubro que ele está trabalhando em um carro para mim, em seu tempo livre. Não faz sentido.

Algumas semanas atrás, cheguei à conclusão de que estava pronta para começar a viver de novo, mas na primeira vez que coloquei minha cabeça para fora na tentativa de fazer isso, levei um tapa. De Gray. Eu meio que me convenci de que meu radar estava desligado porque tive a sensação de que talvez houvesse interesse da parte dele, até que ele deixou bem claro que eu havia imaginado. Agora ele faz isso. Não entendo o que ele está ganhando com isso.

Tento assistir um pouco de TV depois de comer, mas nem mesmo a série nova que estou devorando na Netflix consegue prender minha atenção. Irritada comigo mesma, acabo indo para a cama cedo e infelizmente minha mente continua ligada.

Gray Bennet não é apenas um enigma; ele está rapidamente se tornando uma obsessão.



— Posso te ajudar?

Um garoto que eu já vi no restaurante se aproxima de mim quando eu caminho pela oficina, enxugando suas mãos em um pano.

— Oi. Sim, Tank me disse para vir para fazer um test drive?

— Ah, você é a moça do CRV? Meu nome é Kyle. O chefe está fazendo um reboque, mas vou chamar Gray.

Eu sabia que havia boas chances de encontrá-lo, mas ainda sinto uma pontada de empolgação quando o garoto desaparece nas sombras. A pontada é rapidamente seguida por decepção quando Kyle volta, balançando um molho de chaves na mão.

— Ele está ocupado, mas disse para você dar uma volta. Está logo ali.

Ele guia o caminho até uma SUV preta brilhante, parecendo novinha em folha, abrindo a porta do motorista para mim antes de me entregar as chaves.

— Obrigada.

— O chefe deve estar de volta em cerca de vinte minutos para lidar com toda a papelada. É um ótimo carro. Gray consertou bonitinho para você.

Outro lembrete de sua gentileza inesperada, mesmo que ele não tenha aparecido para me mostrar o veículo. Eu dou de ombros e coloco as mãos no

volante. Kyle me mostra como ajustar meu assento e eu paro um momento para me familiarizar com o interior, que parece e cheira como um carro novo.

Eu ligo o motor e percebo imediatamente como ele é muito mais silencioso do que o meu Tribute. Saindo da vaga do estacionamento, vejo de relance uma figura usando um macacão, de pé dentro da oficina, seu rosto escondido nas sombras. Embora o brilho do cabelo prateado o entregue completamente.

Meia hora depois eu volto para o estacionamento, completamente apaixonada pela SUV.

— Eu amei — anuncio quando entro e encontro Tank conversando com Kyle. — É perfeito.

— Que ótimo. Vamos lá atrás para resolver a papelada. — Eu o sigo até o pequeno escritório onde estendo as chaves. — Já fique com elas — ele sugere.

— Mas primeiro preciso levar o carro alugado até Midland.

Ele indica com a mão para que eu sente e desliza sob a mesa uma nota de venda para mim, detalhando o veículo e o preço.

— Nós podemos cuidar disso para você. Vamos para lá regularmente para pegar peças. Gray irá amanhã e Kyle pode levar o carro.

— Vocês já fizeram o suficiente. O que me lembra, quanto custou as peças e a mão de obra? Não está escrito aqui.

Mesmo antes de ele dizer qualquer coisa, consigo sentir sua presença atrás de mim.

— Já está resolvido.

Eu me viro na cadeira e olho para ele.

— Você não pode fazer isso — protesto, apesar daqueles olhos estarem perfurando os meus e me distraindo.

— Já fiz — ele diz com firmeza. — As peças não foram nada e o resto foi apenas tempo. Tenho de sobra mesmo.

Há muito nessa declaração, mas não tenho certeza do que significa. No entanto, estou determinada a descobrir. Pode-se dizer que gosto de sofrer, mas deve haver uma razão pela qual um estranho sacrifica horas de seu tempo por sua causa.

Ele pode agir como se não fosse nada para ele, mas não acho que estou confundindo o profundo interesse em seus olhos.

— Obrigada então. — Me viro novamente para olhar para Tank, que parece entretido com a interação. — Não precisa incomodar Kyle. Eu mesma levarei o carro de volta amanhã, mas gostaria de uma carona para voltar.

— Feito — ele diz, um sorriso largo em seu rosto. — Gray ficará feliz em te dar uma carona. — Não há como confundir o rosnado que ouço atrás de

mim.



Gray

Filho da puta.

Não sei por que ele sentiu que precisava puxar o meu tapete, mas ele o fez. Com um sorriso sacana no rosto. Também fiquei bravo ao descobrir que ele havia contado a ela sobre eu ter trabalhado no CRV. Não havia razão para ela saber disso. Não adiantou nada tentar ficar fora de seu caminho.

Quem eu estou enganando? É minha culpa ter me envolvido em sua busca por um carro novo, mas porra, não achei certo deixar ela dirigir algo que não é totalmente confiável. Eu não quero ela presa na beira da estrada no escuro de novo.

Eu nem sei se não houve mesmo alguma intenção da minha parte.

Cristo, se eu estou tão confuso sobre minhas próprias motivações assim, não consigo nem imaginar o quão filho da puta devo parecer para ela.

Eu olho para o banco do passageiro onde ela está afivelando o cinto. Robin, a mulher cujo rosto não consigo tirar da cabeça desde que a vi inclinada em direção ao sol forte de Nova York. Parei de acreditar no destino no dia em que perdi toda a minha família, mas me pergunto o que mais chamar além de "destino" quando fico esbarrando com essa mulher a cada passo.

— Não vai demorar — informo a ela, enquanto eu partia em direção ao depósito para pegar as peças para a oficina.

— Ótimo. Isso nos dará tempo para comer alguma coisinha antes de voltar para casa. É o mínimo que posso fazer.

Abro a boca para a rejeição automática, mas a fecho novamente quando percebo que ela não está exatamente perguntando desta vez. Está afirmando. Não que eu tenha sido particularmente amigável antes, mas eu teria que ser um verdadeiro idiota para dispensá-la agora. O negócio é; eu não seria capaz.

Depois de carregar o caminhão com caixas, volto ao volante, me viro para ela e pergunto:

— Para onde vamos?

— Que tal hamburgueres? Não como faz muito tempo.

— Por mim tudo bem.

Ela me leva até um restaurante familiar que ela achou procurando no seu celular.

— Então… — ela começa depois que nos sentamos em uma mesa indicada pelo garçom. Eu me preparo. — Eu não entendo o seguinte: você dá todos os indícios de que não gosta de mim, mas faz de tudo para me ajudar a conseguir um bom carro.

— Quem disse que eu não gosto de você? — A verdade é revelada antes que eu deixe meu cérebro processar o que estou admitindo.

O humor brilhando em seus olhos me diz que ela planejou que corresse desta forma.

— Bom saber que não estou louca — ela murmura baixinho antes de pedir ao garçom sua bebida. Peço água e encontro os olhos dela em mim quando o garoto sai. — Bom, pode ter sido o fato de você não ter sido muito amigável em nossos encontros anteriores. — Ela inclina a cabeça e me examina tão minuciosamente que começo a me sentir como um inseto sob um microscópio.

— Eu não falo muito, — tento desviar, mas isso só a faz rir.

— Isso me parece eufemismo. — Seu jeito de falar é seco, mas seu sorriso é largo. — Eis o que eu acho: sua visita a Nova York, como a minha, é algo que você guarda para si mesmo. As razões, as motivações, são privadas e escondidas do dia a dia. Estou certa? — Eu relutantemente concordo com a cabeça porque ela está. — Então já sabemos mais um do outro do que a maioria das pessoas que nos conhecem, e você não gosta disso. Poxa, eu também não gosto, mas é o que é. Agora, pelo que estou vendo, podemos tentar fingir que nunca nos vimos, mas, francamente, não sou muito boa em mentir, especialmente para mim mesma.

O retorno do garçom me dá a chance de processar sua avaliação contundente, direta e assustadoramente precisa. Ela dá uma olhada no cardápio, mas eu não preciso, já sei o que quero, um cheeseburguer com batata frita e salada de repolho. Ela pede um com queijo suíço e a batata-doce frita que ela diz adorar. Quando o garoto se afasta, ela apoia os cotovelos na mesa.

— Ou… — ela continua como se nunca tivesse parado. — …podemos ser amigos.

— Amigos — repito, e ela assente confirmando.

— Sim. Você mesmo disse que está de volta à cidade depois de muito tempo, e recentemente decidi que preciso expandir meus horizontes. Nós dois poderíamos usar essa amizade a nosso favor.

Sua expressão é muito séria e ainda assim eu quero rir. Ela acha que podemos ser amigos. Se ela soubesse que está sentada em frente a um criminoso condenado — um assassino. Ela sem dúvida descobrirá em breve, mas não tenho coragem de rir na cara dela quando o que ela oferece tão generosamente me faz engolir em seco.

— Está bem, amigos — concordo.

Seu sorriso brilhante em resposta me aquece de dentro para fora com o tipo de luz que eu odiaria ver apagada.

Como tenho certeza de que será quando ela descobrir a verdade sobre mim.

CAPÍTULO 7

Gray

Eu observo seus quadris generosos balançarem enquanto ela anda entre as mesas.

Eu estive aqui algumas vezes na semana passada para almoçar. Uma vez com Jimmy e outras duas vezes sozinho. Estou saindo mais e não está sendo tão ruim quanto eu pensei que poderia ser.

Ah, recebi os olhares que esperava de alguns, mas algumas pessoas que eu ainda me lembrava pararam na minha mesa para me dar as boas-vindas. Eu não esperava por isso. A verdade é que, mesmo que a indiferença fosse tudo o que eu recebesse, teria valido a pena apenas para me aquecer com o sorriso de Robin para mim quando entrasse. Nossa ida para Midland na semana passada foi reveladora para mim. Compartilhar uma refeição como amigos do modo que ela sugeriu me fez baixar um pouco minhas paredes. Fiquei surpreso com o quão bom é apenas conversar com outra pessoa. Uma conversa normal — principalmente. Ela me contou sobre sua filha e o fato de sua mãe morar em Lansing. Ela perguntou sobre minha família e eu disse a ela que não tinha mais ninguém. Ela não pressionou; sabendo instintivamente que não era um assunto com o qual me sentia confortável. Porém, quando chegamos ao assunto livros, encontramos um terreno seguro.

Eu esperei até o terceiro dia depois disso antes de me aventurar na Over Easy na minha hora de almoço. Tinha sido uma luta entre a necessidade de ficar longe dos olhos do público e o desejo de vê-la novamente. Robin ganhou.

— Mais café? — Ela aparece com um bule.

— Obrigado, mas é melhor eu voltar para a oficina. Só a conta, por favor.

— Claro. — Ela começa a se virar antes de interromper o movimento. — Sabe, eu estou de folga amanhã, mas estava planejando fazer goulash. Você gostaria de ir jantar? Quer dizer, eu costumo fazer muito mais do que aguento comer e acabo congelando...

— Eu adoraria — digo.

Ela dá um sorriso largo.

— Ótimo. Vou lá pegar sua conta então. — E sai andando.

— Seja gentil com essa daí.

Eu me viro ao som de uma voz profunda e familiar. Sentado atrás de mim está Frank Hanson, dono do bar favorito da cidade, o Dirty Dog. Ele tem que estar com pelo menos setenta anos ou algo assim. A última vez que o vi, ele estava me prendendo contra a lateral do bar, seu braço pressionado contra minha garganta. Lembro-me de quase desmaiar, desejando que ele terminasse o trabalho.

— Sr. Hanson. — Eu aceno para ele, esperando que Robin volte logo com a conta. Eu não estou disposto para um confronto.

— Gray. Bom te ver, filho.

Tenho certeza de que o choque é visível em meu rosto. Esta não era a recepção que eu esperava dele. Frank tinha sido um bom amigo de meu pai e aquele que me tirou de cima de seu corpo.

— Frank, eu...

— Estava torcendo que eu encontrasse você — ele continua, como se eu nunca tivesse falado. — Têm algumas coisas que eu gostaria de conversar com você.

— Tem?

— Pode ir ao Dirty Dog? Talvez no domingo?

Percebo Robin se aproximando da minha mesa, com a conta na mão.

— Claro, sim — digo a Frank rapidamente antes de me virar para ela.

Tiro minha carteira do bolso do macacão e deixo algumas notas sobre a mesa, o suficiente para incluir uma gorjeta decente para Robin. Eu levanto meu queixo para Frank, que faz o mesmo, e toco levemente o braço de Robin quando passo por ela.

— Até depois — murmuro, um pouco assustado com a carga que aquele pequeno toque causou quando saio da lanchonete.



Robin

Não tenho certeza do que me levou a convidá-lo para jantar, mas provavelmente reconsiderei meia dúzia de vezes desde que deixei escapar o convite no restaurante ontem.

Tem algo sobre aquele homem que me faz querer cuidar dele. Uma vulnerabilidade desajeitada fervendo logo abaixo da superfície áspera. Ele não parece particularmente habilidoso socialmente e parece se manter cuidadosamente protegido. No entanto, vi algumas pequenas rachaduras naquele verniz cuidadosamente impassível e me sinto compelida a descobrir mais sobre ele. Entender por que ele me afeta daquele modo.

Então, nos últimos dias, desde que ele começou a frequentar a lanchonete, ouvi alguns sussurros. Coisas que acho difícil conciliar com o homem quieto de intrigantes olhos azuis claros. Eu entendo bem de rumores e percepções errôneas, então estou determinada a não julgar pelo que ouço, mas sim pelo que sei. Até agora, tudo o que sei é que Gray tem sido gentil — embora nem sempre amigável — prestativo e bastante generoso com seu tempo. Também tive o prazer de descobrir seu amor pela leitura, algo que compartilhamos.

Não é a única coisa que temos em comum. Nós dois levamos uma existência tranquila, não socializamos muito e ambos carregamos segredos. Mesmo sem os rumores se agitando, não foi difícil ver isso. Embora o impacto resultante em nossa existência possa não ter sido o mesmo, é seguro supor que ambos perdemos alguém importante em nossas vidas no dia 11 de setembro de 2001.

Estou nervosa, quase cortando meu dedo fora enquanto corto vegetais para o goulash. Eu nunca mencionei um horário, mas presumo que ele só estará aqui depois das cinco, quando a oficina fecha e isso é daqui duas horas.

Meu celular toca no balcão e por um momento me pergunto se ele está ligando para cancelar, mas então vejo o nome da minha mãe na tela.

— Oi, mãe.

— *Oi, querida, como você está?*

— Estou bem, mãe. Fazendo o seu goulash nesse momento. Tive folga hoje. E você como está? Se sentindo melhor?

Ela voltou de Nova Jersey há quase um mês com um resfriado persistente do qual ela não consegue se livrar.

— *Goulash? Nossa, eu aceitaria uma tigelinha agora. Estou um pouco melhor. Acabei indo no meu clube do livro com Betty ontem à noite. Foi bom sair um pouco.*

Betty é amiga de longa data da mamãe, assim como vizinha. Ela perdeu o marido jovem e, quando meu pai morreu, ela se mudou para um condomínio a

apenas três portas de distância da minha mãe para ficar mais perto dela. As duas são inseparáveis, e me dá paz saber que minha mãe sempre tem alguém por perto em um caso de emergência.

— Que bom que você foi. Quanto ao goulash, estou cozinhando bastante; posso congelar um pouco para você. Vou levar na próxima semana, quando formos ver o Dr. Tracey.

— *Sobre isso; Betty se ofereceu para me levar se você estiver ocupada.*

Minha mãe não dirige. Nunca dirigiu. Betty sim, então as duas fazem as compras juntas, mas eu sempre vou de carro para qualquer compromisso que mamãe tenha.

— Não estarei. A menos que você prefira que eu não vá te ver? — provoco-a, prevendo o protesto imediato.

— *Ah, não foi isso que quis dizer. Eu odeio ver você vindo até aqui só para um exame de rotina.*

— Não vou só por causa disso, mãe. Não pude passar tempo com você na casa de Paige por causa do problema com Shirley. Faremos algo divertido após a consulta. Talvez almoçar e ver um filme?

Prendo o telefone entre a orelha e o ombro enquanto despejo os cogumelos, as cebolas e os pimentões no forno holandês. Eu já fritei a carne em cubos e coloquei em um prato. Vou juntar tudo, assim que os legumes estiverem salteados, e adicionar um pouco de caldo antes de ferver por algumas horas.

— *Boa ideia. Então…* — ela arrasta a única palavra e eu sei que ela está prestes a bisbilhotar. — *Está cozinhando bastante, é? Está esperando visitas?*

Juro que essa mulher tem um sexto sentido. Desde que Rick morreu, ela tem esperança de que eu me case de novo. Quase aconteceu, oito anos atrás, quando Paige ainda estava no ensino médio. Um fazendeiro local, Andrew VanGuard, que também era relativamente “novo” em Beaverton, me pediu em casamento depois de termos namorado casualmente por aproximadamente um ano. Nós claramente tínhamos expectativas diferentes. Casualidade era tudo o que eu tinha para oferecer, e eu odiava ter que decepcioná-lo.

Mamãe ficou com o coração partido ao ver seu sonho para mim frustrado, mas meu pai ainda estava vivo e me defendeu. Ele só queria que eu fosse feliz e acho que ele suspeitava que meu casamento com Rick não teria sido tão perfeito quanto minha mãe sempre considerou que seria.

É por isso que estou hesitante em contar a ela sobre Gray, porque tenho medo de que ela transforme isso em algo que não é. Pelo menos não por enquanto. Ainda assim, eu me encontro querendo compartilhar.

— Um amigo meu vai vir para jantar.

— *Ah é?* — Ela nem esconde a sua empolgação.

— Mãe...um *amigo*, — dou ênfase. — Na verdade, é uma história engraçada…

Eu começo a contar para ela como nos encontramos no memorial e como eu o vi no mesmo voo no dia seguinte. Então conto a ela sobre o meu Mazda quebrado e, é claro, ela imediatamente oferece dinheiro para comprar um novo antes que eu tivesse a chance de mencionar que já tinha um.

Graças aos anos que papai passou trabalhando na General Motors, ela recebe uma pensão decente e um bom retorno de alguns de seus investimentos. Isso não significa que ela tem que gastar comigo.

Levo dez minutos para convencê-la de que estou bem, de que comprei um bom carro com o dinheiro que reservei para isso. Então menciono como Gray foi fundamental nisso e como estou agradecendo a ele com o jantar.

Infelizmente, isso pouco ajuda a conter as fantasias românticas de minha mãe por mim. Na verdade, acho que só a encoraja.

— Mãe, é melhor eu ir — eu digo finalmente. — Te busco na próxima quarta as dez horas, ok?

— *Sim, claro. Você provavelmente precisa se trocar também. Colocar um vestido bonito ou algo do tipo.* — Reviro os olhos e tento segurar um suspiro exasperado, mas é como se ela pudesse me ouvir de qualquer maneira. — *Não há nada de errado em querer ficar bonita, Robin.*

— Eu sei, mãe. Prometo que vou escovar o cabelo.

— *Ah, eu ia mencionar isso e quase esqueci; você deveria pintar seu cabelo, você está ficando um pouco grisalha, eu notei.*

Minha mãe tem hora marcada no cabeleireiro, a cada quatro semanas, para tingir meticulosamente o cabelo da mesma cor castanha que tem desde que me lembro. Nem um único cabelo prateado visível. Ela pega no meu pé desde o meu primeiro fio cinza, sem entender por que eu não quero escondê-los.

— Mãe, eu não quero pintar meu cabelo. É o que é e eu na verdade até gosto bastante dele assim.

— *Mas você ainda é tão nova.*

— Eu sei, mãe. — Desisto. De jeito nenhum ela vai desistir disso, e é inútil discutir o mesmo assunto esperando um resultado diferente. — Vamos ter que concordar em discordar nesse tópico, certo? Eu realmente preciso ir.

— *Claro. Eu te amo.*

— Também te amo, mãe. Até quarta.

Depois de colocar a carne de volta na panela, completar com o caldo e cobrir com uma tampa, deslizo para o forno onde vai ferver até ficar macia. Uma olhada rápida no relógio mostra que já passa das cinco quando acabo de descascar as batatas e as coloco no fogo, antes de correr para o meu quarto para

me limpar.

Estou escovando meu cabelo quando ouço uma batida na porta.

Ele parece recém-banhado e um pouco perdido quando eu abro minha porta. Quando ele me vê, seus olhos se arregalam admirados.

Estou usando o único vestido que tenho. Mamãe ficaria feliz.



Gray

Eu pensei que poderia ter exagerado ao trazer uma caixa de chocolates e uma garrafa de vinho — e com certeza me senti escrutinado levando ambos até o caixa do mercado antes de vir para cá.

Olhando para Robin usando um vestido, não me sinto mais tão tolo. Claramente, não sou o único tentando causar uma boa impressão. Ela está linda, suas curvas bem exibidas no vestido retrô. Eu tento muito não me demorar em seu decote, onde eu adoraria enterrar meu rosto.

— Oi — ela diz suavemente. — Entre.

— Oi. — Eu entro e enfio a garrafa e a caixa sem cerimônia em suas mãos.

— Você não precisava fazer isso — ela protesta.

— Sim, precisava. Não como uma refeição caseira decente há quase duas décadas. — Me pego admitindo.

De onde diabos veio isso? O que essa mulher tem que me faz querer confessar algo sempre que posso? Quase me viro e saio pela porta, mas ela a fecha com firmeza, agarra meu braço e me conduz a uma sala de estar pequena, mas quente e aconchegante.

— Fico feliz que tenha me deixado cozinhar para você, então, — diz de forma simples. — Sente-se. Vou checar a janta e pegar algo para bebermos, o que você gostaria?

— Água está ótimo.

— Vinho não?

— Melhor ficar na água.

Quase não consigo dizer a ela que também não bebo há muitos anos. Me sento no final de um sofá cinza escuro e absorvo o máximo que posso do meu entorno sem parecer que estou examinando o lugar. Uma TV modesta está pendurada sobre a lareira e há uma coleção de fotos emolduradas embaixo. Fico curioso e sinto vontade de dar uma olhada mais de perto, mas permaneço

sentado.

A sala de estar flui para a sala de jantar na parte de trás da casa, e a cozinha se abre para ela, formando um espaço em forma de L. Quando entrei na pequena entrada, notei um corredor que levava aos fundos com o que suponho que sejam quartos e banheiro do outro lado.

Eu a vejo entrar na sala de jantar com dois copos e uma jarra de água, que ela coloca no meio da mesa.

— Estará pronto daqui uns minutinhos — ela fala, sorrindo na minha direção. Eu me levanto como se só agora tivesse me lembrado dos meus modos.

— Posso ajudar em algo? — eu falo alto, tendo-a perdido de vista na cozinha.

— Não, eu só...merda! Aí! — Eu a ouço xingar e corro, vendo-a curvada sobre a pia.

— O que aconteceu?

Eu já estou atrás dela, a olhando por cima de seu ombro.

— Nada. Só sou desastrada.

Percebo que ela está segurando uma mão com a outra e uma panela de batatas meio escorridas está na pia. Estendendo a mão ao redor dela, pego a panela da pia, a coloco na tábua de cortar no balcão, então eu abro a torneira, seguro sua mão com firmeza e a guio até a corrente de água.

Ela sibila bruscamente e eu tento não notar como suas costas parecem se encaixar sem esforço na parte da frente do meu corpo. Tarde demais, eu percebo que meu pau — duro como uma rocha desde que ela abriu a porta — está notavelmente pressionado contra sua bunda macia. Além disso, meu nariz está quase tocando o cabelo dela, consigo sentir o cheiro do que suponho ser o xampu dela, o que não está ajudando a minha condição.

— Acho que estou melhor agora — ela finalmente diz com uma voz rouca, enquanto puxa a mão para trás. Eu imediatamente saio do caminho.

— Deixa comigo. — Pego a panela que ela ia pegar e termino de esvaziá-la.

— Obrigada. Só preciso tirar o goulash do forno e depois podemos comer.

— Por que não se senta? Eu coloco a comida na mesa — ofereço, a aliviando. — O cheiro está ótimo.

— Obrigada. É receita da minha mãe.

Ela está colocando água em nossos copos enquanto coloco as panelas na mesa.

— Assim está bom? — pergunto a ela.

— Está ótimo. Contanto que você não se importe de comer da panela.

— Eu rio com aquilo. Se ela soubesse...

— É o único jeito que sei.

A comida está incrível e fico tentado a abrir o botão do meu jeans novo depois de comer a minha terceira porção. A conversa circulou com segurança em torno de livros novamente, e descobrimos que nenhum de nós gostamos de filmes baseados em livros. Concordamos que muita coisa se perde na transição do papel para a tela, mas então ela faz uma pergunta que se torna pessoal.

— Você viu algum dos filmes baseados nos eventos do 11 de setembro? — Ela nota meu silêncio repentino e adiciona rapidamente. — Desculpe, não quis ser insensível.

— Você não foi, e não, não vi. Eu os evito.

— Entendo. Eu não deveria ter mencionado.

Ela imediatamente se levanta e começa a tirar a mesa.

O clima parece ter mudado e isso não me agrada. O que mais gosto em Robin é o fato de ela ser quem ela é, sem mais nem menos. É minha culpa ela ficar tensa e pisar em ovos ao meu redor.

— Robin… — Eu cubro a mão dela com a minha quando ela pega meu prato. Quando olho para ela, percebo o quão perto seu rosto está do meu. — Eu perdi a minha irmãzinha naquele dia.

Imediatamente seus olhos ficam marejados e ela leva sua mão livre para o meu rosto em um gesto de conforto que eu não sentia há muito tempo. Não posso deixar de me inclinar em direção ao seu toque e observar como seus lábios formam palavras.

— Ah, Gray, eu sinto muito.

CAPÍTULO 8

Robin

— Ela trabalhava como garçonete no Windows on the World.

Me sento na cadeira ao lado dele, coloco a mão em sua perna e ele a cobre com a sua. Seus olhos estão fixos nelas.

— Qual era o nome dela? — pergunto gentilmente.

— Reagan. — Ele abre a boca como se fosse falar mais, mas então a fecha de novo, estudando nossas mãos enquanto ele desliza os dedos em volta do meu pulso.

— Você não precisa falar sobre — ofereço gentilmente, virando minha palma contra a dele e entrelaçando nossos dedos.

— E você? — ele pergunta.

Eu sei o que ele quer dizer, mas estou hesitante em lhe dar a resposta. Temo que quando eu contar a ele, ele vai se fechar e eu terei perdido o vínculo tênue que parecemos estar criando. De repente, me sinto culpada por todos os anos em que fui ao memorial. Enquanto eu estava lá com as outras pessoas sofrendo pela perda coletiva, celebrava silenciosamente minha liberdade. Todas aquelas vidas mudaram de forma devastadora, enquanto para mim significou um novo começo.

É a razão pela qual volto sozinha todos os anos — me manter distante das multidões o máximo que conseguir. Vou para me lembrar de ser grata pela vida que construí; mas a última coisa que quero é ofender aqueles que continuam sofrendo com sua perda.

— Você não precisa...

— Meu marido. O pai de Paige.

— Sinto muito — sua voz é profunda e calmante enquanto seu polegar

acaricia as costas da minha mão. É um conforto que eu não mereço.

Talvez seja isso que me fez deixar escapar a verdade.

— Não sinta. Nem eu sinto.

Vejo que o choquei com minha declaração. Eu automaticamente retiro minha mão da dele, mas ele agarra de volta no último segundo.

— Ele te batia? — as palavras saem como um rugido.

Fico surpresa que ele imediatamente tenha pensado isso, parece um grande chute a ser feito.

— Deus, não — esclareço rapidamente. — Teria deixado marcas.

Percebo sua hesitação e imediatamente fecho minha boca. Não acredito que compartilhei tanto. A maioria das pessoas sabe que perdi Rick nos ataques de 11 de setembro, mas nem mesmo minha mãe sabe como foi minha vida até aquele dia.

A vergonha queima em minhas bochechas e eu me levanto abruptamente da mesa, pego seu prato e caminho até a cozinha. Ouço seus passos atrás de mim, mas não paro de lavar a louça na pia. Quando me viro, ele está a apenas um passo de distância, olhando para mim.

— Eu te vi — ele diz, seus olhos na minha boca. — Do outro lado da piscina. Você transmitia luz e esperança, com o rosto virado para o sol. Algo me atraiu para você e meus pés estavam se movendo sozinhos antes que eu percebesse. — Ele leva a mão ao meu rosto, passando o polegar pela minha bochecha. — Você tem um rosto muito expressivo. Ele não mente.

— Gray… — seu nome desliza em uma respiração. Mal reconheço minha própria voz, meus próprios sentimentos. Este homem me faz abrir portas que eu tranquei por tantos anos. O leve roçar de seu polegar na minha pele faz mais por mim do que sexo com qualquer outro homem com quem já tive intimidade. A necessidade de me abrir, compartilhar meus segredos mais profundos e sombrios é tão aterrorizante quanto libertador, mas por enquanto o medo resiste.

Então eu fico na ponta dos pés e pressiono meus lábios nos dele.

Eu não sou assim, — tão direta e reivindicativa — mas ainda assim sou eu.

Eu o sinto congelar sob as mãos que deslizo em seu peito e envolvo seu pescoço, puxando-o mais para baixo. Eu inclino minha cabeça ligeiramente para um ajuste melhor e passo minha língua ao longo de seus lábios imóveis. É como se o corpo dele se chocasse contra o meu e de repente ganhasse vida. Um braço desliza em volta da minha cintura, sua mão se espalhando pelas minhas costas, os dedos pressionando a curva da minha bunda, enquanto ele me empurra em seus quadris. Não há dúvidas sobre a forte evidência do meu efeito sobre ele

pressionando em minha barriga. Sua outra mão desliza pela minha espinha e se emaranha quase dolorosamente no meu cabelo, agarrando um punhado enquanto ele inclina sua boca aberta sobre a minha.

O beijo é de um homem faminto, com fome e voraz enquanto ele se banqueteia, roubando meu desejo e minha respiração. Eu fico mole em seus braços com o ataque avassalador de emoção e sensação, mas seu aperto contundente em mim me mantém no lugar.

No momento seguinte, sou repentinamente liberada de seus braços, ofegante enquanto alcanço o balcão atrás de mim para me estabilizar e Gray dá um passo para trás subitamente, sua mão correndo pelo seu cabelo.

— Eu…eu te machuquei?

Ele parece torturado e eu instintivamente o alcanço, agarrando seu braço.

— Não. Não, nenhum pouco. Você só…isso foi intenso — eu divago, muito parecido com meus pensamentos.

— É só que… — Ele não parece estar muito melhor em formar frases coerentes, o que me faz sentir um pouco melhor. Até que eu quase consigo ver uma firme determinação aparecer enquanto suas feições suavizam em uma máscara impassível. — É melhor eu ir. O jantar foi ótimo. Obrigado.

Com as costas eretas, ele caminha na direção da porta da frente e eu me esforço para acompanhá-lo.

— Gray… — eu começo quando ele já está abrindo a porta.

— Obrigado de novo — ele diz, antes de sair e fechar a porta firmemente atrás dele.

Não tenho certeza de quanto tempo fico ali parada de boca aberta, me perguntando o que diabos aconteceu. Então eu saio do transe, tranco a porta e apago as luzes. Vou direto para a cama, onde fico acordada por horas, mais do que apenas um pouco confusa e, francamente, magoada.



Gray

— Noite ruim? — Jimmy pergunta quando me vê bocejando de novo.

É a terceira noite consecutiva que não consigo dormir, mas quem se importa?

Porra, toda noite desde que beijei Robin em sua cozinha, minha ansiedade só aumentou. Perdi o controle, algo que não pode acontecer. Deus, a

sensação de seu corpo macio pressionado contra mim, disposto e flexível. Se eu não tivesse me afastado quando o fiz, ela teria acabado no chão comigo rasgando suas roupas.

Há uma razão para eu não ter procurado uma boceta fácil desde que saí há pouco mais de três meses. Uma razão depois de dezoito anos. Apenas com a minha mão como companhia, ainda é a única forma de alívio que me permito. A razão pela qual eu caí lá foi minha raiva fora de controle. Custou uma vida. Porra, me custou a maior parte da minha vida.

Tenho medo do dano que eu poderia causar se não conseguir controlar minhas emoções. Com medo de machucar, e talvez de ser machucado.

Algo acontece quando você passa a maior parte dos seus dias tendo dor, medos, necessidades e arrependimentos como sua única companhia. Você os empurra fundo e uma fina camada de verniz se forma, como uma película de poeira, crescendo com o passar do tempo. Você acolhe cada camada de reforço até que se torne um escudo impenetrável, protegendo não apenas você, mas todos ao seu redor.

Até eu conhecer Robin.

Desde a primeira vez que pousei os olhos nela, ela conseguiu tensionar minha resistência sem nem mesmo tentar. Então, quando ela me beijou, acariciou meus cabelos com os dedos enquanto sua língua exigia entrada, ela a rompeu completamente.

Não posso deixar isso acontecer novamente.

— Sim — finalmente respondo Jimmy. — Só inquieto.

— Uhmm — ele murmura, olhando para mim cautelosamente. — Talvez você precise de um pouco de distração? Tem previsão de neve para a próxima semana, então os caras e eu vamos dar uma volta até a praia do Lago Huron no final de semana. Ficar uma noite e voltar para casa no dia seguinte.

Estive com ele e seus amigos motoqueiros em Kalamazoo algumas semanas atrás. Eu gosto deles. São caras bastante francos com quem não me importo de passar o tempo com. Há apenas um problema.

— A moto não está pronta ainda.

— Eu sei — Jimmy reconhece. — Mas Rooster tem uma segunda moto e tenho certeza de que ele te emprestaria.

Rooster era o cara grande e careca e praticamente o líder de seu pequeno clube de motociclismo. Ele mencionou que cumpriu pena algumas décadas atrás por assalto à mão armada, mas que evita se meter em problemas desde então. Foi assim que ele pensou no nome do clube, Os Converts. Ele disse que deixou de ser um ex-presidiário anos atrás e agora se considerava um convertido. Ponto de vista interessante, eu acho, mas não estou pronto para adotar.

Talvez sair por alguns dias me ajude a parar de pensar em Robin.

— Claro. Sim, se ele não se importar comigo andando em sua moto. Já faz um tempo.

— Não tem problema. Vou ligar pro cara. — Ele dá um empurrão no meu ombro quando eu bocejo de novo. — Sobe, dorme um pouco. Eu termino aqui. — Ele indica o Nissan no qual estou terminando uma troca de óleo. — Vai, porra — ele repete quando eu hesito.

— Obrigado — resmungando, puxo o pano do bolso de trás e limpo as mãos enquanto me afasto. No andar de cima, entro no chuveiro, esfregando a graxa e o óleo das mãos. É uma batalha sem fim, a sujeira sempre grudada nas dobras e cantos. Simbólico, de certa forma.

Com apenas uma toalha em volta da cintura, saio do banheiro e me jogo na cama, meu braço cobrindo meus olhos. Estou exausto, mas ainda assim o sono não vem. Meus pensamentos vão imediatamente para Robin e o olhar confuso e quase magoado em seu rosto quando eu saí correndo de sua casa no outro dia.

Culpa. É um sentimento que eu reconheço. Eu me pergunto se é isso que está me mantendo inquieto e acordado; culpa.

Me estico secamente em direção ao celular que coloquei na mesa de cabeceira quando entrei. Copiei o número dela do papel na mesa de Jimmy, no escritório do andar de baixo, um dia depois de pegarmos o carro alugado dela em Midland. Não sei por que o fiz, além de me dar uma sensação de calmaria, sabendo que poderia chamá-la. Ainda não fiz isso.

Jimmy me mostrou como mandar mensagem nesse iPhone, mas estou tendo dificuldades para acertar os botões.

Eu: me desxulpa

Merda.

Eu: desculpa

Eu: Pot ter ido embora daquele jeito

Porra.

Eu: Por

Jesus. É mais rápido e mais fácil ligar, o que eu teria feito se ela tivesse trabalhado no turno da manhã. Ela não tinha. Talvez eu tenha passado pela lanchonete mais cedo, quando levei um dos carros em que estávamos trabalhando para um test drive. Isso foi por volta das três horas e eu vi seu novo SUV no estacionamento. Não estava lá dez minutos antes, na primeira vez em que passei de carro.

O que isso diz sobre mim? Que quase saio correndo de sua casa querendo fugir apenas para persegui-la em seu trabalho, ansiando por um vislumbre. Patético pra caralho, é isso que diz.

Eu: O jantar foi fom

Eu: bom

Enojado, tanto com essa mensagem de texto estúpida quanto com o meu arrependimento, enfio o telefone debaixo do travesseiro e levo minhas pernas para fora da cama.

Abro a geladeira e pego uma caixa de ovos, um pouco de bacon, queijo e cogumelos para fazer uma omelete. Minha refeição quase diária. É difícil cozinhar algo a mais em um fogão de duas bocas, mas não me importo. Nunca me canso de comida fresca. Não é igual as coisas parcialmente congeladas que nos davam para comer dentro da prisão.

Acabei de quebrar o terceiro ovo na tigela pequena quando ouço um *ping* abafado vindo da cama. Jogo a concha na pia minúscula e pego uma toalha para enxugar as mãos, enquanto pego meu telefone. Tudo o que vejo na tela é o nome de Robin e apenas algumas palavras.

Robin: Que bom que…

Eu rolo a tela para conseguir ler a mensagem, mas em vez disso está pedindo minha senha. Já digitei sem pensar várias vezes até então, mas juro pela minha vida, não consigo acertar agora. Estou rosnando de frustração quando, na minha terceira tentativa, o telefone finalmente desbloqueia e vejo a mensagem completa dela.

Robin: Que bom que gostou. Não precisa se desculpar. Está

tudo bem.

Está tudo bem.

Não entendo muito sobre mulheres, mas eu sei que “está tudo bem” é um eufemismo para “você fez merda.”

Afundando na cama, começo a digitar uma mensagem, desta vez lendo antes de enviar. Eu hesito, uma sensação pesada se instalando em meus ombros, e uso o botão “apagar” para deletar cada palavra, deixando o celular cair virado para baixo no colchão e voltando para meus ovos.

Talvez seja melhor assim.

CAPÍTULO 9

Robin

— Desculpe, o Dr. Tracey está uns minutinhos atrasado — sua assistente pede desculpas quando entramos na clínica. — Ele te atenderá assim que puder.

— Sem problemas. — Mamãe volta, e anda até a sala de espera.

Três médicos atendem na clínica, então me surpreendo ao ver que a única outra pessoa ali é um jovem com fones de ouvido, provavelmente ouvindo música no celular em que seus olhos estão grudados.

— Ótimo — minha mãe diz assim que me sento na cadeira ao seu lado. — Assim posso te perguntar sobre seu jantar da semana passada. Como foi?

Não estou surpresa. Posso tê-la distraído com uma história de trabalho engraçada que Paige me contou no final de semana, mas mamãe é obstinada e intrometida ainda por cima. Ainda assim, não quero falar sobre Gray, fiz o possível na semana passada para não pensar nele, embora não tenha tido muito sucesso. Os boatos correndo soltos na Over Easy também não ajudaram.

Eu estava trabalhando em um turno com Donna no início desta semana. A mulher é mais velha que minha mãe, mas ainda assim trabalha mais do que alguns dos funcionários que temos de meio período. Ela mencionou “aquele menino Bennet” e que nem o tempo nem a prisão o tornaram menos bonito do que costumava ser.

Descobrir isso não me surpreendeu tanto. Gray me parece alguém um pouco fora de alcance, talvez até inseguro e muito socialmente desajeitado. Alguém que parece estar sempre testando provisoriamente o mundo ao seu redor, mas quando ele relaxa — como durante o jantar — ele realmente sai de sua concha.

Isso até eu o beijar. O que não é algo que irei compartilhar com a minha mãe.

— Foi legal. Ainda não consigo fazer meu goulash gostoso igual o seu. — Eu tento a distração misturada com bajulação. — Por que será?

— Sempre fica mais gostoso quando outra pessoa faz. Então, me conte mais sobre esse seu amigo.

Eu deveria saber que ela não desistiria.

— Já te contei semana passada.

— Você está sendo evasiva de propósito — ela acusa.

— E isso não te diz algo? — falo severamente, olhando disfarçadamente para a mulher na recepção e o jovem sentado três cadeiras para o lado da minha mãe. Ambos parecem estar absortos no que estão fazendo.

— Eu só quero te ver feliz, querida. — Ela coloca uma mão no meu braço, e eu imediatamente me sinto culpada por ter sido grossa com ela.

Eu suavizo minha resposta afiada anterior com um sorriso.

— Eu sei, mãe, mas não acho que Gray seja a resposta.

— Por que você diz isso? — ela pergunta, assim que alguém sai do escritório do Dr. Tracey do outro lado da recepção.

— Sra. Bishop? — A mulher atrás da mesa se levanta e pega um arquivo. — Pode me acompanhar?

Não tenho ilusões de que minha mãe vai deixar o assunto morrer, mas por enquanto tenho um pouco de paz.

Eu forço meus pensamentos para a lanchonete, onde Kim pelo jeito finalmente contratou uma nova garçonete em tempo integral, que está agendada para começar no final de semana. Não é fácil encontrar alguém em uma cidade deste tamanho, então ela acabou falando sobre a vaga para as comunidades vizinhas. Donna e eu temos feito turnos extras para cobrir a saída de Shirley, mas Kim teve que preencher o restante dos horários com funcionários de meio período. Vai ser bom voltar aos nossos turnos regulares, embora o trabalho extra tenha sido bom para minha conta bancária.

Falei com Shirley no final de semana passado e ela parecia estar bem. Seus filhos, com a ajuda de um policial, conseguiram empacotar seus pertences da casa aqui em Beaverton na semana passada, e sem sinal de Mike. Todos ficaram quietos. Ela também encontrou um emprego como caixa em um supermercado local e parece estar lentamente se recuperando. Tenho certeza de que levará algum tempo — especialmente com o processo judicial contra o marido se aproximando na semana do Dia de Ação de Graças — mas Shirley parece determinada a seguir em frente.

Bom para ela.

Quando minha mãe volta, vinte minutos depois, percebo que evitei pensar em Gray durante todo esse tempo, o que só dura o tempo que leva até o restaurante favorito dela.

O momento em que nos sentamos na pequena cabine perto da janela é quando chega o fim da minha paz.

— Você não teve a chance de responder à minha pergunta de antes.

Em vez de tentar contornar, decido contar a verdade. Talvez assim ela desista de suas ideias românticas.

— Certo, olha, eu gosto de Gray. Ele parece ser um homem decente, e pensei que talvez houvesse algo para explorar, mas tenho a sensação de que ele não pensa o mesmo.

Talvez tenha sido um pouco mais do que apenas uma "sensação" quando ele saiu como se o diabo estivesse perseguindo-o depois que eu o beijei. Embora segundos antes, eu me lembro nitidamente da maneira como ele me beijou, como se sua vida dependesse daquilo. Acho que é por isso que não consigo o entender. Teria sido mais fácil se eu não tivesse ouvido falar dele depois disso, mas houve aquela mensagem fofa que recebi alguns dias depois. Prova de que ele estava pensando em mim também.

Mamãe coloca a mão dela na minha em cima da mesa.

— Talvez ele perceba, e se não perceber, quem perde é ele, querida. — Ela se recosta na cabine e muda decididamente de assunto. — Então, o que vamos fazer no Dia de Ação de Graças esse ano?

Eu amo minha mãe.

— Paige me disse neste final de semana que vai para Lansing no dia 26. Então pensei em pegar vocês duas e trazê-las para minha casa. Paige pode dormir comigo e você pode ficar com o quarto de visitas. Podemos cozinhar juntas. O que acha?

Eu sei como as datas comemorativas ainda são especialmente difíceis para ela. Porra, ainda são para mim também; a ausência do papai parece ser maior nesses dias especiais. Foi sugestão de Paige comemorar na minha casa em vez de na casa de mamãe, para variar um pouco. Novas tradições e tudo mais.

— Perfeito — ela concorda. — Vamos apenas torcer que a neve espere até depois.

Não costumamos ter montes de neve aqui — não como alguns lugares ao norte — mas as estradas podem ficar escorregadias rapidamente.

— Perfeito, então vamos pensar no que vamos cozinhar — eu ofereço, feliz por termos mudado para um tópico mais seguro. Mas enquanto discutimos nossas opções, não posso deixar de me perguntar o que Gray fará no Dia de Ação de Graças.



Gray

— Como você está?

Frank aparenta estar bem detonado quando entro no bar na hora do almoço.

Era para termos nos encontrado no domingo passado, mas ele me disse que não poderia ir. Ontem ele ligou para a oficina e perguntou se eu poderia vir hoje na hora do meu almoço. Ainda não sei por que ele quer falar comigo, mas acho que estou prestes a descobrir.

— Vou sobreviver por enquanto — ele murmura, liderando o caminho até o bar depois de trancar a porta da frente. — Cerveja? Tenho café também.

— Não, obrigado. Mas aceito um copo de água.

Observo os movimentos lentos e medidos de Frank e me pergunto o que está acontecendo com ele. Eu não preciso me questionar por muito tempo.

— Duas coisas — ele começa, depois de colocar um copo na minha frente e tomar um gole de sua cerveja. — Primeiro, pois não tenho tempo para pisar em ovos, eu te devo um pedido de desculpas. — Me alarmo com isso. — Eu deveria saber. Nós éramos amigos há muitos anos, mesmo naquela época, mas eu sabia que ele era um bêbado. Eu sabia que ele conseguia ser um idiota quando ele bebia demais. Eu só nunca achei que ele… — Ele engole seco claramente, dando outro gole antes de continuar. — Ele estava bêbado quando veio aquela noite. Se sentou nesse bar, chorando sobre ela estar morta. Me senti mal por ele, todos nós sentimos, pensando que ele estava falando sobre a sua irmã. Todos esses anos, e eu não fazia ideia...

— Frank — eu o interrompo com uma mão em seu braço e um nó na minha garganta. — Não é seu fardo para carregar.

— Ver você lá... — Ele balança a cabeça e desvia os olhos para a janela, como se estivesse revivendo tudo. — Você merecia coisa melhor, garoto. Sofri por anos quando você se recusava a receber visitas. Então, quando soube que você tinha perdido uma oportunidade de liberdade condicional, eu estava pronto para tirá-lo daquele lugar esquecido por Deus. Não sei explicar o quão feliz fiquei em vê-lo de volta à cidade. Não queria assustá-lo, então dei um tempo para você se ajustar, mas estava observando.

— Águas passadas, cara.

Eu tento parar seu fluxo de palavras que me atingem como cortes de papel na minha alma, mas ele me ignora.

— Eu tenho que fazer o certo por você, Gray. Eu te decepcionei. Porra, toda esta cidade te decepcionou. Nada disso teria acontecido se tivéssemos prestado atenção. O que me leva ao meu segundo ponto.

Ele dá um grande gole na lata e fecha os olhos enquanto engole. Me preocupo quando vejo sua mão tremer enquanto ele puxa um envelope de debaixo do bar.

— Você está bem, Frank?

Ele não suaviza.

— Estou morrendo, filho. Vai ser um milagre se eu chegar vivo no Dia de Ação de Graças. Eu teria esperado um pouco mais, mas não tenho tempo. O câncer me pegou de jeito.

— Jesus — sibilo.

Ele empurra o envelope para mim.

— Não compensa o tempo que você perdeu, filho, mas espero que lhe dê o futuro que você merece. Eu não tenho meus próprios filhos, mas se você fosse meu filho, eu não poderia estar mais orgulhoso de você.

Os cortes de papel de antes agora são feridas profundas e as emoções que trabalhei duro para manter sob controle fluem livremente. Dói sentir.

Eu não mereço as suas palavras, e mesmo assim elas penetram fundo.

— Abra.

Ele indica o envelope na minha frente e eu o pego, deslizando meu dedo sob a aba.

— O que é isso? — consigo falar, minha voz quebrada.

— Uma cópia do meu testamento. Você perdeu tudo naquela noite, e eu gostaria de poder devolver sua família, mas não posso. O mínimo que posso fazer é garantir que você fique bem cuidado.

Enquanto ele fala, meus olhos examinam o documento cheio de jargões jurídicos até encontrarem um nome destacado:

DEIXO PARA **GRAY EDWARD BENNET**, ÚNICO BENEFICIÁRIO, TODOS OS MEUS BENS PESSOAIS, INCLUINDO (MAS NÃO SE LIMITANDO A) A PROPRIEDADE, EDIFÍCIO E CONTEÚDO NA 357 PARKER STREET, BEAVERTON, MI; O BAR DIRTY DOG; MEU APARTAMENTO; E O FORD MUSTANG 1965 NA GARAGEM NOS FUNDOS DA PROPRIEDADE.

— Você não pode fazer isso — murmuro, tentando entender o que estou lendo.

— Já está feito — ele diz firme.

— Mas...

— O bar funciona sozinho. — Ele continua irredutível. — Bunker administra o dia a dia, então você nem precisa estar aqui a menos que seja dia de pagamento. Tudo que você precisa fazer é assinar os cheques. Bunker prepara tudo. Ele está comigo há quinze anos e pode administrar este lugar enquanto dorme. Meu apartamento no andar de cima você pode pegar ou alugar como achar melhor. Você pode jogar fora ou guardar o conteúdo, eu realmente não me importo. Não sobrou uma única pessoa para dar tudo isso. Tudo o que peço é que você aceite o que estou lhe dando não como um prêmio de consolação, mas como a realização do desejo de um velho à espera de seu último suspiro.

Sua mão nodosa e trêmula pousa na minha enquanto minha mente tenta acompanhar o que ele está dizendo.

— Me conceda essa honra, filho. Me deixe ir embora desta vida sabendo que pelo menos tentei corrigir alguns dos erros que cometi com você.

Meia hora depois, saio do bar, atordoado e impressionado com a magnitude do que acabou de acontecer. Assinei cerca de uma dúzia de formulários e papéis que Frank preparou para mim, para garantir que o bar possa continuar funcionando, já que ele irá para uma unidade de cuidados paliativos no final de semana.

Não sei o que fazer com tudo isso. Estou triste, a responsabilidade é pesada e minha mente está caótica. Me sinto compelido a falar com alguém — para compartilhar e me ajudar a processar o que está acontecendo — mas a primeira pessoa que vem à mente é Robin, e ela claramente não é uma opção. Me certifiquei disso.

— Como Frank está? — Jimmy pergunta, quando entro pelas portas da garagem. Eu disse a ele aonde eu ia mais cedo.

— Ele...não está bem — respondo, incapaz de guardar tudo para mim.

Jimmy parece ver algo em minha expressão porque ele chama Kyle, lhe dizendo para substituí-lo enquanto ele me conduz para seu escritório nos fundos.

— Você está me zoando? — ele diz, quando dou a ele um resumo da última hora.

— Pois é. Eu não sei no que ele estava pensando quando decidiu apenas entregar tudo.

— Estou falando dele estar com câncer. Aquele maldito nunca disse uma palavra sobre isso. Aposto que ele não falou para mais ninguém — ele esclarece. — Mas eu não estou tão surpreso com o testamento. Ele e eu passamos muitas noites conversando sobre você enquanto tomávamos cerveja, irmão. Nós dois preocupados, mas determinados a não desistir de você, mesmo parecendo ser o que você queria. Nós compartilhamos uma culpa comum, imaginando se havia algo que poderíamos ter feito.

Fico sem palavras; surpreso ao saber que não sou o único carregando o fardo daquele dia em meus ombros.

CAPÍTULO 10

Robin

— Gray Bennet vem bastante aqui?

Levanto a cabeça rapidamente com essas palavras, e largo os talheres que estou enrolando em guardanapos para o jantar de volta na bandeja.

A nova garçonete, Becca, não está falando comigo, mas com Kim, e volto à minha tarefa, ouvindo a conversa delas.

Ela é legal: Becca. Começou aqui no final de semana passado e parece saber o que está fazendo. Ela tem sido amigável comigo, boa com os clientes e foi um alívio estar de volta ao nosso horário normal.

— Ele veio algumas vezes, mas não o vi recentemente — ouço Kim dizer. — Como você conhece Gray?

Eu a olho e encontro a piscadela que Becca dá para Kim enquanto se inclina de forma conspiratória.

— Nós nos conhecemos há muito tempo — ela explica. — Gostaria de botar o papo em dia com ele. Pelos bons tempos.

Caramba.

Eu a espio com um pouco mais de interesse. Ela é muito bonita; se veste um pouco jovem, talvez, com jeans justos e decotes grandes, mas acho que se você tem, não há nada de errado em exibir. E Becca tem. As pernas longas, peitos grandes e longos cabelos loiros tingidos emoldurando um rosto cuidadosamente maquiado. Eu consigo imaginá-la com Gray.

Na minha visão periférica, vejo a sra. Chapman tentando chamar nossa atenção, paro o que estou fazendo e vou até a mesa dela.

— Já se decidiu? — pergunto. A pobre mulher parecia um pouco mais confusa do que o normal hoje e passou os últimos trinta minutos olhando para o

cardápio. Tentei ajudá-la a tomar uma decisão mais cedo, mas isso só pareceu deixá-la ainda mais abalada.

— Acho que quero os Ovos Beneditinos. Está tarde demais?

Normalmente paramos de servir o café da manhã depois do horário do almoço, mas tenho certeza de que Jason faria alguns ovos para ela. Coloco a mão no braço dela.

— Tenho certeza de que podemos prepará-los para você, sra. Chapman. Enquanto isso, gostaria de mais um pouco de café fresco?

— Por favor.

O sorriso agradecido da mulher causa uma pontada no meu peito. Há muito tempo suspeito que o motivo pelo qual ela demora uma eternidade para fazer seu pedido e para terminar as refeições é porque ela anseia por companhia. Suas visitas semanais ao restaurante podem muito bem ser a única interação social que ela tem desde que seu marido faleceu há cerca de dez anos.

Becca e Kim parecem estar conversando ainda ao lado da caixa registradora quando vou até a janela que dá para a cozinha e passo o pedido da sra. Chapman para Jason.

— O que ela tem? — Becca pergunta, quando pego a cafeteira na estação de café atrás do balcão. Eu instantaneamente me irrito com o tom um tanto crítico.

— Ela só é sozinha — respondo bruscamente, em defesa da velha mulher. — Ela vem aqui para ver um rosto amigável.

Becca parece ter me entendido, porque ela imediatamente sorri se desculpando.

— Claro. Eu não quis...

— Sem problemas — eu a interrompo, me sentindo um pouco culpada pela minha reação instintiva.

Ouvi-la falar sobre Gray pode ter algo a ver com isso.

Isso é ridículo. Não é culpa dela, nem dele; não consigo parar de pensar nele. Você pensaria que alguém da minha idade e experiência de vida seria mais inteligente do que gastar tempo pensando em um cara que não poderia ser mais claro sobre o que sente. Em vez disso, minha cabeça se levanta toda vez que a porta da lanchonete se abre; esperando secretamente que seja ele. Eu até evitei levar minha SUV na oficina para colocarem os meus pneus de inverno, porque estou muito preocupada com a reação de Gray quando me ver.

Ridículo. Depois do trabalho, vou direto para a oficina.

— Aqui está, sra. Chapman. — Eu sorrio para ela, enchendo sua xícara. — Jason está preparando seus ovos. Não vai demorar.

— Obrigada, querida.

Quando Donna chega às quatro, tiro o avental, pego minha bolsa e casaco e me despeço. Do lado de fora, consigo notar que a temperatura está caindo e um vento forte começou. A previsão do tempo incluía chances de chuva para esta tarde, mas até agora nada. Olhando para o céu escuro ao norte, percebo que não vai demorar.

Dirijo os dois quarteirões até a oficina e estaciono na ampla entrada de veículos, meus olhos automaticamente procurando por Gray, mas não o vejo. No entanto, Tank me vê, e vem andando em minha direção enquanto saio de trás do volante.

— Oi, Robin. Está tudo bem?

— Sim, tudo certo. Só estava pensando, quando você acha que conseguiria colocar os meus pneus de inverno?

Ele olha para a oficina antes de olhar para mim de novo.

— Hoje não. Estou no meio de um trabalho que tenho que terminar antes do final do dia e Gray está em uma chamada com o caminhão de reboque. Mas podemos colocar amanhã. Deixe o carro aqui de manhã e eu lhe dou uma carona até a lanchonete. Vou pedir para Kyle levar para você quando terminarmos.

Admito que estou um pouco decepcionada por Gray não estar aqui, mas esboço um sorriso para Tank.

— Está ótimo, mas eu entro as seis amanhã de manhã. Posso trazer um pouquinho mais tarde? Provavelmente consigo escapar por alguns minutinhos depois do café da manhã.

Ele acena com a mão.

— Um de nós pode ir buscar. Não se preocupe. — *Um de nós*. Isso pode significar Gray.

Tank já está entrando de volta na oficina quando agradeço.

A manhã seguinte é movimentada, mas toda vez que ouço o barulho da porta, minha cabeça se levanta. Finalmente, quando estou limpando algumas mesas em minha seção, o grito de Becca me faz virar para ver Gray entrando. Meu coração pula, mas instantaneamente afunda como uma pedra enquanto vejo Becca se jogar em seus braços.

Eu me afasto quando eles parecem se fechar firmemente em torno dela.



Gray

A última pessoa que espero ver quando entro na Over Easy é Becca Simms.

Porra, levo um segundo para reconhecê-la, mesmo quando ela está se jogando contra mim. Assim que seus braços deslizam em volta do meu pescoço, eu os alcanço para removê-los. A prisão me deixou desconfortável com invasões não convidadas do meu espaço.

Estranhamente, isso não me incomodava com Robin.

Meus olhos imediatamente a procuram e a encontro curvada sobre uma mesa do outro lado da lanchonete, de costas para a porta, graças a Deus.

— Ouvi dizer que você saiu há alguns meses.

Minha cabeça se volta para Becca e tento controlar a raiva que me inunda. Não vejo essa mulher desde o dia 10 de setembro de 2001. Nem uma única vez depois disso.

Eu imediatamente dou um passo para trás quando ela levanta a mão para o meu peito a deixando suspensa por um momento antes de ela deixá-la cair para o lado.

— Que porra você pensa que está fazendo? — digo em voz baixa.

— Eu pensei em você. Pensei que talvez…

Balanço minha cabeça bruscamente.

— Não vai acontecer. Nunca! — eu corto antes de virar as costas para ela, meus olhos procurando por Robin, que parecia ter desaparecido.

Mal percebo Becca passando por mim para cuidar de uma mesa, mas não posso deixar de ver Kim, que entra no meu campo de visão.

— Vai devagar — ela diz. — Não sei o que está acontecendo, mas você entra e eu encontro uma garçonete quase chorando e outra se escondendo no banheiro.

Merda.

— Desculpe.

A expressão de Kim se suaviza.

— Tudo bem. Você precisa de uma mesa?

Balanço a cabeça, de repente com pressa de sair logo dali.

— Jimmy me pediu para pegar o carro de Robin.

— Deixe-me ver onde ela está.

Me sento em um banquinho no balcão enquanto Kim vai procurá-la. Becca retorna, um sorriso inquieto em seu rosto enquanto seus olhos encontram os meus.

— Gostaria de pedir algo?

— Não. Olha... — eu começo a me desculpar quando um aceno de sua mão me interrompe.

— O erro foi meu. Não fale nada — murmura, rapidamente se virando para levar um pedido para a cozinha.

Robin aparece do corredor estreito que leva aos banheiros, com Kim logo atrás dela, imediatamente chamando minha atenção.

— Oi — ela diz, com um olhar hesitante parecido com o que Becca me lançou momentos atrás.

Espalho alegria aonde quer que eu vá, aparentemente.

— Oi, Robin. Jimmy me pediu para vir pegar o CRV.

— Ah, sim. Vou pegar a chave.

Ela se abaixa atrás do balcão para pegá-la de sua bolsa, entregando-a para mim em seguida. Eu — não — acidentalmente acaricio a palma de sua mão com meus dedos e arde quando ela puxa a mão para trás como se estivesse queimada.

Por mais determinado que eu estivesse em manter distância, não posso deixá-la colocar aquelas sombras em seus olhos. Vamos precisar conversar.

— Que horas você sai? — pergunto, me levantando.

— Perto das quatro, mas eu vou andando.

Olho pela janela onde a neve ainda está caindo.

— Eu te busco.

— Não precisa, de verdade.

Está claro que ela pretende me evitar, mas estou determinado a não deixar isso acontecer.

— Às quatro. Estarei aqui — insisto, e quase sorrio com a sua revirada de olhos.

De volta à Automotiva, faço um trabalho rápido de trocar os pneus dela e estaciono sua SUV atrás da oficina.

— Você não vai levar de volta? — Jimmy pergunta quando entro novamente na oficina.

— Pensei em levar quando ela sair do trabalho.

— Vou pedir para Kyle levar.

Eu sei que ele está tentando me irritar e dou a ele o que ele quer.

— Vai se foder, Jimmy. Já disse que vou levar.

Ele arqueia uma sobrancelha e um lado de sua boca se levanta. Maldito idiota arrogante.

— Isso quer dizer que você criou vergonha na cara?

— Que porra você está falando?

— Ah, não sei. Talvez o fato de você não ter saído de casa durante semanas e um dia de repente começar a ir almoçar na lanchonete? E então, nem uma semana depois, você está deprimido aqui o dia todo de novo? Eu não sou

idiota, irmão. Você esquece, mas passei mais tempo do que você naquele maldito restaurante, mas nunca, nem uma única vez, aquela mulher olhou para mim do jeito que olha para você.

Fico chocado com as suas palavras. Não é apenas mais perspicaz do que eu daria crédito a ele, mas também me faz perceber que não sou o único que tem mais do que apenas um interesse passageiro em Robin. O que me faz sentir um idiota ainda maior do que eu já me sentia.

— Pretendo falar com ela — digo.

— Você deveria mesmo.

— Mas não sei se isso é bom.

— Se você pensa isso, é um idiota. Você não acha que ela já sabe que você é ex-presidiário? Over Easy é um ninho de fofocas. Eu ficaria surpreso se ela já não conhecesse toda a sua história.

Penso em suas palavras enquanto dirijo até a lanchonete algum tempo depois. Tomei um banho rapidamente no meu apartamento e coloquei jeans e camiseta limpos.

Robin já está esperando do lado de fora, o que me irrita, porque ainda está nevando. Ela poderia ter esperado lá dentro. Eu paro no meio-fio e começo a descer para abrir a porta para ela, mas ela já está cuidando disso sozinha.

— Você está querendo pegar uma gripe? — falo bruscamente, quando ela fecha a porta.

Seus olhos se levantam para encontrar os meus com raiva e ela pressiona os lábios enquanto tira o cabelo molhado do rosto.

— É por isso que você veio me buscar? Para me dar sermão? Porque...

Ela está com raiva e eu faço a única coisa que consigo pensar. Coloco uma mão atrás de sua cabeça e encontro sua boca, afogando o resto de suas palavras em um beijo intenso, quase desesperado.

Quando me afasto, seus lábios estão inchados, mas seus olhos estão atordoados.

— Porra — murmuro baixinho, mas ela ouve e instantaneamente seu rosto tensiona enquanto ela se encosta em seu assento.

— Você vai fugir de novo?

— Não — respondo instantaneamente, me endireitando atrás do volante e afivelando meu cinto, mas nunca desviando de seu olhar.

Ela me encara por um instante antes de assentir bruscamente e colocar o cinto de segurança. No momento em que ouço o estalo, engato a marcha e, com as rodas girando na neve, saio do meio-fio.

Enquanto dirijo para longe, percebo Becca nos observando pela janela da lanchonete.

— Para onde estamos indo? — Robin pergunta quando passo pela Automotiva, provavelmente dirigindo rápido demais para o clima.

— Sua casa — falo, me concentrando em permanecer na estrada quando tudo que eu quero fazer é encostar o carro, puxá-la para o meu colo e enterrar meu pau faminto dentro dela.

Chegamos na casa dela em tempo recorde, apesar das más condições da estrada. Durante toda a viagem evito olhar para Robin, mas posso sentir cada respiração sua. No momento em que paro em sua garagem, eu me lanço para fora do SUV e dou a volta no carro, meus olhos nos dela através do para-brisa.

Abro a porta e ela se mexe para sair, mas a seguro antes que seus pés toquem o chão. Com meus braços em volta dela, encontro sua boca com a minha, meio que a levantando para fora do veículo. Não sei como chegamos à sua porta da frente com nossas bocas ainda grudadas.

— Chave — ela quebra o contato e murmura contra os meus lábios. Relutantemente, eu a deixo para que ela possa abrir a porta, mas eu fico atrás dela e, no momento em que ouço a porta abrindo, eu a empurro para dentro.

Meus dedos encontram o laço em torno de seu coque bagunçado e o puxo enquanto chuto a porta para fechá-la com o pé. Eu continuo a conduzi-la em direção à parede até que ela tenha que se apoiar contra ela. Eu envolvo a confusão de ondas em meu punho para expor seu pescoço e encosto minha boca no tendão que se estende até seu ombro.

Os pensamentos giram sem controle em minha mente, mas a única coisa em que consigo me concentrar é em seu gosto, seu cheiro e minha necessidade incontrolável. Com as mãos trêmulas, tiro a jaqueta dela e consigo abaixar o zíper da calça jeans, enfiando a mão dentro. Meus dedos encontram seu calor escorregadio e eu gemo na curva de seu pescoço.

— Gray… — ela murmura, sua bochecha pressionada contra a parede.

— Me diga para parar — imploro, mesmo quando estou puxando seu jeans para baixo, levando sua calcinha junto.

— Por favor…

Quando as palavras saem de seus lábios, seus pés saem da calça jeans acumulada em seus tornozelos, e ela pressiona sua bunda nua para trás, inclinando os quadris em um convite.

— Meu bem, eu não...

Já estou liberando meu pau e dobrando meus joelhos, em seguida eu alinho a ponta com sua entrada.

— Por favor, Gray…

A pouca contenção que me restava desaparece quando ela sussurra meu nome e eu entro em seu calor apertado.

CAPÍTULO 11

Robin

— Merda, Sunshine.

Ele se inclina pesadamente contra mim e consigo sentir tremores percorrendo seu corpo.

Isso foi inesperado. E rápido.

— Mil desculpas.

Eu o sinto se afastar e há um arrepio instantâneo nas minhas costas.

— Se você sumir de novo eu te mato — murmuro, com meu rosto ainda pressionado contra a parede. Minhas pernas estão tremendo demais para eu ficar de pé sozinha.

— Não vou sumir.

Eu ouço o som de um zíper e sinto a mão dele no meu quadril.

Engulo meu “graças a Deus” no último segundo. Esperava que ele ainda não estivesse satisfeito, porque eu com certeza ainda não estava. No segundo seguinte, sinto algo escorrendo pela minha perna.

Ah, merda.

— Estou vazando.

Eu tento me desencostar da parede, mas quando não funciona, me viro até minhas costas estarem contra ela e eu de frente para ele. Eu consigo ver a culpa estampada em seu rosto.

— Eu juro que estou limpo. Não estive com ninguém desde que entrei. Jesus, Robin, Estou limpo.

Demoro para registrar o significado do que ele está me dizendo, mas quando acontece, fico curiosa.

— Por quanto tempo você ficou preso?

É evidente que ele prefere não responder pela maneira como seus olhos se desviam.

— Posso pegar uma toalha ou algo assim?

Certo. O líquido escorrendo na minha perna.

No entanto, não consigo me mover ainda. Estou em estado de choque e em parte mortificada com minha falta de controle. Estou aqui com minha calcinha e o jeans no chão, aos meus pés, tudo em plena exibição. Eu deveria estar completamente horrorizada, mas o pior é que ainda há uma parte de mim dolorosamente excitada.

— Por favor — respondo. — A segunda porta a direita é o banheiro. Pega meu roupão também — adiciono no último segundo.

Ele não me toca, mas consigo sentir seus olhos em mim quando ele passa e segue pelo corredor.

Registro vagamente os sons de água corrente enquanto testo minhas pernas e as encontro um pouco mais resistentes. Antes que eu tenha a chance de começar a me mover, Gray aparece com uma toalha e meu velho roupão surrado. Eu estendo minha mão, mas ele a ignora, me chocando ao cair de joelhos na minha frente.

— Você não...

— Dezoito anos — ele me interrompe, enquanto limpa cautelosamente a parte de dentro da minha perna. Estou tão chocada com suas palavras que até esqueço o que ele está fazendo. — Perdi o controle. Eu te machuquei?

Solto um som agudo quando o pano áspero roça meu clitóris sensível e seus olhos disparam para encontrar os meus. Aqueles olhos azuis pálidos cheios de preocupação. Rapidamente balanço minha cabeça.

— Não. Não machucou.

— Preciso perguntar, você está protegida? Toma anticoncepcional?

— Não. — Coitado, eu o vejo estremecer. — Fiz uma histerectomia depois que Paige nasceu — explico rapidamente, enquanto ele fica de pé.

Gray me desencosta da parede e envolve meu roupão em torno de mim, jogando a toalha no corredor em direção ao banheiro. Então ele pega minha mão e me leva para a sala, onde me puxa para o sofá, me aconchegando ao seu lado.

Não o impeço, ainda estou tentando processar o que acabou de acontecer, mas pelo menos ele ainda está bem aqui.

— Dezoito anos? — Inclino minha cabeça para trás e observo como uma série de emoções passa pelo seu rosto. Mas juro que o que resta em seus olhos quando ele os vira para mim é apenas a culpa.

— Culpado de assassinato em segundo grau.

Sou incapaz de impedir minha forte inspiração, e instantaneamente sinto

seu corpo enrijecer enquanto ele remove o braço dos meus ombros.

— Sério? — pergunto quando encontro as palavras.

Eu preciso saber. Só porque não consigo imaginá-lo fazendo algo assim não significa que ele não tenha feito.

Mesmo assim, consigo perceber como minha pergunta o deixou desconfortável.

Ele se levanta e caminha até a lareira, onde estuda minhas fotos de família, enquanto eu aperto meu roupão um pouco mais em volta do meu corpo. A maioria dessas fotos é de Paige, mas algumas incluem meus pais e eu. Ele passa o dedo sobre uma foto que meu pai tirou de mim com minha filha ao lado quando eu era obesa e ainda assim me considerava feliz.

— Sim.

Eu mal consigo ouvir sua resposta sussurrada. Ele está de costas para mim e com os ombros curvados, como se estivesse se preparando para o impacto.

É difícil conciliar o homem vulnerável na minha frente com alguém que voluntariamente tiraria a vida de outra pessoa. Na verdade, pelo pouco que vi de Gray Bennet, ele é um homem gentil e apreciado por pessoas que o conhecem melhor do que eu.

— O que aconteceu? — finalmente pergunto em um tom gentil.

Ele permanece de costas, mas percebo que ele segura a madeira da lareira com tanta força que os nós de seus dedos ficam brancos.

— Minha irmã me ligou...chorando. Só conseguia ouvir gritos ao fundo — Gray começa, e meu coração já está doendo por ele. Ele grunhe. — Ainda nem tinha ligado a TV no jornal, mas então liguei. Vi a fumaça saindo dos prédios, sabendo que Reagan estava lá. — Ele dá um passo para trás e se inclina com as mãos apoiadas na madeira, a cabeça pendendo para baixo. — Ela me pediu para ajudá-la, mas tudo o que eu podia fazer era assistir impotente. Ela me disse que me amava, e pediu para falar para nossa mãe também. Quando a torre sul explodiu, a linha caiu. Continuei tentando ligar para ela de volta até que vi a torre norte desabar e eu soube…

Me levanto do sofá e vou até dele, colocando a mão em suas costas, mas ele se afasta e começa a andar pela sala.

— Tentei comprar passagens, para mim e para minha mãe, mas o tráfego aéreo tinha sido interrompido, então eu disse a ela para pegar algumas coisas, que eu ia buscá-la e nós íamos dirigir até Nova York. Mesmo assim ela ficou preocupada em deixar meu pai. O idiota já estava bêbado. Todos esses anos e eu nunca consegui convencê-la a deixá-lo. Ela amava a fazenda, mas Reagan era seu bebê.

Já estou chorando, observando-o andar; quatro passos para um lado, depois quatro para o outro. Nunca um passo extra, como se houvesse uma barreira invisível o impedindo. Me sento de volta no sofá, algo que ele nem percebe, parece estar muito perdido em suas memórias.

— Eu estava prestes a sair com as minhas coisas quando ela ligou. Meu pai gritando ao fundo. Eu disse a ela para pegar as coisas e se trancar no banheiro até eu chegar lá, mas a linha também caiu.

Envolvo meus braços em torno de minha barriga em uma tentativa de me manter forte. A agonia crua em sua voz é diferente de tudo que já ouvi. Cada palavra, um passo doloroso para o que eu já sei em meus ossos que será uma conclusão horrível.

— Seu carro já não estava mais lá quando cheguei na fazenda — ele resume, seus olhos em algo invisível à sua frente enquanto ele continua a colocar um pé na frente do outro. Um, dois, três, quatro passos, depois vira cento e oitenta graus e faz o mesmo na outra direção. Eu apenas permaneço aqui e o observo sem poder ajudar. — Ela estava no chão do quarto, sua mala aberta de cabeça para baixo ao lado da cama, seu conteúdo espalhado por toda parte. Eu sabia que ela tinha partido. Encontrei meu taco de baseball no armário do meu antigo quarto e dirigi direto para onde eu sabia que o encontraria.

— Gray… — sussurro, e ele para de andar, seus olhos disparam para os meus, quase parecendo confuso.

— Eu o matei.



Gray

Espero o julgamento nublar seu rosto, mas não acontece.

Rastros de lágrimas correm por suas bochechas, mas não há desgosto, medo ou acusação naqueles olhos cinzentos e calorosos voltados para mim.

— Eu sei — ela sussurra, antes de se levantar e vir na minha direção.

Observo sua aparência, o longo cabelo castanho claro enfeitado com um cinza implacável emoldurando seu lindo rosto, o roupão azul surrado e amarrado frouxamente em volta de sua cintura e os quadris generosos que eu gostaria de ter passado mais tempo apreciando.

— Eu o matei — repito, querendo ter certeza de que ela entenda.

Sinto o calor de seu corpo quando ela se levanta na ponta dos pés e pega meu rosto em suas mãos, roçando seus lábios nos meus.

— Sim — ela confirma, seus olhos bem abertos, — e eu entendo.

Me encontro sem palavras. Eu falei mais com essa mulher do que com qualquer pessoa em muito tempo. Me sinto vazio e gasto. Então, quando sua mão pega a minha e ela me guia silenciosamente até seu quarto, eu a sigo.

— Sente — ela ordena, indicando a cama.

Quando eu obedeço, ela se ajoelha na minha frente e começa a tirar minhas botas. Então ela remove minhas meias e abre meus joelhos, usando-os para se levantar. Agarrando a bainha da minha camiseta, ela começa a puxá-la sobre minha cabeça, meus braços se levantando de bom grado.

No entanto, quando ela se inclina para a frente e pressiona um beijo no meu peito, tenho que fechar os olhos, arrebatado pelo seu gesto. Eu a sinto se afastar e ouço o farfalhar de roupas, então uma gaveta abrindo e fechando, antes que eu possa sentir sua proximidade novamente. Quando eu olho, ela está vestindo uma calcinha e minha camiseta.

Solto a respiração que estava segurando. Por mais disposto que meu pau pareça estar, não tenho certeza se seria capaz de aceitar o convite que pensei que ela estava fazendo.

— Venha se deitar comigo — Ela pede, subindo na cama e abrindo seus braços para mim.

Mesmo se eu quisesse, eu não seria capaz de dizer uma única palavra devido ao enorme nó na minha garganta enquanto me entrego ao seu abraço. Não é nem hora do jantar ainda e de repente estou exausto.

Seu corpo, seu conforto e sua aceitação são como um bálsamo para minha alma, e em seus braços me permito as primeiras lágrimas verdadeiras de luto.



Quando acordo o quarto está escuro e estou sozinho.

Ouço uma voz abafada através da porta e balanço minhas pernas para o lado da cama enquanto passo a mão pelo meu cabelo. Me levanto, vou até a porta aberta do banheiro e me acalmo antes de lavar as mãos e jogar um pouco de água no rosto.

Não consigo encontrar minha camiseta — presumo que Robin ainda esteja a usando — e não acho minhas meias e botas quando vou procurar por elas.

— Sim, querida; cheesecake de abóbora parece uma delícia. Mal posso esperar para provar.

Ela está sentada à mesa da cozinha, mas vira a cabeça quando entro, com um leve sorriso nos lábios. Eu me pego sorrindo de volta, a força dos músculos subutilizados é estranha. Aponto para a geladeira e levanto minhas sobrancelhas em questionamento. Ela acena com a cabeça e gesticula com a mão.

— Pensei no arroz e recheio de cogumelos...? — eu a ouço dizer, enquanto pego uma jarra do que espero ser suco de laranja da geladeira.

Acho que é a mãe ou a filha dela e elas estão discutindo o jantar de Ação de Graças com base no que consigo ouvir.

— Ah, parece bom também.

Sento a sua frente e noto que seus olhos estão quase brilhando.

— Certo, vamos fazer esse então. Sim, ainda vou te buscar.

Ela sorri para mim enquanto tomo um gole do suco e ouço com ousadia. Ela não parece se importar.

— Vou ficar bem. Acabei de colocar os pneus de inverno. Querida, eu preciso ir.

Robin estende a mão sobre a mesa e eu a cubro com a minha enquanto o som fraco de uma mulher falando sai do celular.

— Eu vou. Prometo. Também te amo. Boa noite.

— Filha? — pergunto, quando ela coloca o telefone virado para baixo na mesa.

— Sim, Paige. Ela vem para o Dia de Ação de Graças.

— Imaginei.

Ainda estou sorrindo como se não tivesse contado a esta mulher meus mais profundos e sombrios segredos há apenas algumas horas atrás. Eu nem me reconheço enquanto esfrego meu polegar nas costas da mão dela.

— Está com fome?

A pergunta é bastante inofensiva, mas a resposta do meu corpo é imediata. Seus olhos escurecem quando ela vê o ar saindo das minhas narinas.

— Morrendo — rosno, já me levantando. Mantenho minha mão firme na sua mão e a puxo em minha direção.

Minha vez de guiar o caminho até o quarto, onde arranco minha camiseta de seu corpo, seus seios exuberantes saltando enquanto ela levanta os braços. Minha respiração fica presa na garganta enquanto eu observo suas curvas suaves.

— Jesus, Sunshine.

Estendo a mão e corro as pontas dos meus dedos pela curva de seu seio antes de pegá-lo em minha mão, esfregando meu polegar sobre sua ponta dura. Um leve som agudo sai dos lábios de Robin. Levanto meus olhos para encontrar

os dela e vejo o mesmo calor que sinto refletido ali.

A mesma necessidade intensa que senti anteriormente vem à tona, e respiro fundo lutando para me manter no controle. Desta vez, vou me certificar de que as necessidades dela fiquem em primeiro lugar.

Com um leve empurrão, ela cai de costas na cama, as pernas penduradas na ponta do colchão. Engato meus dedos no elástico de sua calcinha, puxando-a. Então eu fico de joelhos, coloco suas pernas sobre meus ombros e a puxo para mais perto da borda.

Eu inalo profundamente o cheiro de sua excitação antes de cobri-la com a minha boca. Seu gosto, novo e de alguma forma familiar, me inunda. Minha mecânica pode estar enferrujada, mas minha determinação faminta compensa. Não demora muito para eu sentir suas coxas tremendo enquanto ela se pressiona contra a minha boca.

Levanto e tiro minha calça jeans em um piscar de olhos, me posicionando em sua entrada. Eu procuro seus olhos antes de entrar em seu corpo; um leve toque do meu polegar sobre seu clitóris a faz gritar meu nome. Com seu canal apertado pulsando ao meu redor, eu deixo meu controle ir embora.

Embaraçosamente, poucos momentos depois, eu cedo e gemo enquanto minhas bolas apertadas se esvaziam dentro dela.

CAPÍTULO 12

Robin

— O que é esse sorriso?

Enfio minha bolsa na gaveta atrás do balcão e me levanto para olhar para Kim.

— Não dormi muito bem.

Kim me conhece muito bem e, por mais que eu não esteja mentindo, também não estou muito comunicativa.

— Presumo que você não tem dormido bem desde aquele beijo sexy pra caralho no estacionamento quando tivemos a primeira neve.

Eu nunca vou esquecer isso. Cheguei no dia seguinte e descobri que o beijo havia circulado pela pequena comunidade. E claro, ter deixado Gray na frente da oficina na manhã seguinte e mais algumas vezes na semana seguinte não ajudou em nada. A zombaria amigável não me incomodou na época, mas está me incomodando agora.

Porque eu não o vi nos últimos quatro dias.

A princípio pensei que fosse o clima. Fomos atingidos por algumas tempestades de início de inverno e isso geralmente resulta em carros caindo em valas. Todo ano é como se as pessoas esquecessem como dirigir na neve e tivessem que aprender tudo de novo. Mas quando minha mensagem foi ignorada novamente na noite passada, percebi que havia algo de errado.

Em vez disso, passei a maior parte do tempo que deveria estar dormindo refletindo sobre os eventos das semanas anteriores, tentando descobrir o que posso ter perdido. Com exceção daquela primeira noite, tenho vergonha de admitir que não houve muita conversa envolvida. Muito tempo para compensar.

Então o tempo mudou e ele ficou ocupado. Aparentemente, ocupado

demais para responder minhas mensagens. Não parece certo. A última resposta que recebi foi na quarta-feira, quando enviei uma mensagem e perguntei o que ele estava planejando para o Dia de Ação de Graças. Eu tinha acabado de falar com a minha mãe, confirmando que iria buscá-la, quando me ocorreu que seria legal convidá-lo. Achei que ele fosse gostar de uma refeição caseira decente.

Sua resposta foi que ele me avisaria. Quatro malditos dias atrás.

Minhas últimas três mensagens ficaram sem resposta. Por volta das três da manhã, decidi que não iria mais persegui-lo.

Forço um sorriso para Kim e dou um suspiro de alívio quando a porta se abre e os primeiros clientes do dia entram.

— Bom dia! — falo para o trio se arrastando para dentro e sou cumprimentada com “olás” moderados.

Pego uma jarra de café e leite e vou até onde os três senhores estão se acomodando em sua cabine preferida. Costumava haver quatro deles, mas ouvi boatos que Frank Hanson, dono do Dirty Dog, estava gravemente doente. Aparentemente, ele havia ido para um centro de cuidados paliativos em Clare.

— Querem café, pessoal?

— Claro, querida, manda ver — John McClusky, diretor aposentado de uma escola, é o primeiro a responder.

— Sim — é a resposta curta do antigo carteiro, Eddie Banks.

O terceiro do trio, Enzo Trotti, cuja família é dona da pizzaria local, simplesmente vira sua caneca e a estende.

Eu encho suas canecas e sinto na ponta da minha língua uma vontade de perguntar sobre seu amigo, mas não quero me intrometer. Kim não tem esses problemas e se aproxima de mim na mesa.

— Como está o Frank, meninos? — ela pergunta, sem ligar para o fato de que esses “meninos” tenham quase o dobro de sua idade. É Enzo quem responde.

— Não vai demorar muito.

— Ele disse que não achava que chegaria ao Dia de Ação de Graças — John adiciona. — Parece que estava certo.

— Ah, que merda. Eu sinto muito.

— Nós todos temos que ir alguma hora — Enzo afirma. Apesar do tom irreverente de sua declaração, a expressão em seu rosto mostra que ele está sentindo a dor profundamente.

— Mas não torna mais fácil — digo a ele gentilmente, colocando minha mão em seu braço. Seus olhos aguados e avermelhados se voltam para mim.

— Não. Não mesmo.

— O que vai acontecer com o Dirty Dog? — Kim pergunta, e dessa vez

é Eddie quem fala.

— Aquele idiota louco deixou para aquele menino Bennet.

Pelo resto do meu turno, fico preocupada com o que Eddie disse. Me perguntando se é isso que tem deixado Gray ocupado nos últimos dias.

Becca, que estava programada para vir no turno da tarde, chega um pouco antes das quatro. Ela sorri para mim como já faz há algum tempo, relutantemente.

— Você está bem, Becca? — pergunto quando ela desvia de mim atrás do balcão para guardar sua bolsa.

— Estou ótima — a resposta é instantânea e tão falsa quanto seu sorriso tem sido, desde o dia em que a vi cumprimentando Gray quando ele veio pegar as chaves da minha SUV. No mesmo dia, ele me pegou depois do trabalho e me beijou igual louco, do lado de fora da lanchonete.

Eu havia descartado o incidente anterior e presumi que talvez eles fossem apenas velhos conhecidos e o que aconteceu depois entre Gray e eu solidificou essa conclusão. Nunca me preocupei em questioná-lo sobre isso, mas agora estou me perguntando se talvez eu devesse ter feito isso.

Não sou fã de confrontos, mas sou menos fã ainda de estresse no trabalho, então me viro para Becca.

— Tem certeza? Você parece meio tensa.

Algo queima em seus olhos. Raiva? Dor? Não consigo identificar quando ela vira o rosto.

— Só algumas coisas pessoais. Desculpe se ando meio desligada.

— Não se desculpe. Fiquei preocupada se talvez tenha sido algo que eu fiz?

Ela hesita, apenas uma fração de tempo a mais, antes de responder com um sorriso forçado no rosto enquanto olha para mim.

— De jeito nenhum.

Agora eu identifico a raiva fervendo atrás de seus olhos.

— Que bom — murmuro, mais do que um pouco surpresa enquanto pego minhas coisas e com um aceno de despedida, vou para o estacionamento.

Talvez seja hora de obter algumas respostas.

A neve está começando a cair de novo quando entro na Automotiva Olson, mas fico decepcionada quando encontro apenas Tank lá.



Gray

— Idiota.

Minha cabeça se levanta enquanto entro na oficina, depois de tirar outro idiota da vala.

Foram oito, só hoje.

Meu humor já está péssimo e ter Jimmy me cumprimentando assim não ajuda nem um pouco.

— Mas que porra? — falo bruscamente.

— Ela estava aqui. Procurando por você.

— Quem?

Eu sei muito bem de quem ele está falando. A mesma “ela” que venho evitando desde que ela me perguntou sobre o Dia de Ação de Graças. Por alguma razão, aquela mensagem inocente gelou o sangue em minhas veias. Eu não falei com ela desde então. Algo idiota — Jimmy está certo sobre isso — mas a ideia do Dia de Ação de Graças em sua casa, conhecendo sua mãe e sua filha, tornou tudo um pouco real demais. Não tenho certeza se estou pronto.

Jimmy não compra minha ignorância fingida.

— Ela está preocupada com você, já que aparentemente a está ignorando há dias. Você, às vezes, consegue ser um idiota egoísta, sabia? A primeira pessoa que ela deixa se aproximar em anos. E você? Você janta e corre. Legal da sua parte.

Meu humor piora e enfio os punhos cerrados nos bolsos com medo de deixá-los voar.

— Você não sabe de porra nenhuma — eu corto.

— Não, não sei. — Ele cospe, pisando perigosamente perto demais do meu espaço e eu dou um passo inadvertidamente para trás. — Porque você não fala nada. — Eu me encolho com a acusação inesperada. — Não sei o que se passa na sua cabeça, mas imagino que não deve ser fácil. Porque você…não… fala...nada. — Cada palavra é enfatizada com um dedo cutucando meu peito e eu tenho dificuldade em não quebrar a mão dele, então dou mais um passo para trás.

— Não tenho nada para falar.

Exasperado, Jimmy joga as mãos para o alto e solta uma série de palavrões. Então ele fecha os olhos e inspira o ar pelo nariz antes de olhar para mim e continuar com uma voz cuidadosamente contida.

— Então por que, de repente, você dispensa uma mulher que a maioria dos homens daria tudo para ter na cama? Na semana passada você começou a me lembrar do homem que eu conhecia, mas nos últimos dias, vi você rastejar de volta para sua concha.

— Dia de Ação de Graças — eu desabafo. Consigo perceber pelo seu olhar confuso que ele não entendeu, então esclareço. — Acho que ela quer me

convidar para o jantar.

— Qual o problema?

— A mãe e a filha dela vão estar lá.

— E?

Aparentemente, minhas explicações não estão o ajudando a entender.

— Feriado em família, Jimmy. Tenho certeza de que a família dela não ficará feliz ao descobrir que ela está ficando com um ex-presidiário. — Ele abre a boca para protestar, mas não dou chance. — No último Dia de Ação de Graças que comemorei, minha irmãzinha estava sentada à minha frente na mesa. Não tive muito a agradecer desde então.

A compreensão surge em seu rosto e seus olhos se fecham novamente.

— Jesus — ele murmura balançando a cabeça. — Eu nem tinha pensado nisso.

— Nem eu, até ela tocar no assunto — admito. — Me atingiu em cheio.

— Por que não explica a ela?

Dou de ombros.

— E importa? Não é como se isso poderia se tornar algo.

— Você está falando sério? Você é tão egocêntrico assim que não consegue ver como isso é injusto com ela? Robin está achando que foi algo que ela fez. Você pelo menos deve a ela a verdade, mesmo que as coisas não funcionem, não pode deixá-la acreditar que foi culpa dela de nenhuma forma.

Merda. Eu odeio pra caralho estar errado.

— Vou falar com ela.

— Quando? — ele pressiona, como fez na primeira vez que chamou minha atenção.

— Depois do trabalho.

— Dê o fora daqui. Já deu para você hoje.

Eu o encaro por um momento, captando a sinceridade em seus olhos. Então me viro, mas antes mesmo de entrar na caminhonete, meu celular toca no meu bolso. Não reconheço o número quando o pego e fico tentado a deixar para lá, mas acabo atendendo.

— Alô?

— *Gray Bennet?*

— É ele.

— *É Bunker. Eu gerencio o Dirty Dog.*

— Ah, sim. — Me lembro do nome que Frank mencionou e imediatamente uma sensação de tragédia toma conta de mim. A última vez que falei com Frank foi na semana passada, mas ele me disse novamente que não queria que eu o visitasse. — Tem algo de errado?

— *Você viu Frank recentemente?*

— Eu conversei com ele. Mas aparentemente ele não quer visitas.

— *É, foi o que ele me disse também* — o homem diz, parecendo incomodado. — *Descobri por um de seus amigos, Enzo Totti, que Frank está em seu estágio final.*

— Como diabos ele sabe?

— *Aparentemente, uma das enfermeiras de Frank é sua sobrinha.*

Aquele sentimento de tragédia só fica mais pesado. Admito que não pensei muito sobre ele enquanto estive preso, mas isso mudou desde que ele me chamou para conversar, há um mês.

— Vou até lá — declaro, meus planos mudando rapidamente.

— Estava esperando que você dissesse isso. Caso contrário, eu teria ido e você teria ficado preso com o bar.

Isso teria sido um desastre, já que não tenho a menor ideia de como administrar um bar. Além disso, eu devo ao velho.

— Te mantenho informado.

— *Ótimo. Dê minhas lembranças a ele.*

Antes que eu possa dizer que sim, a linha fica muda e volto para a oficina.

— Achei que você estivesse de saída? — Jimmy diz, colocando a cabeça para fora do motor em que está trabalhando.

— Estou, mas vou para Clare. Acabei de descobrir que Frank Hanson está morrendo. Não sei se chegarei a tempo, mas não vou embora até ele dar seu último suspiro.

Eu sei que não preciso explicar a Jimmy porque isso é importante, ele parece entender e acena com a cabeça imediatamente.

— Claro. Vá. Mantenha contato. Você precisa de dinheiro?

— Não. Obrigado, Jimmy.

Com isso, subo as escadas para o meu apartamento, onde preparo uma pequena mala, pego um livro e o carregador do meu celular e volto para o andar de baixo.

Jimmy está esperando ao lado do meu carro.

— Pegue. Caso precise. — Ele coloca algumas notas de dinheiro na minha mão. — Faz eu me sentir melhor.

Eu o encaro com um olhar severo e demorado, antes de ceder com um aceno de cabeça. Enfio as notas no bolso, me sento atrás do volante e saio de lá.

Meia hora depois, entro na entrada principal do estabelecimento de um andar e vou até a recepção. Uma mulher de cabelos grisalhos, provavelmente na casa dos sessenta, sorri para mim quando me aproximo.

— Posso te ajudar?

— Estou aqui para ver Frank Hanson.

Ela imediatamente muda seu sorriso para um mais empático.

— Você é família?

Respondo sem piscar.

— A única que ele tem. — Não é bem uma mentira.

— Quarto dezessete, na ala sul. — Ela aponta para o corredor a esquerda. — Passe pelo posto de enfermagem primeiro.

Não encontro nenhuma enfermeira, mas encontro Frank. Meu Deus.

Ele parece muito menor. Seus olhos estão fechados e todo o seu rosto está afundado em si mesmo. Eu fico lá por um momento, apenas observando para ter certeza de que seu peito ainda está subindo.

— Senhor?

Eu me viro e encontro uma enfermeira com uma expressão severa no rosto.

— Estou aqui para ficar com Frank — anuncio e a encaro. Ela olha para dentro do quarto e depois para mim novamente.

— Ele não queria ninguém aqui.

— Eu sei. Ainda assim estou aqui para ficar com ele.

Um leve sorriso surge enquanto ela acena com a cabeça.

— Não deixe que ele te expulse.

— Não vou.

Ela me dá um leve empurrão para dentro do quarto e eu me sento na cadeira ao lado da cama dele.

Não tenho certeza de quanto tempo se passou quando seus olhos se abrem e olham diretamente para mim.

— Sempre foi um teimosinho de merda — ele fala com dificuldade, mal movendo o ar em sua volta.

Seus dedos se contorcem na colcha e, sem pensar, pego sua mão.

— Sou mesmo — digo a ele, fechando minha mão na sua.

Eu não pude estar lá pela minha mãe ou minha irmã, e definitivamente não vou deixar outra pessoa de quem gosto morrer sozinha.

Quer ele queira ou não.

CAPÍTULO 13

Robin

— Não acredito que vou falar isso, mas já estou cansada do inverno.

Olho para cima e encontro mamãe olhando pela janela da cozinha para a neve caindo novamente. Não me lembro da última vez que tivemos tanta neve tão cedo assim.

Ela está um pouco acuada desde que busquei ela e Paige hoje cedo, e suspeito que a data esteja a afetando mais do que o clima em si.

Pouso minha mão no meio das costas dela e me inclino para beijar sua bochecha.

— Está sentindo falta do papai? — pergunto cautelosamente.

Não é algo que falamos com frequência. Não mais. O tempo passa, e o que a princípio era um buraco, lentamente se preenche com a vida cotidiana.

Fico chocada quando ela se vira para mim, o brilho das lágrimas em seus olhos.

— Você sabe que eu amava muito o seu pai, não é?

Coloco meu braço em volta dela e aperto levemente.

— Claro que sei.

— Eu conheci alguém — ela fala de uma vez só, e vejo culpa escrita em seu rosto.

Ignoro a pequena pontada de mágoa e sorrio para ela de forma encorajadora. Dentro de mim, trava-se uma batalha entre a necessidade egoísta de me apegar àquela lembrança perfeita do amor dos meus pais e a felicidade de minha mãe.

— Isso é maravilhoso — forço meus lábios a falarem.

— Ele é — ela murmura, voltando a olhar para a neve que caía

suavemente. — Ele se mudou para duas portas ao lado, na semana em que fiquei com Paige em Nova Jersey. Quando voltei, ele me ajudou com as minhas malas. Nos esbarramos algumas vezes, e um dia no mês passado ele me ajudou com minhas compras e ficou para o jantar.

— Me fale sobre ele — a encorajo.

Ela me olha novamente e eu vejo um leve rubor em suas bochechas.

— O nome dele é Ken. Recentemente se aposentou da polícia e quer viajar. Comigo — ela adiciona hesitantemente.

Engulo o discurso instintivo de "mãe" que quero dar a ela, lembrando bem a tempo que esta é a mulher que me criou e não o contrário. Ainda assim, vale a pena ser cautelosa.

— Como isso aconteceu?

— Nós passamos muito tempo juntos e...

— Isso é ótimo, vovó. — Eu nem ouvi a minha filha entrar. — Que bom que está dando umas — ela diz, com um sorriso largo no rosto.

Fecho meus olhos. Não importa se estou na casa dos quarenta, ainda não quero pensar na minha mãe transando, especialmente com um estranho.

— Paige!

— Bem, caso você não tenha notado, vovó ainda está com tudo. Quando saímos para jantar ontem à noite em Newark, o garçom estava dando em cima dela. Não estava, vovó? E eu tenho certeza de que ele não tinha mais do que cinquenta anos.

Ela está certa, minha mãe está fenomenal para seus sessenta e oito anos. É algo em que nunca pensei muito pois... bom, ela é minha mãe. Ela tem uma pele linda, seu rosto ainda é jovem e sua cabeça é cheia de cabelos castanhos. Além disso, mamãe não se veste como uma senhora de quase setenta anos e sempre inova. Como agora, ela está em seus jeans desbotados, túnica vermelha finamente tricotada e grandes joias grossas; parece que ela poderia facilmente ter saído de uma revista.

Olhando para mim mesma, de repente percebo o quanto espelho o estilo dela.

— Agora só temos que achar alguém para você, mãe — Paige diz. — A vovó está com o Ken. Eu com o Josh. — Ele é o novo namorado que conhecemos em setembro. Garoto legal e claramente apaixonado pela minha filha. — Vai ser mais difícil para você, porque Beaverton não tem exatamente um grande grupo de homens solteiros, mas tenho certeza de que conseguimos encontrar alguém.

Minha filha. Eu a amo, mas sua boca geralmente é um problema. Acho que ela nem percebe que suas palavras são um pouco insensíveis.

— Mas o que aconteceu com Gray? — minha mãe pergunta, e os olhos da minha filha se arregalam imediatamente.

— Gray? Quem é Gray? Você está com alguém e não me contou?

Merda. Tinha conseguido afastá-lo da minha mente desde que não ouvi mais nada dele, nem mesmo depois que fui à oficina. A mensagem agora fora claramente recebida. Por um tempo, imaginei que talvez algo estivesse acontecendo entre nós, mas acho que era uma ilusão da minha parte. Talvez ele nunca tenha me olhado da mesma maneira, ou talvez tenha descoberto que não estava pronto para onde estávamos indo.

De qualquer forma, vou superar. Tenho tudo o que preciso bem aqui nesta cozinha: minha família.

— Ele é alguém que eu vi algumas vezes, mas não deu certo — digo à Paige, dando de ombros, enquanto vou até a geladeira para pegar a massa de torta que estava esfriando. — Hora de começar com as maçãs. — Eu indico a tigela grande no balcão.

Trabalhamos em silêncio por um tempo, mamãe e Paige descascando as maçãs, enquanto eu estendo a massa para os três pratos de torta que passei manteiga antes. Não me pergunte por que três, a não ser que somos três. Uma torta para cada pode parecer muito, mas considere que é para os quatro dias do fim de semana prolongado e não se torna tanto. Certo?

Para não pensar nele, começo a pensar sobre mamãe e esse Ken.

— Ken tem filhos ou netos?

— Um filho no Exército. Sem netos ainda, o filho tem apenas vinte e cinco.

Caramba. Isso é apenas alguns anos mais velho que Paige. Faço alguns cálculos mentais.

— Quantos anos Ken tem?

Observo minha mãe de perto e a pego olhando para mim de canto de olho.

— Cinquenta e cinco — murmura.

— Boa, vovó! — Paige grita. Ela levanta a mão, e minha mãe, sorrindo nervosamente, bate com a dela.

Jesus. Treze anos. Eu estremeço quando penso o quanto mais perto ele está minha idade. Apenas nove anos de diferença.

— É, que bom, mãe — consigo falar. — E sobre essas viagens? Para onde ele quer te levar?

— Para Costa Rica.

— Parece legal — Paige intervém. — Perto da praia? — Minha mãe sorri para ela.

— Na praia, na verdade.

— Ah, meu Deus, você precisa ir.

Os olhos de mamãe disparam para mim e em seguida de volta para Paige.

— Na verdade, ele vai no meio de dezembro. Ficará lá até março. Quer fugir do frio um pouco.

— E ele te convidou para ir? — Paige coloca o descascador no balcão e segura a mão da minha mãe. — Vai, vovó. Você também não gosta do frio.

Quebro a massa que acabei de abrir quando tento levá-la para a forma da torta. Xingando baixinho, eu junto a massa novamente e começo abri-la novamente.

Três meses. Isso significa que ela não estaria aqui no Natal. Sendo egoísta, não quero perder o Natal com ela, mas, quando olho para seu rosto, percebo que está tentada. Quem sou eu para segurá-la? Claro que há preocupações — afinal, ela não o conhece há tanto tempo — mas pelo menos minha mãe está aproveitando a vida.

— Você deveria ir, mãe — digo a ela gentilmente, e vejo seu rosto se iluminar de surpresa. — Está na hora de aproveitar a vida de novo.

— Mas passar o Natal longe das minhas meninas…

— É só um dia — eu a asseguro. — Paige e eu ficaremos bem.

— Na verdade... — minha filha fala, com uma expressão culpada no rosto. — Josh me convidou para passar com os pais dele na Flórida.

Golpe duplo. Uma sensação corrosiva se instala em meu estômago quando percebo que o mundo está se movendo, e eu não. Não me interprete mal, desejo apenas o melhor para as minhas duas pessoas favoritas no mundo, mas me faz perceber como minha vida é vazia. Também me faz desejar que as coisas não tivessem terminado do jeito que terminaram com Gray.

— Claro, querida.

Meu sorriso é forçado e todo mundo sabe disso, mas desta vez abro uma massa de torta perfeita. Melhor aproveitar este Dia de Ação de Graças, já que parece que vou passar sozinha as outras datas.



Gray

— Não vai demorar muito.

Levanto o olhar e encontro Julie, uma das enfermeiras de Frank que

entra do quarto.

Frank ficou acordado por algum tempo nos primeiros dias em que estive aqui, mas a frequência diminuiu com as altas doses de morfina que estão dando a ele para mantê-lo o mais confortável possível. Eu não vi seus olhos abertos nas últimas vinte e quatro horas.

Aluguei um quarto no hotel do outro lado da rua para deixar minhas coisas e, ocasionalmente, dormir um pouco ou tomar um banho, mas na maior parte do tempo eu passo aqui ao lado dele, segurando sua mão ressecada. Ouvindo sua respiração, que se tornou bastante superficial.

Nas poucas vezes em que ele esteve acordado, não falou muito, até a última vez, ontem de manhã.

— Quem diz que as coisas boas vêm para quem espera está falando merda — ele diz, seus olhos avermelhados claros, queimando nos meus. — Vá atrás do que você quer, filho. Corra atrás. Tudo acaba em um piscar de olhos. — A mão na minha deu um leve aperto. — Não desperdice a sua vida esperando.

Permaneci sentado aqui, pensando nessas palavras desde que ele adormeceu. Já passei muitos anos esperando, à mercê dos outros. Acho que parei de pensar no que queria até ver Robin pela primeira vez. Eu com certeza a queria.

Quero, não queria, não é como se eu não a quisesse mais.

As coisas nem sempre são tão fáceis assim, não é? Ir atrás do que você quer, perseguir seus sonhos. Nem sempre é sobre você. O fato de eu estar sentado aqui, ao lado de Frank, é uma prova disso. Ele queria morrer sozinho; eu precisava me despedir dele. O resultado é o mesmo, mas o caminho não é tão claro.

Eu quero Robin, mas não tenho certeza se sou o que ela precisa. Ainda assim, com as últimas palavras de Frank dando voltas na minha cabeça, quero ver se talvez haja um jeito. Se ela ainda está disposta a tentar.

Observo Julie pegar um cotonete de esponja do vidro no criado-mudo e umedecer os lábios secos de Frank.

— Como você sabe?

— Anos de experiência. — Ela coloca o cotonete de volta no vidro e verifica o soro dele.

— Por que você faz isso? Esse trabalho — esclareço.

Ela para as mãos e sorri para mim.

— Porque ninguém merece deixar esta vida sozinho.

— Ele queria.

— Não, não queria — ela discorda, passando a mão gentilmente sobre seu cabelo ralo. — Se ele quisesse, não teria vindo para cá.

Ela se afasta da cama e espero que saia do quarto. Em vez disso, ela pega uma cadeira que estava encostada na parede e a coloca do outro lado da cama, sentando-se e segurando a outra mão de Frank.

Menos de uma hora depois, ele dá seu último suspiro.

Ela não entra em ação, mas fica sentada por mais algum tempo, ainda acariciando gentilmente o polegar sobre a mão pálida e sem vida dele. Como se desse tempo para a realidade de sua morte se instalar. Comigo, e talvez até com ela.

Eu não o conhecia tão bem quanto minha irmã e minha mãe, mas, ao deixá-lo ir, sinto um pouco da culpa que carreguei em relação à morte delas ir embora também. Eu gostaria de acreditar que dada a chance, eu teria estado lá por elas também.

— Preciso fazer umas ligações. — Fico de pé, meus joelhos rangendo, e deixo sua mão deslizar da minha.

— Você pode usar a pequena sala de espera no fim do corredor.

Com um aceno de agradecimento, deixo Frank em suas mãos gentis.

— *Automotiva Olson*.

A voz de Jimmy parece alta depois de horas passadas em uma sala quase silenciosa.

Eu me sento em uma das poltronas da sala e jogo minha cabeça para trás.

— Sou eu. Ele se foi — digo ao meu amigo, com a voz fatigada.

— *No final das contas, ele passou pelo Dia de Ação de Graças.*

— Pois é.

— *Você está bem, irmão?*

Levo um momento para responder.

— Estou, mas não sei o que fazer agora — confesso.

Depois de passar dias ao lado de sua cama, parece estranho continuar de onde parei. Profano de certa forma.

— *Ligue para os amigos dele. Ligue para Bunker. Eles vão se sentir melhor sabendo que você esteve presente. Você consegue.*

— Certo. Você tem...

Minha frase é cortada com o ping de uma mensagem, e depois outra.

— *Te mandei o contato de Enzo Trotti e Bunk.*

— Obrigado.

— *Não foi nada.*

— Devo voltar amanhã. A não ser que você queira que eu volte hoje?

— *Sem pressa, irmão. Leve o tempo que precisar.*

A linha fica muda e por um momento eu descanso meus olhos e

mantenho minhas emoções sob controle. Então eu ligo para Enzo.

— *Quem é?* — o tom bruto do outro lado me assusta.

— Sr. Trotti, é o Gray. Gray Bennet. Estou aqui em Clare, com Frank Hanson. Ele…uhm…ele acabou de falecer.

— *Sei quem você é, garoto. Já te expulsei do meu restaurante vezes suficientes.*

Apesar das circunstâncias, reprimo um sorriso. Quando adolescentes, Jimmy e eu íamos à pizzaria quase sem dinheiro suficiente para uma fatia cada um, mas esperávamos os outros clientes se levantarem para que pudéssemos roubar as sobras. Normalmente, até que a garçonete visse os pratos extras e os copos de cerveja em nossa mesa e chamasse Sr. Trotti, que nos expulsava.

— *Então o velhote se foi, é?* — as palavras podem parecer duras, mas seus sentimentos são fáceis de detectar.

— Sim. Eles o mantiveram confortável para que ele não sentisse nenhuma dor — falo. — Ele acordou algumas vezes e conversamos um pouco até ontem. Ele nunca mais acordou e uns quarenta minutos atrás ele simplesmente parou de respirar.

— *Você estava lá?*

— Sim, senhor.

— *Foi uma coisa boa isso que você fez, filho* — murmura, e eu sinto a aprovação nos meus ossos. — *As coisas que aconteceram com você, acabaram com Frank.*

— Não foi culpa dele.

— *Acha que eu não sei disso? A cidade toda carrega um pouco dessa responsabilidade. As pessoas não eram cegas, mas ninguém interveio.*

— Já faz muito tempo, sr. Trotti.

— *Você diz isso a si mesmo, garoto?* — Isso me cala. — *Achei que não mesmo. E me chame de Enzo, porra, esse negócio de "senhor" me faz sentir velho.*

— Claro.

— *Gray?*

— Sim, sr…Enzo?

— *Tenho uma torta esperando com seu nome.*

CAPÍTULO 14

Robin

Não sei se é o clima — que está frio e sombrio — ou o fato de não passar o Natal com minha família, mas estou me arrastando desde o Dia de Ação de Graças.

Os dias são longos, as noites vazias e minha própria companhia deixa muito a desejar. E eu não sei como sair disso. Até comecei a fazer turnos nos meus dias de folga, só para não ficar em casa sentindo pena de mim mesma. É patético.

— Seu turno acabou vinte minutos atrás.

Desvio meu olhar da tarefa de encher os potes de condimentos e olho para onde Jason está colocando a cabeça para fora da cozinha.

— Eu sei — murmuro. — Só estou terminando isso aqui, depois vou.

— Está de folga amanhã?

— Sim, a não ser que vocês precisem que eu venha?

Minha voz sai um pouco esperançosa demais e Jason percebe.

— Jesus, Robin. Você veio quase todos os dias nas últimas semanas. Descanse um pouco. Tenho certeza de que você também tem compras de Natal e outras coisas para fazer.

— Eu trabalho no Natal, lembra? Tenho tudo que preciso.

Ele revira os olhos e consigo ouvir seu murmúrio antes que ele volte para a cozinha.

— Exceto uma vida.

E não é verdade?

Donna desliza para trás do balcão e passa um pedido para a cozinha antes de se virar para mim.

— Sabe, ele está certo.

Ótimo. Acho que ela ouviu. Rapidamente olho para ver se Becca também ouviu, mas ela está falando com uma família que acabou de entrar na lanchonete. Realmente não quero que ela saiba dessa conversa.

Apoio um braço no balcão e coloco meu outro punho no quadril.

— Sobre?

— Não se faça. Todos nós estamos vendo você se lamentar por aí e isso não é do seu feitio. Saia, faça algo divertido, adote um cachorro, junte-se ao clube do livro. Qualquer coisa para te tirar desse ciclo.

Uau. Não percebi que estava tão óbvio assim.

— Ah, por favor, continue, não poupe palavras — respondo na defensiva, mesmo sabendo que ela está certa.

— Não poupei — ela diz com naturalidade. A objetiva mãe de três meninos dá de ombros. — Todo mundo está pisando em ovos desde que o que quer que tenha começado com aquele beijo lá fora semanas atrás terminou logo depois.

Ela tinha que mencionar ele.

Tive notícias dele na segunda-feira após o Dia de Ação de Graças. Uma mensagem de texto dizendo “precisamos conversar” e nada desde então. Eu tinha ouvido de Tank que ele estava com Frank Hanson quando ele morreu, então peguei leve com ele, mas prometi a mim mesma que não iria mais atrás. Então, esperei até vê-lo dirigindo sua velha caminhonete na frente da lanchonete na semana passada, e ficou claro que a “conversa” não estava no topo de sua lista de prioridades.

Então para mim chega. Estou conscientemente apagando aquela pequena centelha de esperança de que, depois de todos esses anos, possa haver alguém para mim. Meu próximo passo é parar de me lamentar.

Tiro o meu avental e pego a minha bolsa da gaveta.

— Estou indo.

— Pode levar o lixo no caminho? — Donna levanta o saco e eu pego de sua mão. — Aproveite sua folga — ela fala, e eu levanto uma mão em resposta.

Estou de mau humor.

Do lado de fora, entro no beco escuro ao lado da lanchonete. A tampa do lixo é pesada, e luto para abri-la. Xingando baixinho, consigo levantá-la apenas o suficiente para enfiar o saco dentro.

Um farfalhar soa atrás de mim e eu me viro, deixando a tampa fechar no processo. Eu semicerro os olhos e examino o beco. Não vejo nada, mas quando me viro para a rua ouço o que parece um leve gemido atrás de mim. Meus olhos fazem outra varredura das sombras profundas e, desta vez, vejo o brilho de um

par de olhos espreitando do outro lado da lixeira.

Miau.

Um gato — ou melhor, um gatinho filhote do tamanho da minha mão — sai de seu esconderijo e se aproxima com cuidado.

Miau.

Me ajoelho e estendo a mão para ela cheirar, o que ela faz hesitantemente. Eu não sei se é uma menina, mas parece; é delicada e pequena. Olhos grandes em um rosto minúsculo, ela parece ser um gato de pelagem malhada, predominantemente cinza com algumas partes marrom.

— Oi, pequena — falo baixinho com uma voz fina, coçando atrás da orelha dela com um dedo.

Ela inclina a cabeça em direção ao meu toque, mas quando eu estendo a mão para pegá-la, de repente ela voa por mim. Indo direto para a calçada.

Fico de pé rapidamente e corro atrás dela. Cega ao perigo, ela já está correndo para o meio da rua quando percebo faróis brilhando sobre ela e ela se sentando. *Ah céus, não*. Deixando cair minha bolsa, corro para ela, com ambas as mãos estendidas. A buzina alta de um carro assusta a gatinha e ela se move de repente, mas é tarde demais, meus dedos já estão se fechando em torno dela.

Com seu corpo pressionado contra mim, e seu pequeno coração martelando, eu me endireito assim que ouço uma porta bater.

— Você está com vontade de morrer ou algo do tipo?

Não preciso olhar para ver de quem é a voz áspera. Todo o meu corpo o reconhece. A raiva reprimida borbulha em mim, mas, em vez de descarregá-la no meio da rua e em frente à lanchonete, eu me viro, pego minha bolsa e caminho em direção a minha SUV.

Em algum momento, a gatinha começou a ronronar e eu posso sentir as vibrações onde a seguro contra meu peito. Por sorte, localizo minha chave com facilidade e destranco a porta, aliviada quando ouço a porta da caminhonete bater novamente antes de me sentar ao volante. Acho que ele não está mais disposto a um confronto do que eu.

A bolinha de pelo se enrola no meu colo enquanto tento encaixar a chave na ignição, minhas mãos tremendo.

Eu meio que esperava ver os faróis de sua caminhonete me seguindo até em casa, mas fico surpresa quando viro à esquerda, e o vejo continuando em direção ao norte. Engulo a decepção que se segue e me concentro em nos levar para casa.

Nós. Aparentemente eu tenho um gato agora.

Para piorar a situação, eu não apenas me tornei uma rejeitada mal-humorada, como também sou oficialmente a mulher dos gatos e estou

completamente despreparada para isso. Não tenho comida, não tenho tigela, não tenho uma maldita caixa de areia.

Quase viro para ir ao mercado, mas lembro que tenho uma lata de atum na despensa e uma caixa velha na garagem que posso encher com jornal. Ela vai ficar bem.

Dez minutos depois, ela já tinha devorado avidamente metade do atum, ignorado sua caixa e feito xixi no tapete da cozinha. Vejo que temos algumas coisas a aprender. Eu a peguei e a repreendi — algo que ela parece gostar já que o ronronar voltou — quando alguém bate na minha porta.



Gray

Puta merda.

Meu coração quase parou quando a vi correndo para o meio da rua, e as palavras raivosas saíram da minha boca antes que eu pudesse contê-las.

Eu sei que esperei muito tempo para conversar com ela, surgiram muitas coisas.

Eu estava cheio de boas intenções após a morte de Frank, mas então fui contatado por um advogado, afirmando que ele era o executor do espólio de Frank. Isso significou uma viagem de volta ao escritório dele em Clare, onde recebi uma cópia do testamento que já tinha e fui incumbido de cuidar dos preparativos para o funeral. Felizmente, apenas uma pequena cerimônia, ele foi muito específico em suas instruções e não queria fazer alarde.

Desde então, passei a maior parte das noites no bar, me acostumando com o lugar, e revirando os pertences de Frank no apartamento de cima. Enzo estava disposto a ajudar quando eu pedi a ele, já que muitos dos pertences do velho não significavam nada para mim, mas poderiam significar muito para outra pessoa.

Frank fez parecer fácil, apenas jogue fora tudo o que você não quer, mas eu não tive coragem de fazer isso. Estou aprendendo agora como as lembranças são preciosas. Tudo o que restou da minha vida de antes são memórias que tenho a sorte de ter, mas não tenho nada tangível. Tudo desapareceu quando o banco vendeu a casa dos meus pais. Tudo o que eu tinha era o que estava em minha posse quando fui preso, ou o que Jimmy conseguiu salvar.

Para minha surpresa, ao vasculhar prateleiras, armários e caixas no apartamento do velho, descobri que ele também guardava algumas lembranças.

Um anuário do ensino médio do ano em que minha irmã se formou, várias fotos dela espalhadas pelas páginas. Uma foto instantânea da feira anual que mostrava meu pai comigo em seus ombros e minha mãe grávida sob seu braço. Aqueles eram dias felizes, antes do meu pai ser demitido da General Motors.

Pequenas coisas, escondidas entre os setenta e tantos anos de vida e acumuladas em gavetas rangentes e prateleiras empoeiradas.

Não sei por que, mas parecia importante separar o passado e encontrar um novo começo para dar início a um futuro. Isso significava separar as coisas, limpar o apartamento, pintá-lo e entender minha nova e inesperada realidade.

Então, eu iria me sentar com Robin, quando eu tivesse algo real para oferecer a ela. Parece que o destino não foi tão paciente.

Levanto minha mão livre e bato na porta dela, a outra segurando os suprimentos que peguei na cidade.

— Posso entrar? — pergunto quando ela abre a porta, o maldito gato aconchegado no seu peito, e parece estar extremamente brava. Mas ainda é bonita.

— Por quê?

A pergunta me deixa perplexo por um momento. Eu deveria ter esperado que ela seria direta assim.

— Porque quero conversar com você. — Quando ela olha para mim incerta, adiciono rapidamente: — E comprei areia e brinquedos para o gato.

Algo que não consigo identificar passa pelo seu rosto, mas ela dá um passo para o lado e acena para que eu entre. Vou direto para a cozinha e começo a tirar da sacola as coisas que acabei de comprar no supermercado.

— Como você sabia que eu precisava disso?

Viro minha cabeça para encontrá-la espiando por cima do meu ombro.

— O fato de você ter quase se jogado na frente da minha caminhonete para resgatar esse gato deixou bem claro que o traria para casa. E depois você se rastejando para trás do volante ainda segurando a maldita coisa confirmou.

O canto de sua boca se contrai.

— Espertinho — ela murmura.

— Não, não sou — discordo dela, me virando para olhá-la. — Sou um pouco lento para assimilar as coisas.

Ela olha para mim, me julgando e chegando a uma conclusão quando me entrega a bola de pelo e se dirige para a geladeira.

— Segure ela um minuto.

Olho para os grandes olhos verdes do gatinho e então eu o levanto, examino a área entre as patas traseiras e escondo um sorriso.

— Qual nome você vai dar? — pergunto quando ela volta com um par

de garrafas de água, me entregando uma.

— Não pensei ainda. Talvez Ally? Já que a encontrei em um beco.

— Você vai deixá-lo com cicatrizes pelo resto da vida com um nome desse.

— Por quê? É um ótimo... — sua boca se fecha e seus olhos se estreitam enquanto ela pega o gato e o segura como eu fiz segundos atrás. — Filho da puta. Eu tinha certeza…

— Ele deve ser muito novo para lembrar que algum dia você achou que ele era uma menina.

Com o gato em uma mão e a água na outra, ela caminha até a sala, sentando-se na poltrona, deixando o sofá para mim.

Mensagem recebida.

Em vez de agonizar pensando por onde começar, conto a ela sobre Frank: seu generoso legado, a culpa que sentia, sua doença e sua morte. As palavras vêm facilmente quando não penso muito ou não me preocupo com a forma como serão percebidas.

Ela escuta atentamente, especialmente quando falo sobre os últimos dias com ele e repito algumas das coisas que ele me disse.

— Ele estava certo — confesso olhando diretamente para ela. — Eu estava desperdiçando minha vida, passando pelos sentimentos e mantendo as expectativas o mais baixas possível. — Passo a mão pelo meu cabelo, porque aqui é onde fica complicado. Onde uma palavra errada pode fazer toda a diferença. — Fiz isso dentro da prisão e continuei depois que fui solto. Então eu te conheci e de repente tudo parecia possível. O mundo que eu tinha tão fortemente controlado e limitado, de repente se abriu. Parecia... parecia como desejar a água, mas descobrir que você não pode nadar.

Sua mão, que estava acariciando distraidamente o gatinho adormecido em seu colo, o pega e o coloca no chão. Então ela se levanta e se senta no sofá comigo. Do outro lado, com os joelhos dobrados e os braços em volta deles, mas ainda no mesmo sofá. Progresso.

— Fiquei assustado. Quando você falou sobre o Dia de Ação de Graças e sobre família, me assustou pra caralho. — Tomo um longo gole de água, ganhando tempo para organizar meus pensamentos. — Quando você está preso, você aprende rapidamente que esperança é sinônimo de fraqueza. Que esperança é decepção e dor, às vezes, muito incapacitante.

— Acho que entendo — ela diz com uma voz suave e meu coração aperta um pouco. — Não quero me comparar a você ou a sua experiência, mas 11 de setembro foi o dia em que me tornei livre e, ainda assim, nos dezoito anos desde então, tenho medo de ter esperança. Ainda tenho medo.

O dia em que ela se tornou livre foi o dia que seu marido morreu.

Estou começando a entender melhor a mulher que vi com os braços abertos e o rosto voltado para o sol. Muito parecido com o que fiz quando saí dos portões da Penitenciária de Rockwood. Sentindo o ar puro em meus pulmões e a liberdade em meu rosto.

Talvez não sejamos tão diferentes, ela e eu.

Estico meu braço ao longo do encosto do sofá, meus dedos acariciando levemente seu cabelo.

— Eu tenho também — admito, colocando minha mão em seu joelho. Um suspiro de alívio me escapa quando ela cobre com a sua. Ainda a um braço de distância, mas infinitamente mais perto. — Você acha que podemos tentar de novo? Talvez caminhar lentamente em vez de se jogar do penhasco?

Um sorriso se estende por seu rosto e seus lindos olhos, brilhando prateados com um brilho de lágrimas, encontram os meus.

— Eu adoraria.

Porra, agora consigo sentir meus próprios olhos ardendo enquanto a esperança floresce dentro do meu peito outra vez. Me inclino e beijo a sua mão antes de me levantar.

— Aonde você está indo? — ela pergunta, parecendo surpresa ao se levanta também.

— Para casa, para poder planejar nosso primeiro encontro.

Ela sorri.

— Estou de folga amanhã — ela oferece.

— Te pego para o jantar as seis.

Em vez de juntar seus lábios sorridentes com os meus, pressiono um beijo na sua testa e saio pela porta.

Mas aquele sorriso permanece comigo a noite toda.

CAPÍTULO 15

Robin

Isso é ridículo.

Descarto mais uma roupa na pilha que se forma no chão do meu armário. Aquele homem já me viu nua, colocou as mãos e a boca nas minhas curvas não tão gloriosas. Essas mesmas curvas estão me dando dor de cabeça agora. Em algum momento nos últimos anos, acho que engordei alguns quilos, porque nenhuma das minhas roupas elegantes me servem mais.

Elas são de quando eu estava ficando com Andrew, e eu não tive motivos para usá-las desde então. Deus, eu mal posso acreditar que isso foi há oito anos. O tempo voa e, após o doloroso mal-entendido sobre o estado do meu suposto relacionamento com Andrew, parecia mais seguro não namorar.

Até agora.

Sopro o cabelo do meu rosto e contemplo o que sobrou no meu armário. Pego um solitário par de jeans pretos no cabide e rezo para que eles fechem. Eles fecham, mas agora tem um montinho onde minha barriga fica saliente. *Ah, pelo amor de Deus. Se recomponha*. Resolutamente viro as costas para o espelho e pego uma camiseta preta com decote em V e um cardigã colorido que já teve dias melhores.

Meu súbito nervosismo sobre o jantar com Gray não tem nada a ver com minha aparência ou com o que visto, mas é uma distração fácil. Agora que estou vestida, faltando quinze minutos para ele chegar, o verdadeiro problema ressurge.

Ele compartilhou muitas coisas, tanto sobre sua história quanto sobre seus pensamentos. Eu dei pequenas dicas sobre meu passado — ele sabe que meu casamento não era bom, o que já é bastante — mas há muita coisa que

deixei de fora.

Jantar implica em conversas e sei que a ideia é nos conhecermos melhor, mas há coisas que guardo no peito por um motivo. Conheço Kim quase desde que moro aqui em Beaverton — ela é uma boa amiga —, mas ela não sabe nem o pouco que contei a ele. Minha mãe sabe de algumas coisas, mas minha filha não; pelo menos não de mim. No entanto, tenho a sensação de que alguém tão intenso quanto Gray não descansará até que tenha respostas.

Meu telefone toca e, por um segundo, antes de verificar o número, me pergunto se talvez seja Gray ligando para cancelar, mas é o novo número de Shirley.

— Oi, querida. Como estão as coisas?

— *Você viu ou ouviu falar de Mike?*

Ela parece apressada e fico instantaneamente em alerta.

— Não. Por quê?

— *Os meninos ligaram. O pai deles entrou em contato com os dois ontem. Aparentemente, ele ficou com o irmão em Midland por um tempo, mas estava falando em voltar para Beaverton. Disseram que ele parecia desesperado e que queria acertar as coisas comigo. Ele estava tentando obter informações dos garotos. Ele ficou quieto por quase dois meses, mas eu sabia que não duraria para sempre.*

— Ah, que merda, Shirley. Olha, hoje foi a minha folga, mas ligue para Kim talvez? Pelo menos para avisá-la.

— *Sim, eu vou. Só estou preocupada dele incomodar vocês na lanchonete.*

— Se preocupe com você, nós damos conta aqui. — Há uma batida na porta e eu começo a ir naquela direção. — Ele sabe onde sua tia mora? — Olho pelo olho mágico e vejo Gray na minha porta.

— *A última vez que ele a viu, ela ainda morava em Ann Arbor. Não me lembro se contei a ele que ela se mudou para Grand Rapids. Acho que não.*

Abro a porta e aceno para que Gray entre. Porra! Ele está lindo com uma calça jeans escura e uma camisa social para fora da calça sobre uma camiseta branca.

— *Um minuto* — eu mexo os lábios e levanto meu dedo. — Se cuide mesmo assim — digo a Shirley, enquanto observo Gray curvar-se sobre o encosto do sofá, pegando o gatinho. Ele nem está fazendo nada e eu já estou babando. O quão triste é isso? — Mantenha os olhos abertos, Shirl, ok? Ele não vai longe conosco. Nós estamos com você.

Os olhos de Gray encontram os meus e ele levanta uma sobrancelha. Eu balanço minha cabeça quando Shirley começa a falar.

— *Obrigada, significa muito. Acho que com a data do julgamento chegando, ele está em pânico.*

— Julgamento? — pergunto, minha atenção subitamente retornando a chamada.

— *Dia três de fevereiro. Tribunal do Distrito de Gladwin.*

— Merda, é mesmo. Vou relembrar Kim. Tenho certeza de que ela vai querer estar lá por você. Eu vou com certeza.

— *Obrigada, Robin. Aprecio muito.* — Ela funga antes de adicionar suavemente. — *Irônico, não é? Trabalhar com alguém por anos e é preciso algo assim para formar uma amizade.*

— Pois é, mas temos isso agora. Não adianta olhar para trás, querida. — Ouço ela chorar fracamente e meu coração aperta por ela.

— *Vou deixar você ir e ligar para a lanchonete.*

Mal tenho a chance de me despedir antes dela desligar.

— Oi — digo a Gray, que ainda está me olhando atentamente.

— Deixe-me tentar fazer isso direito — ele diz quase grunhindo. — Você está linda.

— Obrigada. Você também.

— Sei. — Ele solta ar pelas narinas. — Agora, que diabos está acontecendo? Isso soou como um problemão.

— Não é problema meu, Gray — o asseguro, arrancando meu gatinho de seus braços e lhe dando carinhos antes de deixá-lo cair no sofá.

— Por que você disse que ele não iria longe com vocês? De quem você estava falando? — Consigo sentir a sua tensão.

— Posso te contar durante o jantar? Estou morrendo de fome.

Inclino minha cabeça para o lado e lanço um pequeno sorriso para ele. Eu observo como ele parece se recompor antes de dar um passo em minha direção, segurando a minha mão e me guiando em direção à porta. Lá, ele me ajuda a vestir meu casaco, e eu consigo apenas pegar minha bolsa antes que ele pegue minha mão novamente e me leve até sua caminhonete. Percebi que ele a limpou enquanto me ajuda a entrar e se dirige para o lado do motorista.

— Oi — ele sussurra, dando um leve beijo em meus lábios.

É hesitante e doce, e parece a primeira vez.



Gray

É necessário bastante esforço para eu não a interrogar sobre a conversa que acabei de ouvir. Quando a ouvi implorar cautela a quem quer que estivesse conversando e depois mencionar algo sobre um julgamento, os cabelos da minha nuca se arrepiaram.

Cerrei meus dentes e me controlei.

— Para onde estamos indo? — Robin pergunta, enquanto dirijo para fora da cidade.

Não há previsão de neve até a próxima semana e a estrada está limpa e silenciosa. Uma noite perfeita para uma pequena viagem.

— O que acha de comida chinesa?

Na minha visão periférica, a vejo virando para me olhar.

— Amo. Mas faz anos que não como. É preciso ir até Bay City para qualquer restaurante.

— Não mais. Abriu um lugar novo em Pinconning há alguns meses.

— Sério? Não sabia.

Ela parece satisfeita, com um sorriso nos lábios. Até agora tudo bem. Descobrir o restaurante tinha sido pura sorte. Ouvi um dos clientes na Automotiva o recomendando a Jimmy na semana passada e fiz uma anotação mental. Já faz muito tempo desde que comi comida chinesa e estou feliz pra caralho que Robin também gosta.

— A propósito, era Shirley, na ligação — ela esclarece.

— Garçonete na lanchonete? — Não reconheço e acho que dá para ver no meu rosto.

— Acho que você não chegou a vê-la na Over Easy. Ela saiu há alguns meses. Enfim, ela escapou de um casamento abusivo.

Sinto o meu temperamento esquentar com a menção de abuso.

— Ele batia nela? — pergunto através de mandíbulas cerradas.

— Sim — Robin responde antes de adicionar pensativamente: — Embora o abuso tenha muitas faces.

Viro minha cabeça para olhá-la. Me pergunto se ela está se referindo a si mesma.

— Ela prestou queixa contra ele?

— Sim. Ele a machucou feio da última vez. Os policiais o prenderam e ela finalmente contou tudo a eles. É claro que ele saiu sob fiança poucos dias depois e em seguida desapareceu, aparentemente até a semana passada.

— Ela está segura?

— É para estar.

Ela começa a me contar sobre os dois filhos adultos, os telefonemas e a preocupação de Shirley de que ele possa abordar alguém na lanchonete. Consigo

entender a preocupação dela, mas só me preocupo com uma pessoa.

Quando entro no estacionamento atrás do novo restaurante, estou determinado a garantir a segurança de Robin.

Somos guiados até uma mesa perto da janela que eu havia reservado. A mulher ao telefone me garantiu que não seria necessário, mas eu não queria contar com a sorte. Mesmo em meus anos muito mais jovens, eu nunca tinha pensado ou tido a energia para conquistar uma mulher, eu ficava muito ansioso para levá-las para a cama. Era fácil, muito fácil. Era a única coisa que eu sabia fazer e quando me conectei com Robin pela primeira vez, era um padrão natural a seguir.

Mas isso é diferente. Ela é diferente. Eu estava sempre focado em minhas próprias necessidades e desejos. Não sou mais tão seguro nem egoísta, então, com Robin, parece importante que as necessidades dela correspondam às minhas. Eu quero que ela me escolha e, portanto, tenho que conquistá-la.

— Isso é muito lindo — ela diz, sorrindo para mim do outro lado da mesa. — Estou muito empolgada com a comida. É uma pena eu não poder pedir tudo. — Robin olha para o cardápio que oferece muitas opções.

A garçonete volta com a taça de vinho de Robin e a minha água.

— Com licença. — Levanto minha mão para impedi-la quando ela começa a se afastar. — É possível pedir uma variedade do cardápio em porções menores? Algo que possamos dividir?

— Se você olhar na última página, temos várias opções para duas ou mais pessoas. — Vejo o rosto de Robin se iluminar enquanto ela examina as opções.

— O que você gostaria? — ela pergunta.

— Por mim qualquer prato está ótimo. Você escolhe.

Ela demora dois segundos para escolher e a garçonete sai com nosso pedido.

— Obrigada por isso. Não saio faz muito tempo. Para falar a verdade, eu estava bem nervosa, mas você facilita.

O fato de Robin aparentemente ter sofrido o mesmo nervosismo que eu, imediatamente acalma qualquer nervosismo que ainda resta em mim.

— Eu poderia dizer o mesmo — admito. Um súbito desejo de puxá-la sobre a mesa me faz pegar meu copo de água para dar um gole.

— Você deve gostar muito de água, — ela nota. — Além de café, é só o que eu te vi beber.

— Não tenho problemas com a bebida, apenas prefiro manter a cabeça limpa. — Ela olha para mim com expectativa, esperando que eu elabore, então me inclino sobre a mesa e seguro sua mão. — É sobre controle. Tenho medo de

perdê-lo — admito.

— Por causa do que aconteceu com você?

É uma maneira diferente de ver as coisas, quase me absolvendo das minhas ações. Aperto a mão dela; comovida, ela escolhe me ver como vítima das circunstâncias. É tentador, mas não posso me permitir negar a responsabilidade que carrego. Além disso, quero que ela saiba quem eu realmente sou. Do que sou capaz.

— Por causa do que fiz — digo com firmeza, e ela concorda com a cabeça.

Estou impressionado com esta mulher, aceitando tão prontamente minha necessidade de me responsabilizar. Tão disposta a me aceitar como sou.

Abro a boca para dizer isso a ela quando a garçonete aparece com alguns fogareiros, colocando-os no centro da nossa mesa. Alguns minutos depois, somos separados por uma miscelânea de pratos perfumados e, quando olho para Robin do outro lado da mesa, seus olhos cinzentos estão brilhantes e seus lábios exibem um sorriso amplo.

— Parece delicioso — ela comenta.

— Parece mesmo — concordo, meus olhos firmemente fixados em seu rosto.

Durante o jantar, ela me pergunta sobre o bar e sobre meus planos, e eu digo a ela que vou me mudar para o apartamento em cima do Dirty Dog no final de semana, mas que pretendo continuar trabalhando na oficina. Pelo menos por agora.

Ela fala sobre a filha, Paige, com muito orgulho, menciona sua mãe e seu novo namorado. Ela confessa que, apesar de querer que sua mãe seja feliz após a morte de seu pai alguns anos atrás, ela luta com a ideia de ter um “novo homem”.

Quando ela pergunta, me pego compartilhando um pouco sobre minha irmã, algo que ainda não é fácil de fazer, mas ela parece entender isso também.

A noite esfriou significativamente quando saímos, e coloco meu braço em volta dos ombros dela, aconchegando-a enquanto caminhamos para minha caminhonete.

— Você está indo para o lado errado — ela fala quando eu propositalmente viro o carro em direção ao lago em vez de voltar para casa.

— Não estou.

— Ah, é tão lindo. — Ela olha para mim com um grande sorriso quando seguimos em direção ao parque à beira do lago.

Quando fiz reserva no restaurante ontem, vi sobre o festival anual de luzes realizado aqui. Para onde quer que você olhe, há exibições de luzes de

Natal e, no centro, um mercado com coisas de Natal.

Esta é minha tentativa de me desculpar por ignorá-la após a menção o Dia de Ação de Graças.

— Tem certeza? — pergunta, colocando uma mão no meu braço quando desligo o motor.

— Absoluta.

O beijo puro que ela me dá ao se inclinar sobre o painel é todo o perdão que preciso. Quando ela desliza a mão na minha enquanto caminhamos pelas exibições, meu peito incha.

Por tudo de errado que eu fiz na minha vida, pelo menos nisso eu acertei.

CAPÍTULO 16

Robin

— Pensei que você ia de avião?

Estou estacionada do lado de fora do Dirty Dog, conversando com Paige.

Gray disse que eu deveria encontrá-lo no final de semana, já que ele queria se acostumar com a casa nova e trabalhar no bar.

Ele manteve contato por mensagem de texto, mas não o vejo desde a nossa noite de quinta-feira. Ele mandou uma mensagem esta tarde para me dizer que havia terminado a mudança e se eu não estivesse muito cansada depois do trabalho, para encontrá-lo para alguns drinks.

Eu definitivamente não estava cansada, fui para casa para tomar um banho rápido e trocar de roupa antes de voltar para a cidade.

Paige me ligou enquanto eu estava estacionando a SUV.

— Nós conversamos sobre, mas achamos que a viagem de carro poderia ser mais divertida. Vamos tomar cuidado, mãe. Josh encontrou um Airbnb não muito longe de Charleston para dormimos no caminho. Eu nunca fui tão ao sul.

Consigo ouvir a empolgação em sua voz e me esforço para não deixar que meus instintos maternais estraguem seu humor. Há tantos avisos em meus lábios, mas não me permito dar voz a nenhum, exceto um.

— Promete que vai ligar todos os dias? Pelo menos enquanto estiver dirigindo?

— Prometo, mãe — ela diz pacientemente. Deus, eu criei uma ótima filha. *— Você conversou com a vovó?*

— Sim. Eles chegaram em segurança ontem e ela disse que o lugar é ainda melhor do que ela imaginava. Ela ia tirar algumas fotos neste final de

semana e enviá-las.

— *Ela sabe tirar fotos?* — Paige pergunta, rindo.

— Aparentemente Ken sabe.

Inclino minha cabeça para trás no encosto e olho para o teto do meu carro. Ainda estou tendo dificuldade em imaginar minha mãe com qualquer outro homem que não seja meu pai, muito menos um que é muito mais jovem, mas ela parece estar apaixonada.

— Conversei com ele um pouquinho antes deles irem, sabia? — adiciono.

— *Como ele é?*

— Bom, pelo que pude ouvir pelo telefone, ele parece legal. Ele me deu informações de contato de emergência e o endereço, só por precaução. Isso ajudou.

Tenho que admitir, quando ele me disse que sabia que eu tinha preocupações e queria fazer o possível para aliviá-las, fiquei surpresa. Ele parece estar bastante apaixonado pela minha mãe também.

— *Vovó pode até ser um pouco inocente, mas ela não é burra, mãe* — minha filha me informa. — *Na verdade, quando ela conheceu Josh enquanto estava aqui, ela fez um interrogatório severo. Ele foi devidamente intimidado* — ela ri.

Eu sorrio com a ideia da minha mãe intimidando alguém. Ela é geralmente descontraída e doce.

— Bom para ela.

— *Você vai ficar bem, mãe?*

Meu nariz arde enquanto tento responder com uma voz firme.

— Pode apostar que sim, querida. Vou ficar bem. Divirtam-se e no Natal do ano que vem vocês são minhas.

— *Combinado, mamãe. Te amo.*

— Também te amo. Muito.

Permaneço sentada ali, com a cabeça para trás e os olhos fechados, bem depois de encerrar a ligação, quando uma batida na minha janela me assusta.

— Oi.

Gray sorri para mim quando abro a porta do carro e saio.

— Olá.

— Achei que talvez você estivesse em dúvida se entrava ou não, então pensei em ajudá-la.

— Ah?

Ele passa um braço em volta das minhas costas e encosta sua boca na minha. O beijo, embora ainda doce e reservado, tem sua língua deslizando ao

longo dos meus lábios, pedindo educadamente para entrar. Quando os abro para ele, sinto uma pitada de fome, mas nada como o apetite voraz de nossos beijos anteriores. Nem mesmo minhas unhas cravadas em seus bíceps ou meu gemido suplicante podem abalar seu controle cuidadoso.

Quase rosno quando ele levanta a cabeça, me deixando frustrada. Seus olhos estão dançando e um sorriso aparece no canto de sua boca, enquanto ele pega minha mão e começa a caminhar em direção ao bar. Ele sabe exatamente o que faz comigo. Desgraçado.

O longo bar fica logo à esquerda quando você entra, à direita há algumas mesas e cadeiras e, no fundo, vejo duas mesas de sinuca. Há cerca de dez pessoas lá dentro, algumas delas eu reconheço, incluindo Bunker atrás do bar.

— E aí, Robin. O que gostaria, querida?

— Vinho branco, por favor. Obrigada, Bunk.

Gray puxa um banquinho para mim e, quando me sento, ouço-o sussurrar em meu ouvido.

— Bunk? Você o conhece?

Escondo um sorriso enquanto me viro para olhá-lo.

— Conheço. — Aponto para o par de idosos jogando bolas na mesa de bilhar. — Também conheço Enzo e John, assim como alguns outros. — Coloco a mão no braço que ele apoiou no bar e examino as rugas profundas de seu rosto, suavizando minha voz. — Sei que sou nova para você, mas moro aqui há quase tanto tempo quanto você esteve fora, Gray. Eu trabalho no restaurante da cidade e todo mundo já esteve lá em algum momento nos últimos anos.

A raiva desaparece de seus olhos e ele abaixa a cabeça. Aperto levemente seu braço.

— Já estraguei tudo, não é?

Balanço a cabeça e estou prestes a negar quando Bunker volta com o meu vinho.

— Obrigada.

Ao som da minha voz, Gray se endireita e passa o braço em volta do meu ombro. Bunker olha de mim para Gray, com um sorriso no rosto.

— Calma. Trouxe vinho para ela, patrão. Não é como se eu tivesse a pedido em casamento. — Com uma piscadinha para mim, ele se vira para um cliente esperando para fazer um pedido do outro lado do bar. Eu olho para Gray.

— Respondendo sua pergunta: não, você não estragou tudo. Ainda — eu o provoco. — Na verdade, acho que até gosto de você ser um pouco territorial, mas se toda vez que outro homem se aproximar de mim você se sentir compelido a me marcar igual um cachorro faz com um hidrante, temo que o brilho vá sumir

rapidamente.

O canto de sua boca se contrai e vejo humor sangrando em seus olhos.

— Você acabou de se chamar de hidrante?

Dou um gole no meu vinho e dou de ombros.

— Só se você se considera um cachorro.



Gray

Eu rio e puxo um banquinho antes de fazer mais um papel de idiota.

— Justo.

Debruçado sobre o balcão, pego a garrafa de água que deixei ali.

— Então, o que a deixou parada lá fora no estacionamento? Você estava com dúvidas?

Ela balança a cabeça antes de olhar para mim, um leve sorriso brincando em seus lábios.

— Paige ligou assim que cheguei. Ela está indo para Flórida amanhã. Eu pensei que eles iam de avião, mas ela disse que vão dirigindo.

— Eles? Ela está indo com amigos?

— Namorado. Vão passar o Natal com os pais dele.

Não é difícil perceber que Robin tem pelo menos alguns sentimentos controversos em relação a isso. Também está ficando claro porque ela ficou feliz em passear pelo mercado de Natal comigo, mas não quis comprar nada.

— O que você vai fazer? No Natal... Celebrar com a sua mãe?

Ela me lança um sorriso magoado e dá de ombros.

— Na verdade, ela foi ontem para Costa Rica com o …namorado. — Parece que custou a ela dizer isso, mas Robin rapidamente coloca um sorriso brilhante no rosto. — O que é perfeito, já que Kim sempre acaba trabalhando no Natal, e agora ela pode passar com a família.

— A lanchonete abre no Natal?

— Sim. Ela começou a fazer isso há cinco anos para alguns de nossos clientes que, se não fosse por isso, passariam sozinhos. Jason vem e cozinha com sua esposa, e Kim geralmente trabalha meio período. Mas só abrimos ao meio-dia e fechamos a cozinha às oito.

— Me desculpe se te chateei, te levando no mercado aquele dia. Eu não sabia.

— Claro que não, e você não me chateou. Eu gostei. Muito — ela

adiciona colocando sua mão no meu braço de novo.

Gosto quando ela me toca. Talvez um pouco demais, dado o estado atual da minha calça jeans, que mais uma vez parece um pouco apertada. Por mais que eu tenha dito a mim mesmo e prometido a ela que iríamos devagar, meu corpo ainda não está de acordo com essa ideia.

— Inclusive — ela diz, colocando seu cabelo atrás da orelha. — Tenho certeza de que você já tem planos, mas se não, sinta-se à vontade para aparecer.

— Não tenho planos — me encontro admitindo.

Ela olha para mim como se esperasse que eu fugisse de novo, mas não pretendo. Não me interprete mal, odeio como ela claramente sente falta da família por perto no Natal, mas isso simplifica as coisas para mim. Encontrá-la na lanchonete para um jantar de Natal é mais fácil do que me sentar à mesa como o esquisito em uma reunião de família.

— Perfeito.

Seu sorriso é exatamente isso. Porra, essa mulher inteira foi conjurada diretamente dos meus sonhos.

Eu tinha planejado mostrar a ela meu novo apartamento, mas não posso garantir que não vou beijá-la no momento em que estivermos a sós. Em vez disso, inclino minha cabeça em direção a uma mesa de bilhar vazia.

— Sabe jogar?

Ela inclina a cabeça para trás e ri calorosamente.

— Sinuca? O mais perto que cheguei de um taco e bolas foi na faculdade, quando jogava hóquei em campo, e eu era péssima também. — Ela sorri e seus olhos brilham. — Mas estou disposta a aprender.

Ah, merda.

Parecia a opção mais segura um minuto atrás, mas agora estou achando que a sinuca pode ter sido um erro.

Trinta minutos depois, eu sei o quão grande foi o erro, quando me inclino sobre Robin para ajudá-la e sua bunda pressiona minha virilha. Bunker, aquele idiota, parece reconhecer a minha dor e encoraja Robin a se inclinar um pouco mais para trás.

Sua jogada é turbulenta e a bola acaba quicando na borda e atinge o chão para grande diversão do meu barman. Idiota. Robin ri junto com ele, enquanto eu me ajeito discretamente. Aparentemente, não tive sucesso, já que os dois velhos idiotas da mesa ao lado pararam o que estavam fazendo e me observaram com sorrisos largos.

Liz, a única garçonete da noite, vem buscar latinhas vazias e pergunta quem quer mais.

— Por minha conta — Bunker fala do bar, então se vira para nós e diz:

— não ria tanto assim desde que Frank disse ao primo de Eddie Bank que ele não sabia jogar porque não conseguia mais enxergar direito, só que o cara era realmente vesgo.

Robin explode em gargalhadas e desta vez eu também rio.

Nunca terminamos o jogo, mas passamos o resto da noite sentados ao redor de uma mesa com Enzo e John, que nos divertem com anedotas engraçadas. Robin bebeu um pouco demais e ainda está rindo quando se levanta para anunciar que vai para casa. De jeito nenhum vou deixá-la dirigir assim, mas antes que eu tenha a chance de dizer qualquer coisa, Enzo se levanta.

— Eu posso te levar.

Aquele velho idiota lança um sorriso presunçoso para mim.

— Não precisa — Robin diz, balançando um pouco enquanto ela acena com a mão na direção do velho.

Fico de pé em um piscar de olhos e coloco um braço em volta dela para estabilizá-la.

— Não, não precisa, porque eu vou levá-la.

Ela vira a cabeça e sorri para mim.

— Você vai?

— Bunker — eu o chamo. — Vou levar Robin para casa.

Com um aceno de cabeça para John e uma olhada severa para um Enzo sorridente, eu envolvo seu casaco nela e a guio até a porta.

— E o meu carro?

— Cuidamos disso amanhã de manhã.

— Ok — murmura, tremendo sob o meu braço.

Está congelando. Eu cruzo meus dedos mentalmente para que meu carro dê partida; ele tem sido um pouco imprevisível nos últimos dias com as temperaturas caindo.

— Opa! — Tenho que agarrá-la com as duas mãos quando ela tropeça e quase cai no estacionamento.

— Devagar, Sunshine.

Consigo levantá-la e colocá-la na caminhonete e estou afivelando seu cinto quando ela começa a passar os dedos pelo meu cabelo.

— Você tem um cabelo lindo.

Estou lutando para afivelar o maldito cinto com seu casaco grosso atrapalhando e ela brincando com o meu cabelo.

— Bem grosso. Você não tem nenhuma parte careca? — Consigo sentir os dedos dela enterrando no meu cabelo, procurando.

Finalmente afivelo o cinto e imediatamente removo suas mãos da minha cabeça.

— Nenhuma — asseguro, mas quando olho para ela a encontro pálida. — Você vai vomitar?

Ela balança a cabeça bruscamente.

— Não. Acabei de lembrar que trabalho cedo amanhã. Isso não é bom.

— Você vai estar de ressaca. Vamos levá-la para casa e para a cama.

Fecho sua porta, dou a volta no carro, e entro no lado do motorista.

— Bebi demais — ela murmura, mais para ela mesma, quando começo a dirigir.

— Três taças de vinho — eu a lembro.

— Devia ter parado na primeira. Sou fraquinha, mas estava me divertindo muito.

— Que bom. Eu também estava.

— Vou me odiar amanhã de manhã.

Está na minha língua concordar com ela, mas é melhor não. Em vez disso, me concentro na estrada. Ela está dormindo e roncando levemente quando estaciono do lado de fora de sua casa. Quando eu abro a porta do passageiro, ela pisca os olhos para abri-los.

— Me dê suas chaves. Vou te levar para dentro.

Ela pega um chaveiro no bolso do casaco e me entrega antes que eu a ajude a descer do carro. Lá dentro o gatinho está esperando, e Robin quase cai tentando pegar a pequena bola de pelos.

— Preciso ver se ele tem comida.

— Você precisa ir para a cama — digo, tirando o gato de suas mãos e dando-lhe um leve empurrão na direção de seu quarto. — Vai lá. Eu cuido do gato.

Observo enquanto ela se move cautelosamente pelo corredor até seu quarto. Então levo o gato para a cozinha, encho suas tigelas com água e um pouco de ração seca, antes de colocá-lo no chão. Como um menino crescido, ele vai direto para sua tigela de comida.

Vasculho seus armários, encontro ibuprofeno e encho um copo com água antes de ir para o quarto dela.

Ela não responde quando bato, então eu abro a porta e a encontro meio vestida e deitada de costas na cama.

— Cansada demais — ela murmura.

— Sente um pouquinho, Sunshine. — Eu entrego a ela o comprimido e o copo cheio de água. — Beba. Vai te ajudar a se sentir melhor de manhã.

Ela faz o que eu peço, e forçando meus pensamentos a irem para outro lugar, rapidamente a ajudo a tirar o resto de suas roupas e colocá-la na cama. O gato pula e se enrosca ao seu lado, lançando um olhar desconfiado em minha

direção. Pego o segundo travesseiro da cama, dou um beijo em sua testa e vou para o sofá, onde me acomodo.

Colocando o braço atrás da cabeça, fecho os olhos e sinto um sorriso no rosto.

Eu tive uma ótima noite e estou começando a acreditar que uma vida decente pode ser possível.

CAPÍTULO 17

Robin

Jesus Amado.

O som do meu alarme é como uma faca sem corte talhando meu crânio, e eu mal consigo abrir meus olhos. Desesperada para parar a tortura, eu bato minha mão na direção da mesinha de cabeceira, derrubando várias coisas no processo, mas o bipe incessante não para.

A porta se abre e um Grey desgrenhado entra correndo, com um olhar selvagem em seus olhos.

— Mas que porra?

— Faça parar — gemo pateticamente.

Ele absorve a cena e imediatamente vem na direção do meu despertador, apertando botões até finalmente arrancá-lo da tomada. Então ele coloca tudo de volta na mesa de cabeceira e se senta na beirada da cama.

— Imagino que ainda esteja se sentindo mal? — pergunta, tirando o cabelo da minha testa. Eu concordo lentamente. — Talvez você devesse tirar o dia de folga hoje.

— Não posso. Tenho que fazer a folha de pagamento, para que todos recebam o salário antes do Natal.

Afasto as cobertas e percebo que estou apenas de calcinha. O resto do que eu estava vestindo ontem está empilhado na minha cômoda. Os olhos de Gray desviam rapidamente e ele fica de pé, rápido como um tiro. Engraçado, já que me lembro dele me despindo.

— Certo, então já para o chuveiro — ele sugere, já indo em direção a porta. — E vou te trazer mais água e remédio, e preparar o café.

É com muita força de vontade que consigo entrar no chuveiro. A água

morna me faz sentir um pouco melhor enquanto lavo meu cabelo. Quando abro a cortina, vejo que Gray me deixou outro copo d'água e um par de ibuprofeno na penteadeira, que tomo imediatamente.

Na cozinha, Gray está de pé na frente do fogão, o cheiro de café e ovos fritos preenchem o ar. Estou surpresa por estar com fome. Sem náusea, e o latejar profundo na minha cabeça parece estar diminuindo.

— Você passou a noite aqui?

Sua cabeça vira e eu noto que seus olhos estão claros, ao contrário dos meus vermelhos e turvos que acabei de ver no espelho. Isso vai me ensinar sobre beber mais de uma taça.

— Não parecia seguro deixá-la sozinha — ele diz dando de ombros antes de se virar novamente para o fogão.

É uma experiência nova ter alguém me protegendo. Esse é geralmente o meu trabalho. Rick era possessivo; havia pouco cuidado envolvido e era tudo sobre propriedade. Papai sempre cuidou de mamãe, então automaticamente assumi esse papel quando ele morreu. Embora agora com o novo namorado, me pergunto se ele vai intervir. Claro que Paige sempre foi minha responsabilidade, e não sei se isso vai mudar.

— Obrigada.

Ele me olha e acena com a cabeça fracamente.

— Gema mole?

— Pode ser. — Me sento e tomo um gole agradecido do café quente que ele coloca na minha frente, ao lado de um prato com ovos e uma torrada.

Ainda está escuro quando vamos para a cidade.

— Quer pegar seu carro agora ou depois que sair do trabalho?

— Agora, por favor. Estou me sentindo melhor, mas tenho certeza de que vou colapsar em algum momento. Prefiro não ter que me preocupar em pegá-lo depois. — Eu olho para ele e cubro sua mão no câmbio com a minha. — E, Gray? Obrigada por ter cuidado de mim ontem à noite.

Ele olha para mim de lado e um sorriso aparece em sua boca.

— Sempre, Sunshine.

— Por que você me chama assim? — pergunto, genuinamente curiosa. Não é a primeira vez que ele usa esse apelido.

Ele não responde imediatamente, e estou prestes a perguntar de novo quando ele para ao lado do meu Honda no estacionamento do Dirty Dog e se vira no banco.

— É o que você é para mim. Passei a maior parte da minha vida vivendo sob nuvens escuras, e a primeira vez que te vi pude sentir o sol na minha pele. Não importa o quão sombrio seja o dia, eu vejo você e tudo se ilumina.

Não consigo achar palavras adequadas, então, em vez disso, levanto a mão dele e pressiono um beijo em sua palma para transmitir o quão profundamente comovida estou.

— Fico feliz — consigo falar.

— Eu também — ele diz simplesmente, antes de se inclinar e me dar um selinho.

— Preciso ir — murmuro.

— Eu sei.

— Eu não quero.

— Eu sei também.

Estendo a mão e acaricio seu rosto antes de me forçar a sair da caminhonete. Quando estou ao volante da minha SUV, olho e o vejo abaixando a janela do lado do passageiro e abaixo a minha também.

— Me avise quando sair — ele fala alto.

Sorrio, faço um sinal positivo com a mão para ele, e dirijo até a lanchonete com um sorriso no meu rosto e um brilho acolhedor em meu coração.



Quase derrubo a bandeja com a louça suja quando ouço um grito alto seguido de um estrondo. Rapidamente colocando a bandeja em cima da máquina de lavar louça, eu saio da cozinha e encontro Kim e alguns clientes se aglomerando em torno de Jess, uma de nossas funcionárias de meio período.

— Robin, precisamos de uma toalha e de água! — Kim fala por cima do ombro.

Corro de volta para a cozinha onde Jason me entrega uma tigela para encher com água fria. Pego duas toalhas limpas e as coloco de molho na tigela de água.

Esta não é nossa primeira vez; trabalhando na indústria alimentícia, as queimaduras ocorrem quase diariamente, mas na maioria das vezes são leves. Não parece tão insignificante desta vez e consigo entender o motivo quando ando até o grupo e vejo Jess sentada em uma cadeira, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Seu braço direito está esticado sobre a mesa com Kim segurando-o com firmeza. A pele do antebraço já está formando bolhas. Isso não é bom.

Alguém já deve ter jogado água nela, a julgar pela poça na mesa, e eu rapidamente pego a primeira toalha da tigela e a coloco em seu braço. Pego a segunda toalha quando sinto Jason atrás de mim, me entregando um rolo de gaze

que ele deve ter pegado no kit de primeiros socorros.

— Você precisa ir ao hospital, querida — Kim diz a menina. — É uma queimadura grande. É melhor um médico dar uma olhada. Te levo até Clare e ligamos para os seus pais no caminho.

— Eu fico — ofereço, sabendo que provavelmente vai demorar algumas horas.

Quando Jess é colocada no carro de Kim, volto para dentro, onde Donna está cuidando dos clientes. Felizmente não está tão cheio. Ainda.

Eu limpo a área perto da estação de café, onde ela aparentemente derrubou uma panela de água quente, e estou inspecionando o chão em busca de cacos de vidro perdidos quando Becca entra.

— O que aconteceu aqui?

— Jess derrubou água quente — digo a ela enquanto fico de pé. — Ela se queimou feio. Kim a levou para o pronto-socorro em Clare.

— Ah, merda. Então vamos ficar com uma pessoa a menos?

Noto a expressão azeda em seu rosto e fico instantaneamente irritada.

— Não, não vamos. Donna pode ajudar até as seis e eu vou ficar até fechar. Vai dar tudo certo.

Não estou ansiosa para trabalhar com ela. Não porque ela não trabalha duro — ela trabalha — mas porque tem uma atitude de merda comigo. Tenho a evitado porque me conheço; mais cedo ou mais tarde, vou chamar sua atenção, e prefiro não fazer isso com um restaurante cheio de clientes.

Ela bufa e revira os olhos enquanto passa por mim para pendurar o casaco e pegar o avental. Respiro fundo rezando e pedindo paciência.



Gray

— Eu vou.

Começou a nevar por volta das cinco, pouco depois de Robin me ligar para dizer que uma das garotas se machucou e ela trabalharia até fechar.

Acabamos de ser notificados pelo Gabinete do Xerife sobre um acidente na estrada municipal ao norte da cidade. Um carro caiu na vala e o outro está bloqueando uma das pistas e não pode ser dirigido. Felizmente, é domingo à noite e poucas pessoas estão na estrada, especialmente com este tempo.

Encolho os ombros em meu casaco e puxo um gorro sobre minhas orelhas antes de pegar as chaves do caminhão de reboque no painel.

— Tome cuidado! — Jimmy grita para mim quando eu saio.

— Pode deixar, mãe! — grito de volta, tirando sarro dele.

Reduzo a velocidade quando passo pela lanchonete, procurando Robin, mas, em vez disso, vejo Becca servindo um casal sentado perto da janela. Ela foi até a oficina perguntando por mim quando eu estava fora na semana passada. Parece que está interessada em reacender algo que está morto há décadas e que não era muito vívido nem naquela época.

Eu morava em Clare na época, trabalhava na Auto Mecânica Brookwood, e Becca era garçonete no bar local. Eu sabia que ela estava querendo se casar, algo que eu não tinha interesse, mas eu estava levando enquanto durava.

Eu era um idiota arrogante naquela época, egocêntrico e me sentindo bem na vida. Às vezes, me pergunto se as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse ficado igual meu pai: um bêbado, um mulherengo e um abusador.

Além do fato de Becca ter fugido no momento em que o problema surgiu, há uma razão maior para eu não gostar dela na minha vida; ela me lembra uma época e uma versão de mim mesmo que prefiro esquecer. O fato de ela trabalhar lado a lado na lanchonete com Robin parece errado.

Vejo as luzes de freio de vários carros presos atrás do acidente e manobro ao redor deles para chegar ao local. A frente da caminhonete que bloqueava as duas pistas está bastante danificada, indicando uma colisão frontal. O carro na vala está quase irreconhecível, apenas um monte de aço amassado. Não consigo ver como alguém teria sobrevivido a esse tipo de impacto. O corpo de bombeiros de Beaverton já está ali. Atrás de mim ouço o som de sirenes quando a primeira ambulância estaciona.

Um policial me aponta para o lado da estrada e me instrui a esperar até que os socorristas tenham retirado as vítimas do acidente. Na parte de trás de sua viatura, vejo um senhor mais velho que presumo ser o motorista da caminhonete. Ele parece estar em choque.

Nos vinte minutos seguintes, espero e observo a chegada de uma segunda ambulância, enquanto o corpo de bombeiros retira alguém dos destroços na vala. Meu coração afunda quando vejo os paramédicos cobrirem o corpo na maca com uma lona. Em algum lugar, alguém está esperando que essa pessoa volte para casa e, em vez disso, receberá apenas a polícia em sua porta.

Enquanto a neve continua caindo, meu coração fica pesado enquanto minha própria dor floresce fresca e crua. As lembranças da última conversa que tive com minha irmã, o último abraço que minha mãe me deu, vêm à tona como tesouros aos quais me agarro desesperadamente.

Quando as duas ambulâncias partem, uma com o velho angustiado e a

segunda com a outra vítima, me dizem para levar a caminhonete até o pátio da polícia em Gladwin. O outro veículo irá em uma carroceria que eles chamaram. Estou aliviado de finalmente poder fazer algo em vez de ficar sentado no caminhão cercado por fantasmas.

Quando finalmente volto para Beaverton, noto que as luzes da lanchonete estão apagadas. As estradas são traiçoeiras e de repente tenho uma visão da SUV de Robin amassada em uma vala em um lugar qualquer. Eu mal tinha estacionado atrás da oficina escura quando peguei meu celular, já discando.

— *Oi.*

Respirei fundo ao ouvir a voz dela.

— Você está em casa — confirmo.

— *Acabei de chegar, está feio lá fora.*

— Eu sei, acabei de voltar de um reboque. Acidente grave ao norte da cidade. — Saio do caminhão de reboque e começo a caminhar até a minha caminhonete enquanto falo.

— *Ah, não. Alguém se machucou?*

— Sim. Uma vítima — me pego compartilhando.

— *Sinto muito* — ela sussurra, e eu consigo sentir sua compaixão como um toque reconfortante. — *Você está bem?*

— Estou agora. Sabendo que você está em casa e segura. — A declaração é seguida por um silêncio prolongado enquanto eu subo ao volante. — Robin?

— *Estou aqui. Eu só… Eu provavelmente deveria te dizer para não se preocupar comigo, mas... é horrível eu gostar que você se preocupe?*

Eu rio antes de responder.

— Não. Além do mais, seria inútil. Não é como se eu conseguisse parar mesmo se quisesse, e não quero mesmo.

— *Ótimo*.

— Como está a menina? A que se queimou?

— *Jess? Ela vai ficar bem, mas vamos ficar com uma a menos por um tempo, o que significa que vamos alterar os horários novamente.*

Tenho certeza de que é uma época movimentada lá também, como na Automotiva. E só vai piorar se essa neve persistir. Jimmy também faz remoção de neve residencial, o que normalmente não é muita. Mas se a quantidade de neve que caiu até agora for um indicador, teremos um inverno agitado. Em breve, talvez precisemos de um segundo arado.

Entre os nossos horários de trabalho, pode não ser fácil encontrar tempo para nos vermos.

— Que horas você trabalha amanhã? — pergunto.

— *Começo no almoço, mas provavelmente vou trabalhar até o fechamento de novo.*

— Vou tentar aparecer.

— *Está bem* — ela responde suavemente, e consigo ouvir o sorriso em sua voz.

— Vá descansar.

Como um maldito adolescente, não quero desligar. Eu deveria, porque estou congelando a minha bunda nesse assento de vinil, mas não tenho coragem de ligar o motor e apressá-la a desligar.

— *Vou, você deveria ir também.* — Ela parece estar prestes a desligar a chamada quando adiciona. — *Ah, e Gray?*

— Ainda aqui — falo.

— *Obrigada por se importar. Torna a vida menos solitária.*

CAPÍTULO 18

Robin

Cheguei aqui às sete e meia da manhã e estou cortando e descascando vegetais desde então. Ainda falta uma hora para a lanchonete abrir e meus pés já estão doloridos.

— Descanse um pouco — Jason diz, notando meu estremecimento. — Kay e eu cuidamos da cozinha.

Dois perus gigantes estão assando no forno grande e uma panela de tamanho industrial com batatas está fervendo no fogão. Jason faz um Natal tradicional com tudo incluso. Ele já assou um monte de tortas ontem. Vai ser uma distribuição elaborada.

Era para eu ter entrado as dez, mas depois que saí do banho esta manhã, a casa parecia muito vazia, então vim mais cedo. Foi uma semana louca até então, com Jess ainda se recuperando. Eu tinha feito a maior parte de seus turnos desde que eu era a única sem família por perto no Natal. Anteontem, Becca foi viajar para passar as festas de fim de ano com sua família. O que foi um alívio.

Trabalhar ao seu lado provou ser estressante. Ela não era abertamente hostil comigo — pelo menos não em público — mas estava longe de ser amigável e se abstinha de falar comigo quando não havia ninguém por perto. Claro que não ajudou o fato de que as duas vezes que Gray conseguiu sair do trabalho por alguns minutos, foi durante seus turnos. Eu não acho que ela gostou do modo como ele a ignorou descaradamente e até se inclinou sobre o balcão para me beijar.

Essas foram as únicas vezes que nos vimos. Tivemos neve quase todos os dias esta semana, e isso o manteve ocupado. Irônico, porque não consigo me lembrar de um único Natal branco desde que me mudei para cá, e no ano em que

estou trabalhando, neva. Maravilhoso.

Acabo de preparar um bule de café fresco quando Debra, nossa outra garçonete de meio período, chega.

— Feliz Natal.

— Para você também, querida. — Eu a envolvo em um abraço rápido.

Debra é uma amiga do ensino médio de Paige. Ela foi para a faculdade comunitária em Midland e escolheu continuar morando por aqui. Ela trabalha nos turnos do final de semana na lanchonete desde os dezoito anos.

— O que você precisa que eu faça? — ela pergunta, pendurando seu casaco e colocando seu avental.

Entro no pequeno escritório e pego algumas sacolas com decorações que trouxe de casa. Nós colocamos luzes de Natal na lanchonete no fim de semana após o Dia de Ação de Graças, mas ainda acho que tem pouca coisa.

— Acho que poderíamos enfeitar o lugar um pouco.

— Legal! — Com um grande sorriso no rosto, ela começa a vasculhar as sacolas imediatamente.

Quando abrimos a porta ao meio-dia, o restaurante está festivo e os cheiros que emanam da cozinha são divinos.

A maioria dos clientes param no caminho da igreja para casa e estão apenas procurando um café e um pedaço de torta. Então, por volta das três, a sra. Chapman aparece, um pequeno ramo de azevinho preso à lapela do casaco e um chapéu de Natal de tricô alegre cobrindo o cabelo.

Debra a cumprimenta e pega seu casaco, revelando que a doce senhora está vestida com esmero. Uma blusa vermelha brilhante, combinando com a cor de seus lábios pintados, sobre uma saia preta larga.

— Você está linda, sra. Chapman. Feliz Natal.

Juro que a mulher cora com o meu elogio. Eu a sento em sua mesa favorita e ofereço algo para ela beber, mas antes que eu possa pegar o chá que ela pediu, a porta se abre novamente e Eddie e Enzo entram. O amigo deles, John, e sua esposa, Marie, provavelmente estão visitando a família de sua filha. Enzo é viúvo e, pelo que entendi, Eddie foi solteiro a vida inteira.

Os homens beijam minha bochecha e me desejam Feliz Natal antes de caminhar até a sra. Chapman, que parece estar corando sob sua atenção. É como se ela guiasse todos até aqui, porque nos próximos vinte minutos mais pessoas entram. Algumas se agrupam e um casal escolhe se sentar sozinho.

O último a entrar é Gray, e meu coração dá um pulo quando vejo que ele está arrumado. Bom, acho que o mais “arrumado” que eu o verei. Ele não parece diferente de mim no que diz respeito às roupas, mas está com aqueles jeans escuros e camisa branca que ele usou em nosso encontro na semana passada que

ficam fantásticos nele.

Ele caminha até mim atrás do balcão, passa um braço em volta da minha cintura e dá um beijo na minha boca.

— Feliz Natal, Sunshine — murmura, esfregando seu nariz no meu.

— Feliz natal, querido.

O carinho escapa dos meus lábios como se fosse a coisa mais natural do mundo — e é. Não passa despercebido por ele quando seus olhos azul-claros brilham antes de se enrugarem com um sorriso.

— Vou ficar por aqui até você sair e depois vou levá-la para casa, se não aparecer nenhuma emergência.

Agora estou sorrindo também, esquecendo onde estou enquanto fico na ponta dos pés e pressiono meus lábios nos dele. A promessa em suas palavras faz minha pele formigar.

— Você vai ficar entediado — eu o alerto, mas ele balança a cabeça.

— Sem chance. Estarei observando você.

— Primeiro pedido saindo! — Jason grita, e desliza um prato pela janelinha da cozinha.

— É melhor se sentar — digo a Gray. — Tenho jantares para distribuir.

Pego o prato que Jason deixou e caminho até a mesa da sra. Chapman, observando com o canto do olho Enzo chamando Gray para a mesa deles.

— Aqui está, sra. Chapman. Bom apetite.

— Obrigada, querida. — Ela sorri para mim e cobre o colo com o guardanapo de papel como se fosse do linho mais fino.

O sino da cozinha toca e mais alguns pratos prontos aparecem na janela.

— Adicione mais um pedido completo, Jason. Gray acabou de chegar.

— Pode deixar.

Pego os pratos e me viro para servir Eddie e Enzo quando percebo que Gray não está sentado com eles, como eu esperava, mas está sentado em frente à Sra. Chapman. O brilho em seu rosto é inconfundível.

Como se eu precisasse de outro motivo para me apaixonar por este homem.



Gray

— Já era hora de você vir me ver, Gray Bennet — ela diz com a voz severa que me lembro muito bem.

Sra. Chapman, minha professora de inglês do ensino médio. Já se passaram mais de trinta anos, mas ainda me lembro da primeira vez que entrei em sua aula. A mulher baixa de meia-idade parecia uma tarefa fácil para o merdinha arrogante e rebelde que eu era naquela época. Rapaz, eu a subestimei. Ela governou aquela sala de aula com unhas e dentes e me fez ler meu primeiro livro.

1984 do George Orwell.

Jamais esquecerei minha surpresa ao terminar o livro em apenas um final de semana. Eu o devorei. Quando eu levei de volta para ela naquela segunda-feira, ela apenas sorriu e me disse que eu não deveria esconder minha luz debaixo do alqueire. Eu não fazia ideia do que ela estava dizendo até muito tempo depois.

Comecei a ler tudo o que podia no ensino médio. Progredi muito, obtive ótimas notas, entrei na lista de honra no meu último ano e fui aceito na Universidade de Michigan em Ann Arbor. Era para ter sido a minha saída, mas meu pai impediu.

As coisas estavam uma merda em casa há anos. Minha mãe tentou, mas havia pouco que ela pudesse fazer para agradar meu pai, especialmente quando ele bebia. Ela ficou muito feliz por mim quando recebi minha carta de admissão, mas meu pai achou que era uma perda de tempo. Uma entre muitas coisas que ele considerava perda de tempo. Mamãe não era de provocar sua raiva, mas ela me defendeu nesse assunto. Até que um dia cheguei a casa e encontrei ele batendo nela, e tive que arrastá-lo para longe.

Ela não iria embora, então nem preciso dizer que eu não fui para a faculdade.

— Perdeu a língua? — sua voz me arranca dos meus pensamentos e me traz de volta ao presente.

— Peço desculpas, sra. Chapman.

— Você deveria pedir mesmo — ela fala, mas faz isso sorrindo. — Como você anda? Quero dizer, desde que voltou para a cidade.

— Me adaptando.

— Percebi — diz olhando significativamente para Robin.

— Sua comida está esfriando.

Minha tentativa de distraí-la é inútil. Esta mulher pode até parecer calma, mas é afiada como uma faca.

— Não é educado comer até que todos tenham sido servidos — ela me lembra, assim que Robin se aproxima.

Ela desliza um prato fumegante na minha frente e aperta levemente meu ombro antes de ir para a próxima mesa.

— Agora podemos comer. Feliz Natal, jovem sr. Bennet.

— Feliz Natal, sra. Chapman — eu ressoo, retribuindo seu sorriso.

Comemos em silêncio, à exceção de alguns comentários sobre a deliciosa refeição. Termino primeiro e deixo meu olhar vagar pelo restaurante. Alguém se esforçou para tornar o lugar aconchegante, com uma vela no centro de cada uma das mesas, guirlandas com bolas natalinas ao longo da borda do balcão e uma suave música natalina tocando ao fundo.

Encontro o olhar de Enzo, sentado duas mesas adiante, que acena com a cabeça quando me vê. Quando entrei, ele me convidou para se sentar com eles, mas então vi a sra. Chapman sentada sozinha e decidi me sentar com ela.

Robin cruza meu campo de visão, e não consigo deixar de observá-la ir de mesa em mesa, o balanço suave de seus quadris como um ímã.

— Ela estava te observando mais cedo.

Volto minha cabeça para minha antiga professora, que coloca seus talheres cuidadosamente lado a lado em seu prato vazio.

— Ah, é?

— Vocês dois estão apaixonados — ela conclui. — É o que parece.

Ela inclina a cabeça para o lado e me examina.

— Tem certeza de que está pronto para isso?

— Para o quê?

— Aquela mulher merece o mundo, Gray, você está pronto para dar a ela? Porque sei que é o que ela lhe dará. — Quando abro minha boca para responder ela levanta sua mão me impedindo. — Você não me deve uma resposta. Eu só quero que você pense sobre isso.

— Não preciso — resmungo, mas isso só a faz sorrir. Ela ainda não está impressionada com a minha atitude.

— Agora... — Ela muda de assunto repentinamente. — Leu algo bom recentemente?

Passamos alguns minutos conversando sobre livros quando a garçonete mais nova vem para retirar nossos pratos.

— Gostariam de um pedaço de torta? Café?

— Só café para mim — minha companheira de janta pede.

— Que tipo de torta?

A menina sorri para mim.

— Tem de maçã, creme de banana, nozes e abóbora.

— Abóbora com chantili se tiver.

— Claro. Café para acompanhar?

— Por favor.

— Já volto.

Eu a observo ir até a estação de café quando a porta da frente se abre e um homem entra tropeçando.

Não consigo ouvir o que ele está dizendo para a garota, mas posso vê-la dando um passo para trás.

— Lá vem problema — a sra. Chapman murmura baixinho, e imediatamente fico com os nervos à flor da pele.

Já estou ficando de pé quando vejo Robin sair voando do corredor que leva aos banheiros e puxando a jovem garçonete para trás dela.

— ...vem até aqui e causa um tumulto... — Eu capto apenas trechos do que ela está dizendo, mas é o suficiente para me fazer ir para o lado dela. — Você precisa sair agora, Mike — Robin diz, estendendo a mão para o braço dele, mas ele dá um tapa em sua mão.

— Encoste nela e teremos problemas — eu rosno, ficando na frente dela.

— Cadê a minha esposa? — ele grita, saliva voando.

— Ela não está aqui, Mike. — Robin tenta me tirar do caminho e finalmente consegue espreitar a cabeça pelo meu cotovelo. — Você precisa sair ou eu não vou ter escolha a não ser chamar a polícia.

— Já chamei — ouço atrás de mim.

Jason, o cozinheiro, passa por mim e fica de cara com o homem irado na porta.

— Chega, Mike. Vá para casa.

— Você sabe o que ela fez?

— Mike…qual é, vamos.

Jason o agarra firmemente pelo braço e tenta girá-lo, mas o cara luta contra seu aperto. Pronto para que esta cena acabe, eu agarro seu outro braço, torço-o para trás e o empurro sem cerimônia para fora, com Jason do outro lado.

Uma viatura da polícia está parando bem na hora e um policial sai.

— O que temos aqui? — o policial pergunta, sobre os protestos altos do idiota que estamos segurando.

— Ele está bêbado e está incomodando — Jason responde calmamente. Ele não parece perturbado com os xingamentos do homem.

Os olhos do policial pousam em mim e sua avaliação me deixa com coceira.

— Você é Bennet.

— Sou. — Levanto meu queixo em um desafio silencioso.

Não deveria me surpreender que a polícia local esteja ciente da minha presença aqui e eu já até vi alguns por aí, mas esta é a primeira vez que chamam minha atenção. Isso me deixa inquieto.

O policial finalmente volta os olhos para o homem que ainda está fazendo força contra nós.

— Você está causando problemas de novo, Mike? Já te disse duas noites atrás, quando você estava causando um tumulto do lado de fora da casa do seu vizinho, que eu não queria receber outra ligação sobre você, não é? — Ele pega um par de algemas presas em seu cinto. — Deixe-o encostado na viatura, rapazes. Ele vai dormir na delegacia hoje.

— Aqui é um lugar público, você não pode me prender!

— Fique quieto, Mike — o policial diz, enquanto se aproxima e faz um movimento rápido para algemá-lo.

Ele revista o homem em busca de qualquer coisa que possa ser usada como arma e não encontra nada, o enfia na parte de trás da viatura e bate à porta.

— Derek Francisi — ele se apresenta, estendendo a mão.

Levo um momento para reagir, mas aperto sua mão.

— Gray Bennet.

— Ouvi dizer que você é dono do Dirty Dog agora?

— Sou.

— Se importa se eu aparecer alguma hora para falar sobre patrocinar o time de baseball da polícia nesta próxima temporada? O Dirty Dog tem patrocinado nos últimos sete anos, mas não queremos presumir que você planeja continuar.

— Claro — murmuro, surpreso. Esta era a última coisa que eu esperava.

Um som de pancada atrai nossa atenção para o homem na parte de trás da viatura, que está batendo a cabeça contra a janela.

— Ah, merda, é melhor eu ir antes que ele quebre a cabeça. Acabei de consertar meu Cruiser. Quer que eu o denuncie por invasão?

— Acho que é o melhor — Jason concorda.

— Considere feito. — O policial abaixa o chapéu e se senta atrás do volante. Quando ele passa por nós, ele abaixa a janela. — Bennet!

Instantaneamente minha coluna se endireita.

— Sim?

— Te vejo no bar.

CAPÍTULO 19

Robin

Observo pela janela enquanto Jason e Gray voltam para a lanchonete logo quando a viatura parte com Mike dentro.

— Café e torta por conta da casa — Jason anuncia quando entra.

A maioria dos clientes que estavam de pé, assistindo o que estava acontecendo no estacionamento, prontamente se sentam.

— Coloque uma panela extra — é o que ele diz para mim.

— Eu ajudo — Gray informa.

São oito horas quando tranco a porta atrás de Debra, carregando meia torta de maçã para levar para a família dela. Gray está limpando as mesas e Jason está guardando o que sobrou na cozinha. Sua esposa, Kay, foi para casa mais cedo. Não tivemos um momento de silêncio desde o tumulto que Mike causou. Suspeito que a notícia de que algo estava acontecendo no restaurante se espalhou, porque várias pessoas apareceram para tomar café e fazer perguntas.

É difícil manter em segredo qualquer coisa aqui em Beaverton, e acho que a maioria das pessoas sabe o que aconteceu entre Shirley e Mike, o que aparentemente só deixou as pessoas mais curiosas com este último incidente. Na maioria das vezes gosto do fato da comunidade ser próxima, mas neste caso acho um pouco opressiva.

— Vocês querem levar um pouco de torta para casa? — Jason chama da cozinha. Eu enfio minha cabeça na porta.

— Eu gostaria sim. Tem certeza?

— Sobrou muita. — Ele indica os recipientes transbordando.

— Nesse caso, quero, por favor. — Me poupa de cozinhar amanhã no meu dia de folga.

Alguns minutos depois, estamos nos despedindo no estacionamento quando Gray coloca um braço em volta dos meus ombros e me guia até minha SUV. Admito que fico um pouco decepcionada, pois esperava que ele me levasse para casa, mas então ele pega as chaves das minhas mãos.

— Eu dirijo.

— E o seu carro? — Olho em volta no estacionamento e não o vejo.

— Eu vim andando.

Ele abre a porta do passageiro e contorna a frente da SUV, entrando ao meu lado.

— Como você vai... — começo a perguntar quando as palavras secam na minha boca com o olhar que ele me lança.

Ele não está planejando ir a lugar nenhum esta noite.

Uma sensação quente e elétrica se espalha do fundo da minha barriga até entre as minhas pernas. Minha respiração fica instantaneamente superficial e seus olhos são atraídos para a base do meu pescoço, onde meu batimento cardíaco acelerado é visível. Um músculo em sua mandíbula pulsa, enquanto ele engole em seco antes de girar a chave na ignição e forçar seus olhos para frente.

Muito parecido com a última vez que ele me trouxe em casa, com o ar carregado de tensão sexual, ele abre a porta da frente com minhas chaves e me puxa para dentro. Sua boca está junto da minha, mesmo enquanto ele me pressiona contra a porta. Eu largo a sacola com as sobras no chão e minhas mãos encontram apoio em seu cabelo.

Puta merda, esse homem sabe beijar.

Ele se afasta quando ficamos sem ar, seus olhos brilhando nos meus enquanto nós dois ofegamos de boca aberta, recuperando o fôlego. Mas quando levanto o rosto para continuar o beijo, ele coloca duas mãos firmes em meus ombros e dá um passo para trás.

— Vai devagar.

— Por quê? — pergunto sem fôlego.

Ele se abaixa, pega o saco plástico do chão e o leva até a cozinha. Eu o sigo e observo enquanto ele tira o casaco antes de pegar alguns pratos do armário.

— Você não comeu ainda.

— Não estou com tanta fome — protesto, pendurando meu casaco em uma cadeira da cozinha. Isso não é inteiramente verdade, mas tenho assuntos mais urgentes em mente neste minuto. Distraidamente acaricio o gato, que está acomodado na cadeira.

— Robin, eu não quero acelerar as coisas — ele diz, apoiando as mãos no balcão, me olhando por baixo das sobrancelhas. — Não precisamos nos

apressar, temos todo o tempo do mundo e não quero arriscar perder um único momento precioso. Já perdemos o suficiente.

— Está bem — respondo imediatamente, tocada com suas palavras.

Ele está certo. O tempo passou para nós dois, mas estávamos de olhos fechados. Eu quero estar com eles bem abertos de agora em diante.

Um canto de sua boca se levanta e seus olhos enrugam com seu sorriso torto.

— Vamos te alimentar, e depois tomar um banho.

Ele já tinha se virado quando acrescenta a última parte, e um arrepio de ansiedade percorre minha espinha. Visões de peles molhadas e gotas presas no cabelo áspero de seu peito. Mãos ensaboadas explorando livremente e corpos deslizando juntos.

— Quer beber algo?

Eu tenho que piscar algumas vezes para clarear minha visão e sinto meu rosto esquentar. Gray está me observando por cima do ombro com calor em seus olhos.

— Água gelada — falo rapidamente e ele ri. Uma risada genuína que parece vir da alma. É um som lindo, e eu o guardo como um daqueles momentos preciosos de que Gray estava falando.

Determinada a aproveitar o momento, tiro algumas velas e fósforos de uma gaveta do armário. Enquanto Gray coloca pratos sobre a mesa, eu os acendo.

— Bom.

— É Natal, devemos acender velas.

— Sim. — Ele sorri, se sentando na mesa. — Muito bom.

Pego o gatinho e o coloco no sofá antes de me sentar em frente a Gray.

Comemos em silêncio, mas conseguimos manter uma conversa inteira com os olhos, e no momento em que solto o garfo na mesa, Gray já está de pé.

Deixando a louça suja na mesa, o sigo até o quarto. Ele já está tirando a camisa social e a camiseta de baixo. Eu sigo o exemplo, tirando a roupa e jogando tudo na direção do cesto. Me preocupo com a roupa suja amanhã.

Sua ereção salta livre quando ele abaixa a calça jeans e a cueca junto e não consigo deixar de olhar. Ele lentamente se endireita, seus olhos me observando também. Não tenho certeza de quem se move primeiro, mas no momento seguinte nossos corpos já estão grudados, e sua boca está devorando a minha.

— Banho — ele murmura contra os meus lábios, antes de pegar minha mão e me puxar atrás dele até o banheiro. — Incline a cabeça para trás — instrui quando entramos de baixo da água, e eu faço o que ele diz.

Suas mãos são como o paraíso no meu couro cabeludo enquanto ele lava meu cabelo com mais cuidado do que normalmente recebe de mim. Meus olhos estão fechados enquanto sinto o cheiro fresco do meu xampu e a sensação de seus dedos me massageando. Ele enxágua e eu quase choramingo quando afasta as mãos. Então é a minha vez de cuidar do cabelo dele que geme de olhos fechados.

— Que gostoso, Sunshine.



Gray

— Feliz Natal para mim.

Um pequeno sorriso se forma em seus lábios com minhas palavras enquanto ela se deita na cama, seu corpo e cabelo ainda úmidos do banho mais sensual que já tomei. Minhas mãos percorreram cada centímetro dela, com sabão, descobrindo seu corpo com meu toque.

Minha própria pele ainda formiga devido aos seus toques, meu pau está dolorosamente duro, mas o que me tira o fôlego é a confiança nos olhos de Robin. Me faz sentir como um homem inteiro e não apenas a sombra de um.

— Vem cá — ela diz, estendendo a mão.

Eu coloco um joelho no colchão e rastejo entre suas pernas. Beijo o caminho estreito de pelos no alto de suas coxas, a cicatriz que percorre a parte inferior de seu abdômen, a pele macia de sua barriga, as curvas de seus seios generosos, o batimento cardíaco em sua garganta e, finalmente, seus lábios deliciosos. Seus braços e pernas me envolvem com força e com nossas bocas fundidas, eu deslizo para dentro dela.

O tempo não existe, apenas a sensação de seu corpo acolhedor me envolvendo.



— Mãe?

A casa está silenciosa quando empurro a porta para abrir.

— Mãe?

Do corredor vislumbro a cozinha onde o telefone sem fio está em pedaços no chão, em frente ao fogão.

Consigo sentir, consigo sentir até o cheiro, e meus pés parecem congelados no chão. Eu me forço a me mover, meus olhos fixos nos cacos de plástico preto do aparelho, sem vontade de continuar olhando.

Minha última conversa com ela. Ela estava falando comigo, sussurrando que meu pai estava em casa e que estava bravo. Ela estava fazendo as malas e eu estava me preparando para buscá-la quando ela ligou. Consigo imaginar a cena, ele estaria bêbado, a teria encontrado com a mala e enlouquecido.

Ela rola de lado e por um momento penso que talvez..., mas então vejo o sangue. Tanto sangue.

— Mãe…

Eu caio de joelhos ao lado dela, deslizando na poça fresca. Se não fosse pelo brinco que minha irmã deu a ela no último Natal, brilhando em sua orelha, eu poderia ter me convencido de que não era ela.

— Gray, querido…

Desviando o olhar do que restou de sua cabeça, meus olhos se fixam na panela de ferro fundido que mamãe sempre deixa no fogão. Aquela que ela usa para cozinhar ovos, só que agora está pegajosa com o sangue dela.

Algo estala dentro de mim ao ver aquela panela e eu luto para ficar de pé, apenas para encontrar meu pai parado atrás de mim, um taco de baseball pingando em sua mão e sua própria cabeça deformada e ensanguentada.

— Por favor, querido, acorde.

Eu me sento rapidamente, buscando ar enquanto pisco para afastar as visões persistentes dos meus olhos. Levo um segundo para reconhecer meus arredores e olhar para a mulher ao meu lado na cama. Sua mão está acariciando minhas costas com firmeza, me ancorando, enquanto esfrego meu rosto com as mãos.

Jesus.

— Vem cá — ela ecoa suavemente suas palavras da noite passada e eu me entrego aos seus braços.

Ficamos deitados assim por um tempo, meu coração lentamente voltando ao seu ritmo normal, e os últimos fios do sonho evaporando sob seu toque gentil.

— Desculpe — murmuro.

— Não precisa. Quer conversar sobre?

Na verdade, não quero, mas de alguma forma as palavras começam a fluir e eu me pego contando a ela sobre meu sonho.

Posso sentir a tensão em seu corpo enquanto descrevo a cena em que encontrei tantos anos atrás. Seu corpo fica tenso e imediatamente me sinto

culpado, mas ela me encoraja a desabafar, então eu faço. Conto tudo a ela, sobre o brinco, a panela de ferro fundido, minha raiva cega quando encontrei meu pai cambaleando para fora do Dirty Dog e como decidi fazer justiça com o taco de baseball que peguei da bolsa esportiva na parte de trás da minha caminhonete.

Enquanto ela passa os dedos levemente pelo meu cabelo, conto a ela como Frank me puxou para longe do meu pai e teve que me prender contra a parede até que os policiais chegassem. Como renunciei aos meus direitos e contei tudo a eles.

— É um sonho recorrente? — Robin pergunta suavemente, sua respiração acariciando minha testa.

— Não. Eu nunca sonho.

— O que você acha que desencadeou o sonho então?

Eu forço meu corpo para cima e me apoio em um cotovelo, olhando seus olhos inchados de sono.

— O Natal, talvez. E você — eu ofereço, registrando o choque em seu rosto. — Aprender a sentir novamente pode ser doloroso. Como um músculo que você não usa há muito tempo de repente entrando em ação novamente. A última vez que me permiti sentir alguma coisa foi no chão daquela cozinha.

— Sinto muito. — Seus olhos brilham nas sombras do quarto.

Eu pego a mão dela e coloco contra meu peito.

— Eu não. Se dói, é porque está curando.

Eu rolo de costas e a levo comigo, colocando sua cabeça no meu ombro e puxando seu corpo para perto. Seus lábios roçam meu peito e eu solto um suspiro de contentamento.

— Você está bem?

Dou um beijo na sua testa.

— Estou. De verdade.

Minha cabeça dispara quando sinto algo subindo pelas minhas pernas. O gatinho caminha casualmente pelo meu corpo, seus olhos brilhantes.

— Oi, Zeus, não está conseguindo dormir também? — Robin faz carinho atrás das orelhas do gato, enquanto ele se enrosca no meio do meu peito.

— Zeus? Para essa coisinha?

Ela inclina a cabeça para trás e posso ver o branco de seus dentes quando sorri para mim.

— Tenho certeza de que ele vai crescer e fazer jus ao nome com esse comportamento.

Segundos depois, ouço sua respiração uniforme enquanto o ronronar do gato vibra no meu peito. Momentos depois, me sinto cair em um sono sem sonhos.

CAPÍTULO 20

Robin

Os últimos dias têm sido tranquilos. Qualquer neve acumulada que tenha permanecido no solo após as primeiras nevascas desapareceu.

A lanchonete tem estado movimentada, o que não é incomum na semana entre o Natal e o Ano Novo, com as pessoas voltando para a pequena cidade para passar um tempo com a família. A Over Easy sempre foi um ponto de encontro para botar o papo em dia entre amigos ou vizinhos.

Nossos problemas com os horários foram resolvidos desde que Jess voltou, e felizmente pude voltar ao meu turno diurno normal. Isso significa que nas últimas cinco noites, pude passar quatro com Gray.

Na noite passada, ele finalmente me levou de volta ao Dirty Dog, onde tomei uma única taça de vinho antes de voltar para a água e observei os três mosqueteiros — John, Eddie e Enzo — jogando sinuca. Recusei a oferta de tentar jogar novamente, principalmente instigada por Bunker, e em vez disso fiquei conversando com ele enquanto Gray dançava com um Enzo muito mal-humorado.

— Sem torta para você — foi seu comentário depois, fazendo Bunker e eu cairmos na risada.

Foi uma noite divertida que terminou com uma breve visita pelo apartamento de Gray que nunca foi além de seu quarto. Para duas pessoas que estão na meia-idade, nosso apetite sexual só parece crescer. Sempre pensei que nessa idade eu estaria desacelerando nesse departamento, mas é o oposto. Talvez estejamos recuperando os anos perdidos, ou talvez tenhamos simplesmente encontrado o parceiro certo, porque nunca experimentei esse tipo de fome insaciável.

Esta manhã, fiquei emocionada ao encontrar um frasco do meu xampu favorito — que estava na pequena prateleira do chuveiro — uma escova de dentes extra e um pacote de lâminas de barbear descartáveis que ele buscou em algum momento nos últimos dias.

— Será mais um ótimo dia — comento, enquanto ele estaciona sua caminhonete na lanchonete para me deixar.

Minha SUV ainda está estacionada no mesmo local em que a deixei ontem. Ainda está escuro, mas a lua e as estrelas são bem visíveis no céu sem nuvens. Eu me inclino sobre o painel e deslizo minha mão no seu pescoço, o puxando para um beijo.

— Obrigada.

— Não foi nada — ele murmura contra a minha boca antes de eu soltá-lo relutantemente. — Trago sua chave depois de alimentar Zeus.

Como eu estava um pouco atrasada, depois que ele se juntou a mim no chuveiro para o tipo de exercício que vou lembrar por dias, ele se ofereceu para ir alimentar Zeus. O pobre gato está sozinho em casa desde ontem de manhã e estou me sentindo um pouco culpada, apesar da comida extra que sempre deixo.

— Eu agradeço.

— Pequeno preço a se pagar por acordar daquele jeito.

Ele sorri lascivamente e eu reviro os olhos, mas não posso deixar de sorrir também, quando saio da caminhonete.

Eu notei que ele está sorrindo mais nos últimos dias. Com mais facilidade. Tenho me perguntado se talvez aquele terrível pesadelo e a subsequente conversa na noite de Natal tenham, de alguma forma, proporcionado algum alívio. Ele parece mais relaxado e menos cauteloso.

Abro a porta da lanchonete, fechando-a atrás de mim imediatamente enquanto acendo algumas das luzes. Só abrimos daqui meia hora, mas sempre chego cedo para ajudar Jason com o preparo das coisas na cozinha. Ele geralmente estaciona nos fundos e entra pela porta que tem lá, mas as luzes da cozinha ainda estão apagadas.

Meu telefone toca no meu bolso enquanto estou pendurando meu casaco. É Jason.

— Bom dia.

— Oi, Robin, estou um pouco atrasado. Meu carro não está ligando e Kay acabou de entrar no chuveiro. Ela vai me levar quando estiver pronta. Você pode ligar a grelha? Assim estará pronta para quando eu chegar. E tirar os ovos do refrigerador também?

— Não se preocupe, pode deixar. Aposto que Donna e eu até conseguimos até fritar alguns ovos — eu o provoco. Donna chegará as seis.

— *Só não envenene os clientes* — ele provoca de volta, rindo antes de desligar.

Balanço a cabeça e pego meu avental, amarrando-o na cintura. Deslizo meu telefone no bolso e vou primeiro para a cozinha, acendendo as luzes de lá.

Eu ligo a grelha para que não tenhamos que esperar ela esquentar quando os pedidos começarem e vou até o refrigerador para retirar os ovos e o bacon. Então entro na despensa para pegar os legumes e as batatas.

Estou lavando as pimentas quando ouço alguma coisa. Fechando a torneira, escuto com atenção.

Ouço de novo, um leve farfalhar. Parece que está vindo do corredor para os banheiros. Talvez Donna esteja adiantada.

Enxugo as mãos no avental e saio da cozinha para dar bom dia, mas o corredor está escuro e vazio.

Exceto por uma fraca faixa de luz saindo de baixo da porta do escritório.

— Donna? — eu chamo enquanto abro a porta.

Eu mal dou um passo para dentro quando uma mão aperta meu pulso, me puxando para o lugar pouco iluminado, a porta se fechando atrás de mim. Eu consigo apenas me virar.

— Mike? — fico pasma ao encontrar o marido de Shirley, que imediatamente aponta uma lanterna nos meus olhos. A raiva me atinge e puxo meu braço para longe dele. — Que diabos você está fazendo aqui? Como você entrou?

— Eu preciso encontrá-la. Preciso conversar com ela.

Suas mãos estão acenando com uma urgência frenética. A luz não está mais me cegando, mas seu comportamento é preocupante e a minha raiva começa a dar lugar ao medo.

— O que quer que você esteja procurando não encontrará aqui. É melhor você ir embora, Mike. Jason estará aqui a qualquer minuto.

Seus olhos selvagens pousam em mim, e eu sei que tenho que sair daqui.

— Onde ela está, Robin? Onde está a minha esposa? Você sabia que ela quer me arruinar? Vou para a prisão por causa dela! — a voz dele fica mais irada a cada palavra, e procuro meu celular no bolso do avental.

— Você precisa ir embora — repito, mas já sei que ele não vai me ouvir. Ele não consegue ouvir nada.

Eu amaldiçoo meu iPhone enquanto desejo ter comigo meu antigo Nokia que era mais fácil para digitar números às cegas. Tento pegar meu celular do bolso discretamente, mas ele percebe imediatamente. Mesmo quando dá um passo ameaçador em minha direção, tento desbloquear minha tela, mas sem

sucesso.

Ele arranca o celular da minha mão com um tapa antes de me dar outro na cara.

Eu mal me seguro na beirada da mesa e suspiro quando a dor vibra em meu crânio. Com os olhos borrados pela ardência das lágrimas e alimentados por uma onda de raiva, agarro a primeira coisa que encontro e jogo meu braço para trás enquanto me viro. Ele xinga alto quando eu o acerto no rosto. Quando ele segura sua bochecha, eu miro na sua virilha, meu punho ainda segurando o grampeador. Quando ele uiva, curvando-se, não hesito e passo por ele para o corredor.

Vou em direção a porta, mas não passo da estação de café quando um punho se fecha no meu cabelo. Sou puxada para trás com força e não consigo manter o equilíbrio. Bato minha cabeça na borda do balcão antes de cair com força, ouvidos zumbindo e vendo estrelas.

Um chute certeiro atinge minhas costelas e eu instintivamente me coloco em posição fetal enquanto um corpo pesado pousa sobre o meu. Golpes atingem minha cabeça e minhas costas, quando ouço um estrondo seguido de um rugido desumano.

No momento seguinte, o corpo pesado é tirado de mim.



Gray

Tudo o que ouço é o crepitar do meu sangue e as batidas dos meus punhos.

Tinha acabado de sair da minha caminhonete quando vi Robin dentro da lanchonete, correndo em direção à porta. Eu já estava correndo quando sua cabeça caiu para trás e ela desapareceu de vista. Quando cheguei à porta, tudo o que consegui ver foi alguém sentado em cima dela, com os punhos voando.

Eu nunca diminuí a velocidade e atravessei pelo vidro da porta.

— Gray! Pare…

Mal registro a voz, perdido no ritmo pesado dos meus socos, até que mãos começam a puxar meu casaco.

— Gray! Pare! Você vai matá-lo!

Robin.

Meus punhos congelam no ar e o rosto borrado do homem no chão lentamente entra em foco.

Não é o meu pai.

Eu me afasto rapidamente e caio de bunda, pego em braços que se unem firmemente ao meu redor, um corpo macio amortecendo minhas costas.

— Está tudo bem. Eu estou bem. Está tudo bem… — ela entoa as palavras repetidamente com os lábios pressionados contra a minha orelha. — Estou bem, Gray. Vou ficar bem.

Eu me solto de seus braços e me viro, observando o inchaço de seu rosto e o rastro de sangue escapando de seu couro cabeludo.

— Robin — suspiro, meus dedos enxugando as lágrimas em seu rosto. — Ah, meu Deus, Sunshine.

Troco de lugar com ela, puxando-a para o meu colo e descansando minhas costas contra a base do balcão. Meus braços a envolvem enquanto ela agarra minha jaqueta.

— Mas que porra? — Jason vem da cozinha, confuso com a cena à sua frente. Então seus olhos se fixam no corpo caído do homem e ele cai de joelhos, tirando um celular do bolso.

Ouço sem muita atenção enquanto Jason fala com o atendente de emergência, me concentrando no peito do homem no chão. Está se movendo, de forma fraca, mas está. Meus olhos não vacilam até ouvir o som de sirenes lá fora.



— Ele vai comigo — Robin diz firmemente, quando o paramédico tenta me bloquear de entrar na ambulância. — Ele vem ou eu não vou.

— Deixe-o ir.

O apoio inesperado vem do policial Derek Francisi; o primeiro policial a aparecer no local. Robin começou a conversar com ele no momento em que apareceu. Ela contou a ele o que aconteceu, como tentou fugir, e como aquele filho da puta a alcançou. Ela explicou como eu atravessei o vidro da porta e lutei contra o cara. Ela jurou que eu a estava protegendo e foi assim que ele se machucou.

Ela não me deu nem chance de falar. A grande mão de Derek pousa no meu ombro.

— Me parece um caso bastante claro de legítima defesa. Eu pego mais tarde seu depoimento. Pode ir.

Subo na parte de trás e me sento no banco estreito ao lado do paramédico, com Robin na maca à nossa frente. Imediatamente ela estende a

mão e eu a seguro.

Ao contrário da outra ambulância, que já saiu com luzes e sirenes ligadas, nossa viagem é silenciosa.

O tempo todo fico tentando aceitar o fato de que teria quase matado outro homem — pelo menos espero não ter conseguido — se Robin não tivesse me puxado. Robin, que também me defendeu, convenientemente deixou de lado o fato de que ela teve que me segurar ou as coisas poderiam ter terminado de forma diferente.

No hospital, pouco antes de a levarem para dentro, ela me chama para perto. Suas mãos segurando meu rosto e seu coração aparece em seus olhos.

— Obrigada. Você me salvou.

CAPÍTULO 21

Robin

— Eu estou bem.

— Você não parece bem — ele retruca teimosamente.

Gray está pairando sobre mim como um urso zangado desde que chegamos em casa ontem à noite. Eles fecharam o corte no meu couro cabeludo, onde eu bati no balcão, e garantiram que nenhum osso estivesse quebrado. O único outro problema foi a pequena concussão, que é o que o mantém sentado como uma sentinela ao lado da minha cama.

Concordo, posso não estar muito bonita com o rosto inchado e machucado, mas ele está levando a sério demais a sugestão do médico de ficar de olho em mim por 24 horas.

Não fiquei surpresa ao descobrir que, quando Jason e Donna apareceram no hospital, Kim havia fechado a lanchonete naquele dia. Eles vieram para entregar minha bolsa e casaco, bem como meu celular que os policiais encontraram no escritório. Um deles também dirigiu minha SUV para que tivéssemos como voltar.

Durante todo o tempo que estivemos no hospital, Gray disse talvez cinco palavras. Mesmo quando os policiais foram lá, tiraram algumas fotos dos meus ferimentos e pegaram também meu depoimento.

A eventual volta para casa também foi silenciosa, o que eu agradeci porque minha cabeça doía. Ele me colocou na cama e saiu do quarto apenas para entrar segundos depois, carregando uma das cadeiras da cozinha. Não o questionei, estava muito exausta e adormeci, mas ao vê-lo ainda sentado ali, agora algumas horas depois, me pergunto se seus olhos me deixaram algum momento. É um pouco de exagero.

— Você sequer dormiu?

Ele não precisa responder; consigo ver na palidez de sua pele e nos olhos avermelhados olhando para mim.

Afasto as cobertas e balanço minhas pernas para fora da cama, sibilando quando meu corpo dói em resposta.

— O que você está fazendo?

— Preciso fazer xixi — digo de forma curta. — Tenho certeza de que me lembro como fazer.

Quando volto do banheiro depois de escovar os dentes e me refrescar na pia, ele e a cadeira da cozinha não estão mais lá. Visto umas calças velhas de ioga e um moletom e vou para a cozinha. Ele está parado na pia, olhando para as árvores que cercam meu quintal.

Já estou me arrependendo de minhas palavras duras. Me dando alguns minutos para pensar sobre, reconheço que tudo o que ele está tentando fazer é me manter segura da melhor maneira que pode, mesmo que isso signifique passar a noite sentado em uma cadeira da cozinha, olhando para mim.

Eu coloco uma mão no meio de suas costas.

— Eu deveria estar te agradecendo, não sendo grossa com você. Me desculpe.

Ele lentamente se vira e passa os braços em volta de mim, me segurando frouxamente. Fico impressionada com as emoções conflitantes passando por seu rosto.

— O que foi? — coloco minhas mãos em sua camiseta e lhe sacudo fracamente. — Gray?

— Eu perdi o controle ontem — ele sussurra em uma voz ferida. — Quase matei aquele homem. Teria matado, se você não tivesse me impedido.

Meu coração dói ao ouvir a desolação em seu tom.

— Você estava me defendendo, — sou rápida para lhe defender. — Ele estava me machucando e você o deteve — mesmo enquanto digo, percebo que esse não é o problema. Perder o controle é o que o assusta.

— E se você não tivesse conseguido me impedir? Ou até pior, e se eu tivesse ficado bravo com você? Quem pode dizer...

— Chega! — eu o corto. — Você nunca faria isso.

Ele remove seus braços do meu corpo e agarra meus pulsos. A única coisa que consigo ler em seu rosto agora é agonia.

— Você não sabe disso — murmura, se virando e criando uma distância entre nós que não gosto.

— Eu sei, sim — rebato firmemente. — Tudo o que sei sobre você me diz que você é um homem bom. Pelo amor de Deus, Gray, você atravessou o

vidro de uma porta para me proteger. — Ele ficou com um corte no rosto e alguns nas mãos que limparam no hospital. — Não acredito que você me machucaria.

Apesar de sua postura rígida, eu ando até ele e me coloco contra seu corpo, não permitindo nenhum espaço. Demora alguns segundos, mas finalmente sinto seus braços em volta de mim enquanto ele enterra o rosto no meu cabelo.

— Como você consegue?

— O quê?

— Ter uma fé tão cega em mim?

Eu me inclino para trás para poder olhar em seu rosto.

— É fácil — digo a ele. — Eu sei como o mal realmente é.



Gray

— Me disseram na Automotiva Olson que eu provavelmente te encontraria aqui.

O policial Derek Francisi está parado nos degraus da frente quando abro a porta. Eu meio que esperava que os policiais aparecessem em algum momento.

— Entre. Robin está saindo do banho.

Ela entra enquanto eu entrego uma xícara de café ao policial.

— Sra. Bishop, como você está se sentindo?

— Robin, por favor, e estou bem. Um pouco machucada só.

— Café? — pergunto a ela.

— Por favor. — Ela se vira para mim com um sorriso gentil e seus olhos carregam uma promessa.

Não terminamos nossa conversa anterior, quando perguntei a ela o que ela queria dizer com saber como realmente era o mal. Kim ligou, interrompendo. Então lembrei que provavelmente deveria entrar em contato com Jimmy, enquanto Robin ia para o banho. Aquele comentário dela ainda queima na minha cabeça, mas vai ter que esperar.

Ela se senta à mesa de frente para Francisi.

— O que posso fazer por você hoje?

— Apenas investigando. Mais algo que você se lembre dos eventos da manhã de ontem?

— Na verdade não, só me perguntando como diabos ele entrou? Não notei nenhum sinal de arrombamento e sei que tranquei a porta da frente quando

cheguei lá.

Derek lança um olhar em minha direção antes de responder.

— É porque ele tinha a chave da porta dos fundos.

Ela espirra café na mesa quando pousa a xícara com muita força.

— Como ele tinha uma chave?

— Essa é a pergunta que ainda não conseguimos fazer a ele.

— Como ele está? — Não consigo deixar de intervir, uma sensação desconfortável rastejando sob minha pele.

— Ruim — ele responde, me lançando um olhar severo. — Mas vai sobreviver. No entanto, você o detonou: ele vai precisar de uma cirurgia para consertar o rosto. — Ele se volta para Robin. — Quanto à como ele teria uma chave, isso é parte do motivo de eu estar aqui.

— Não fui eu — ela fala indignada.

— Eu imaginei, mas obrigado por confirmar. Quem mais tem a chave daquela porta?

— Até onde eu sei, Jason, Donna, eu, e claro, Kim, a dona. É para ela que você deve perguntar se quer ter certeza.

— Eu planejo. Logo depois de sair daqui.

— Então… — Robin coloca a mão no meu joelho por baixo da mesa antes de continuar. — O que vai acontecer agora?

Francisi afasta a cadeira e se levanta.

— Assim que ele melhorar vai para a prisão e novas acusações serão adicionadas. Nenhum juiz vai soltá-lo antes do julgamento, então você não precisa se preocupar.

— E então será o fim?

Cubro a mão dela com a minha e sei o que ela está tentando descobrir e, aparentemente, Francisi também.

— Robin, as únicas acusações resultantes deste incidente serão acusações criminais contra Mike Hancock. Manteremos você atualizada.

Coloco a mão em seu ombro quando ela tenta se levantar.

— Deixe comigo — digo antes de seguir o policial até a porta, saindo com ele. — Tem certeza? — pergunto a ele, fechando a porta parcialmente atrás de mim. — O promotor talvez se lembre do meu nome.

— Não tem nada com que se preocupar, Bennet. Entendo sua preocupação, mas suspeito que sua reputação não seja tão ruim quanto você pensa. A reputação de seu pai era outra coisa. Não há muita coisa nesta cidade que passe despercebida.

Sentindo um peso sendo tirado, observo enquanto ele se aproxima de seu carro e se senta ao volante. Ainda estou parado lá quando ele passa por outro

veículo subindo a entrada. Um carro prateado dirigido por uma mulher que não reconheço. Não de primeira, pelo menos.

— Com licença, quem é você? — ela fala bruscamente, saindo do carro.

Ela é jovem, e se eu tivesse que arriscar um palpite, parece estar casa dos vinte. Algo sobre o olhar desafiador que ela me lança é familiar.

— Paige, certo?

— Onde está a minha mãe?

Ela olha por cima do meu ombro para a porta parcialmente fechada e enfia a mão na bolsa, e eu levanto minhas mãos na defensiva. Como eu suspeitava, a mão dela volta segurando uma pequena lata que suponho ser spray de pimenta.

— Dentro de casa.

A jovem me lança um olhar severo e saio do caminho quando ela passa por mim e abre a porta, gritando por sua mãe. Sigo atrás, um pouco mais devagar e encontro as duas mulheres se encarando na sala de estar.

— Mas que porra?

— Calma, Paige, eu estou bem — Robin apazigua. — Me deixe...

— Seu rosto está péssimo! Meu Deus, mãe!

‘ Ela deve ter me ouvido entrar porque ela se virou, apontando o spray para o meu rosto.

— Ei, calma.

— Paige, abaixe esse negócio e me deixe...

— O que está acontecendo? — Os olhos da menina saem de mim e encontram a mãe dela, e eu uso aquele momento de distração para diminuir a distância e pegar a lata da mão dela.

— Se você desse a sua mãe meio segundo para explicar, você saberia — resmungo e Robin aproveita chance.

— Gray não fez isso, querida. Houve um pequeno incidente na lanchonete ontem.

Eufemismo do ano, mas não vou corrigi-la quando ela está claramente tentando acalmar sua filha preocupada.

— Que incidente?

Robin puxa a mulher mais jovem para o sofá, suas cabeças juntas.

— Por que não faço mais café? — resmungo para ninguém em particular, já que as duas estão muito absortas uma com a outra para prestarem atenção em mim.

É apenas meio-dia e já tive mais interação social do que estou acostumado ou mesmo confortável. Em vez de escapar pela porta dos fundos — ou “fugir” como Robin gosta de se referir — eu me ocupo fazendo café.

Estou na pia, olhando pela janela, quando sinto um puxão na minha calça jeans. Deixo cair meu olhar para Zeus, sentado aos meus pés, seus grandes olhos piscando para mim.

— O que você quer? — pergunto ao terrorzinho.

Ele reclama com urgência em resposta.

— Você é uma coisinha bem exigente, não é?

Miauuu.

— Você tem um gato!? — ouço Paige exclamar quando abro o armário para pegar a comida do gato. — Ah, meu Deus, ela é muito fofa.

— É ele.

A filha de Robin ergue os olhos de onde está agachada no chão, enchendo Zeus com uma atenção que ele parece gostar. Então ela pega o gato e se endireita, estendendo a mão livre.

— Desculpe por mais cedo — ela murmura quando aperto sua mão.

— Não se preocupe. Meu nome é Gray.

— Paige. Então, a mamãe disse que você a salvou quando aquela porcaria de carro quebrou?

Ela inclina a cabeça para o lado e o movimento me lembra sua mãe. Na verdade, agora que estou olhando para ela um pouco mais de perto, a semelhança familiar é bastante óbvia.

— Tecnicamente, nos conhecemos em Nova York, no Memorial do 11 de setembro — eu a corrijo.

Observo seus olhos arregalarem antes que ela vire a cabeça. Robin está andando pela sala de estar, com uma expressão preocupada em seu rosto enquanto ela esbugalha os olhos para mim.

Não tenho certeza do que, mas tenho certeza de que fiz algo errado. O ar aqui acabou de ficar elétrico de uma forma significativa que eu não entendo muito bem.

Robin está corando, parecendo culpada, e sua filha está encarando intensamente sua mãe.

— Mãe? Quando você esteve no Memorial do 11 de Setembro?



Robin

Ah, merda.

Acho que sempre houve uma chance de ela descobrir em algum

momento. Principalmente agora que ela é adulta. Durante anos, consegui esconder com a minha viagem anual por volta do início de setembro, contando a ela que iria encontrar as minhas antigas irmãs da fraternidade.

Foi uma desculpa que Paige e meus pais aceitaram facilmente. Meus pais achavam que era uma boa distração para mim no aniversário da morte de Rick, presumindo que qualquer memorial do 11 de setembro seria muito doloroso para mim. Nunca me preocupei em repudiá-los dessa noção. Ao longo dos anos, tornou-se uma tradição fácil para todos se acostumarem.

Paige foi a primeira a sugerir que víssemos o *Tribute in Light* quando ela foi para a escola em Nova Jersey. Eu ainda ia durante o dia, supostamente para encontrar amigos, e voltava com Paige à noite.

No que diz respeito a Paige, seu pai foi um dos muitos que tiveram uma morte infeliz quando ela tinha apenas cinco anos. Ela não guarda muitas memórias dele — graças a Deus — e eu não iria refrescar sua memória limitada.

Me lembro claramente de como ele apontou uma arma para a cabeça dela na última vez que tentei ir embora com ela, afirmando que mataria nós duas. Eu acreditei nele. Como não acreditaria? Ele nunca me bateu, mas eu estava dolorosamente familiarizada com aquela arma. Ele sabia muito bem que eu sacrificaria tudo pela minha filha.

Me lembro de como Paige estava apavorada, seus olhos arregalados e sem entender o que estava acontecendo. Me lembro de tentar sorrir para ela de forma tranquilizadora, enquanto gritava por dentro. Depois que ele viu que sua mensagem teve o resultado desejado, ele me deixou para me deitar com Paige. Eu a convenci a voltar a dormir e passei a noite com ela. Na manhã seguinte, expliquei a ela que teve um pesadelo.

Quando Rick morreu tão inesperadamente, me senti segura pela primeira vez em anos. Livre. Nunca vi sentido em sobrecarregar Paige com a verdade sobre seu pai, ou meus pais com informações sobre as quais nada podiam fazer. É por isso que voltei para Michigan na primeira oportunidade que tive.

Olhando para o rosto da minha filha, percebo que ela se tornou muito esperta para eu tentar mentir para escapar dessa, mas antes que eu tenha a chance de responder, Gray fala.

— É melhor eu ir ver como está a oficina, — ele anuncia, seu olhar alternando de Paige, que ainda está me encarando, para mim. — E talvez deixar vocês duas conversarem. Te mando mensagem daqui a pouco.

Apesar da atenção afiada da minha filha, ele se aproxima de mim, roça os lábios nos meus e se dirige para a porta.

Não tenho certeza se devo ficar chateada ou aliviada por ele estar

saindo.

CAPÍTULO 22

Robin

— Então, quando? Quando você foi me visitar?

Relutantemente olho para minha filha raivosa quando a porta se fecha atrás de Gray.

— Sim — admito.

Fiquei comovida ao descobrir que ela pegou um voo para cá para que eu não passasse o Ano Novo sozinha também, odeio estragar seu doce gesto.

— Não entendo — diz, agitada. — Durante anos você me disse que nunca colocaria os pés em Manhattan. Que estar lá seria muito doloroso. Por quê?

Eu não respondo imediatamente, me perguntando o quanto devo contar a ela. É hora da verdade? Uma verdade que eu esperava nunca ter que compartilhar se pudesse evitar? Uma verdade que eu rezei para que ficasse nos escombros daquelas torres?

Até minha mãe presumiu que eu ficaria sentada no Liberty State Park perto do cais, olhando para o horizonte de Manhattan enquanto lamentava a perda de meu marido. Ela não tinha ideia de que eu estava indo para o Memorial.

Cansada de esperar, Paige se enfurece enquanto as lágrimas brotam de seus olhos e a traição que ela sente é visível em seu rosto.

— Durante anos te perguntei se podíamos visitar o memorial, até que finalmente fui vê-lo sozinha quando me mudei para lá. Eu queria desesperadamente ver o nome dele no memorial, mas você não passava do Liberty State Park e assistia o *Tribute in Light* de lá. Por que você iria sem mim? Por que mentir sobre isso?

— Querida, é…é algo que eu precisava fazer sozinha. — Pego a mão

dela e a levo comigo até a sala onde me sento, esperando que ela faça o mesmo. — As pessoas lidam com a perda de jeitos diferentes — digo cautelosamente quando ela finalmente se senta. — Eu tenho minha maneira de lidar, mas nunca quis que isso influenciasse a maneira como você sofreu a perda dele. A maneira como você se lembra dele.

Ela arranca a mão da minha e se levanta abruptamente.

— Você não tem ideia de como eu me lembro dele, mãe. Ou talvez eu deva dizer como eu fiz de tudo para esquecê-lo.

Meu queixo cai.

— Por que você iria querer...

— Ah, por favor, mãe — ela me interrompe, cortando a mão no ar. — Você não pode ser tão cega assim. Aquele homem apontou uma arma para minha cabeça. Ele ameaçou me matar, tive pesadelos com esse momento por anos, é a lembrança mais vívida que tenho dele.

— Mas... — gaguejo, mas nada mais sai. Estou atordoada demais.

Lembro que logo depois que ele morreu, ela às vezes entrava no meu quarto à noite para me perguntar se eu tinha certeza de que o pai dela não voltaria. Essas foram as únicas vezes que ela o mencionou. Sempre pensei que ela sentia falta dele e queria dormir comigo por conforto. Acontece que eu estava errada.

— Por que você não falou nada?

— Porque eu estava com medo de te chatear. Mãe, eu era criança, não burra. Papai sempre me assustou pra caramba. Você sabia que meus pesadelos pararam quando vi seu nome esculpido no memorial? Eu precisava ver com meus próprios olhos.

Ela se vira e desaparece na direção dos quartos. Quando ouço uma porta bater, coloco minha cabeça em minhas mãos.

Que estupidez da minha parte pensar que poderia fazê-la esquecer o que ele nos fez passar. Ela está certa, mesmo aos cinco anos ela era afiada como uma faca. Nunca dizia uma palavra descuidada quando seu pai estava por perto. Porra, além de ocasionalmente me pedir para levá-la ao Memorial do 11 de setembro desde que foi inaugurado quando ela tinha quinze anos, ela nunca mencionou o nome dele.

Eu deveria saber.

Esfrego meu rosto em minhas mãos e me forço a ficar de pé, seguindo-a pelo corredor. Minha filha é adulta e merece saber.

Ela está deitada em sua velha cama, encarando a parede quando eu entro.

— Ah, querida… — Me deito na cama ao lado dela, olhando para o

teto. — Eu torcia para que você nunca tivesse que descobrir que seu pai não era um bom homem — começo. — Eu ainda era tão jovem e ingênua, estava morando na cidade grande. Não tinha muita experiência e fiquei maravilhada quando esse homem mais velho, bonito e bem-sucedido prestou atenção em mim. Eu engravidei, ele queria se casar, e sabe? A vida foi muito boa por um tempo.

Mantenho meus olhos no teto, mas consigo senti-la se virando na cama.

— Até? — ela pergunta baixinho.

— Até depois que eu tive você. Não sei exatamente quando começou, mas me culpei no início. Eu era uma mãe de primeira viagem e meu sistema de apoio vivia do outro lado do país. Na época, não imaginei que isso pudesse ser depressão pós-parto. Seu pai era um homem ocupado, não se adaptou bem em dividir minha atenção e me obrigou a ir em um médico, amigo dele, que me receitou antidepressivos.

Eu fico de lado e me vejo olhando nos olhos idênticos da minha filha.

— Eu o via cada vez menos e os dias se passavam sem que eu o visse ou ouvisse falar dele. Sempre que eu tinha a chance de questioná-lo, ele me culpava. Demorou um pouco, mas finalmente comecei a ficar com raiva. Parei de tomar os comprimidos sem contar a ele e comprei uma passagem para você e eu irmos visitar sua avó e seu avô. Eu precisava de um pouco de espaço para clarear a cabeça.

Ela está com uma expressão de dor em seu rosto e eu seguro uma de suas mãos.

— Ele não ficou feliz comigo quando descobriu. Me disse que, dado o meu estado mental frágil, ele não hesitaria em tirar você de mim. Alegou que seu amigo médico atestaria o fato de eu não estar sã. Ele ameaçou que se eu tentasse sair de casa com você sem a permissão dele, ele me internaria. Fui afastada da vovó e do vovô, de todos os amigos que fiz. Ele cancelou nosso telefone fixo e ficou com meu celular. Se eu quisesse ou precisasse ligar para alguém, ele…

— Ah, mãe, — ela suspira.

— Tentei fugir, querida. Várias vezes, mas não podia arriscar perder você. Seu pai trabalhava para umas pessoas bem obscuras. Pessoas perigosas e poderosas.

— O que você quer dizer? Que tipo de pessoas?

Uma imagem de uma reunião no escritório de Rick em que entrei, depois de colocar Paige para tirar uma soneca, vem à tona. A maçaneta da porta que eu tinha acabado de abrir escapou da minha mão, e uma arma pressionada na minha testa foi meu primeiro indício real de que os negócios do meu marido não eram honestos. Pude ler a crueldade nos olhos do capanga do outro lado da arma

e até me urinei. Rick gritou comigo. Não consigo nem lembrar o que ele disse, mas me lembro de sair da sala e fechar a porta atrás de mim antes de sair correndo direto para o quarto de Paige. Ele me encontrou lá horas depois, sentada no chão em estado de choque, com minha filha nos braços.

— O tipo de pessoa com quem você nunca quer se associar, querida. Aquele incidente me assustou pra caramba, e eu fiquei pensando desesperadamente em maneiras de fugir para longe e em segurança, mas ele parecia estar sempre um passo à frente.

— Foi isso que aconteceu quando ele apontou uma arma para a minha cabeça?

Eu concordo com a cabeça.

— Ainda não sei como ele descobriu, mas ele chegou naquela noite com uma sacola de coisas básicas que eu mantinha escondida embaixo do deck de madeira dos fundos.

— Jesus, mãe.

Eu acaricio sua bochecha com as costas da minha mão.

— Isso aconteceu no dia 4 de setembro.



Gray

— Achei que você não vinha hoje? — A cabeça de Jimmy aparece sob o capô do Cherokee em que ele está trabalhando quando eu entro. — Robin está bem?

— Sim. A menina dela apareceu. Estou dando espaço para elas.

— A menina dela?

— Paige. Filha dela. — Dou uma olhada ao redor da oficina e noto dois outros veículos. — O que há de errado com aqueles?

— Troca de óleo e rodízio de pneus. Era para Kyle trabalhar neles, mas ele saiu com o caminhão de reboque. Acidente na Rodovia 10.

Pego meu macacão do cabide na parede e o visto. Já que estou aqui é melhor ser útil.

Jimmy levanta o queixo antes de se esconder sob o capô novamente em reconhecimento silencioso.

Trabalhamos em silêncio ouvindo a estação de rádio de rock favorita de Jimmy tocar os clássicos, quando alguém me dá um tapinha no ombro. Eu dou um pulo e me viro, não tendo ouvido ninguém se aproximar.

Eu me arrepio ao ver uma Becca sorridente na minha frente.

— O que você quer?

Ela empalidece, sua expressão mudando instantaneamente com meu tom áspero, e atrás de mim Jimmy tosse em advertência.

Certo. Atendimento ao Cliente.

— No que posso te ajudar? — suavizo meu tom.

— Bem... — ela fala lentamente, colocando o cabelo atrás da orelha. — Estou tendo uns problemas com meu carro.

Eu tento esperar ela falar, mas quando parece que não há mais nada por vir e ela pisca os olhos para mim, minha impaciência finalmente vence.

— Que problemas, Becca?

— Ah, bem…está fazendo um barulho estranho.

Para me impedir de revirar os olhos, fecho-os, respiro fundo e limpo as mãos em um pano.

— Vamos ouvir.

Seu Toyota envelhecido está estacionado na garagem do lado de fora das portas e eu passo por ela saindo da loja.

Ouço seus passos atrás de mim enquanto ela me segue.

— Chaves?

Ela as entrega e eu me sento atrás do volante, colocando a chave na ignição quando a porta do passageiro se abre e Becca entra.

— O que você está fazendo?

Ela se vira para mim com surpresa em seu rosto com a minha pergunta brusca.

— Eu… uhm… presumi que íamos dar uma volta?

— Não é o que eu planejo — resmungo, ligando o motor.

— Sabe, eu estava pensando...

Eu levanto minha mão para interrompê-la, enquanto tento ouvir quaisquer sons estranhos que ela pensa que ouve.

Lá está, um leve farfalhar. Deixando o motor ligado, abro o capô e saio.

Uma passada firme da minha mão para limpar as folhas que lá estão resolve o problema imediatamente. Fecho o capô com força, alcanço o lado do motorista e desligo o motor.

— Pronto. Consertado, — murmuro, jogando as chaves no assento antes de me afastar.

Eu me viro para voltar para o carro em que estava trabalhando quando ela me chama.

— Espera!

Eu paro relutantemente e espero ela me alcançar.

— Eu estava pensando… você tem algo planejado para o Ano Novo? Nós poderíamos...

Além do fato de Becca claramente não ter entendido a mensagem ainda, ela sabe muito bem que estou com Robin, o que me deixa ainda mais irritado.

— Não.

— Mas eu nem...

— Não importa o que você tenha a dizer, a resposta é não. Achei que tinha deixado claro que não tenho pretensões com você. Estou com Robin e você sabe disso, então o fato de pensar que eu estaria remotamente interessado em fazer qualquer coisa com você confunde minha cabeça. Vá para casa, Becca, não estou interessado.

Jimmy está parado na porta aberta quando me aproximo, e percebo que talvez eu tenha falado alto o suficiente para ele ouvir. Não me incomodo em olhar para trás quando ouço a porta do carro dela bater e o motor ligar.

— Aí — Jimmy comenta quando o alcanço. — Grosso.

— Não menti.

— É, mas mesmo assim...

— Por que você não sai com ela então? — respondo de forma severa.

— Não mesmo — ele diz imediatamente, balançando a cabeça bruscamente.

— Foi o que eu pensei. — Indicando o fim da discussão, volto para o carro em que estava trabalhando.

É fim de tarde quando o último veículo é retirado e volto para meu apartamento para tomar um banho rápido e me trocar. Tiro minhas roupas e jogo no chão ao lado do cesto, já que está cheio. Eu deveria ir até a lavanderia automática no centro da cidade; estou ficando sem roupas limpas.

Um toque abafado soa na pilha de roupas no chão e eu luto para pegar meu telefone na minha calça jeans.

— Oi.

— *Estou incomodando?* — Robin pergunta, e ao som de sua voz meu pau ganha vida.

Eu rio.

— Não do jeito que você está pensando. Estou prestes a entrar no banho. Como estão as coisas por aí?

— *Boas. Obrigada por ter nos dado espaço.*

— Já que fui eu que falei o que não devia, era o mínimo que podia fazer. Além de pedir desculpas

— *Foi uma conversa longa que estava atrasada, então não se desculpe, eu provavelmente deveria estar te agradecendo.*

— Ah?

Há um momento de silêncio do outro lado antes de ela responder com uma voz suave.

— *Eu vou contar, só não agora, por favor? Ainda estou processando.*

— Claro, Sunshine — eu concordo facilmente. — Já sabem o que querem comer? Estou saindo para levar umas roupas na lavanderia, então estarei no centro. Vou pegar algo.

— *Paige está cozinhando.*

Merda. A comida tinha sido uma boa desculpa para vê-la.

— Certo, sem problemas. Eu…uhm…mantenho contato.

— *Traga para cá* — ela diz e levo um tempo para processar que ela está falando das roupas sujas. — *Paige está contando com você, e eu vou lavar roupa de qualquer maneira.*

— Tem certeza? — pergunto, percebendo que pareço um pouco ansioso, evidenciado por sua risada intensa.

— *Absoluta. Suas cuecas boxer podem festejar com as minhas calcinhas de vovó.*

— *Mãe!* — ouço a voz de Paige ao fundo e mordo meu lábio para não cair na gargalhada.

— *Segure a língua* — Robin murmura para a filha antes de voltar para mim. — *Você não.*

Perco a batalha com a hilaridade quando ouço a reclamação indignada de sua filha do outro lado da linha. Porra, eu gosto de tudo sobre essa mulher. Até a maneira provocativa que ela interage com sua filha.

— Meia hora estou aí. Vocês precisam de algo do centro?

— *Acho que não. Paige? Precisa que o Gray traga algo?*

— *Gray! Me traz uma mordaça para a mamãe!*

CAPÍTULO 23

Gray

Faz alguns dias desde que Paige chegou.

Comecei a me manter mais afastado na casa de Robin quando ficou claro que a preocupação com sua mãe era apenas parte do motivo pelo qual a garota encurtou sua visita à Flórida. Aparentemente, o namorado — ou agora ex-namorado — revelou ser um filho da puta mimado. Seus pais ricos desprezaram Paige depois de descobrir que sua mãe trabalhava em uma lanchonete no meio do nada em Michigan. Ela ficou lá por quase uma semana, se sentindo inferior, antes de fazer as malas e dizer que eles poderiam ficar com seu precioso filho.

Paige ainda é um pouco reservada comigo e eu dormi na minha própria cama todas as noites, dando a elas um tempo muito necessário a sós. Tenho me mantido ocupado na loja; juntando-me a elas para jantar algumas noites, quando o clima não nos permitia trabalhar horas extras na oficina.

Eu sinto falta de Robin. Nunca pensei que seria aquele tipo de homem que fica ansiando por uma mulher específica, mas parece que sou exatamente assim.

Por quase duas décadas, usei minha solidão como um manto protetor e, em poucos meses, ela se tornou um peso desconfortável do qual mal posso esperar para me livrar.

Por causa dela.

Robin ainda não me contou sobre o drama quando sua filha chegou, mas com Paige partindo de volta para Nova Jersey amanhã, pretendo lembrá-la.

Apesar de ser cedo em um final de semana, a lanchonete já parece bastante movimentada quando entro. Meus olhos são imediatamente atraídos para Robin, que parece estar deixando um pedido na cozinha. Quando ela me vê,

sou saudado com um grande sorriso e um leve aceno de cabeça na direção da mesa da Sra. Chapman. Enzo Trotti está sentado em frente a ela.

Balanço a cabeça para Robin, com um sorriso no rosto. Então ela levanta as sobrancelhas e aponta para uma mesa nos fundos, onde Paige está sentada sozinha olhando pela janela. Compreendendo sua mensagem, eu me aproximo.

— Esse lugar está ocupado?

Paige abaixa a cabeça e limpa os olhos. Merda. Não tenho certeza se estou preparado para lidar com lágrimas.

— Fique à vontade — ela diz em uma voz suave.

Me sento na frente dela.

— Já fez seu pedido?

Ela balança a cabeça.

— Ainda não.

Não preciso olhar o cardápio; já sei o que quero. Em vez disso, toco com cuidado as costas de suas mãos, apertadas na mesa à sua frente.

— Não sou bom em dar conselhos, mas sou bom em ouvir.

Ela olha para mim com a mesma hesitação que vi em seu rosto na última semana.

— Eu nem te conheço.

— Você nem tentou — refuto seu comentário sarcástico. Ela parece incrédula e eu uso seu choque momentâneo para suavizar minha acusação. — Por favor.

— Homens são podres. — Ela levanta o queixo em desafio. — Não vou discutir isso.

Luto para não rir, especialmente quando ela estreita os olhos para mim. Fico feliz em saber que pelo menos parte da reserva dela comigo é porque sou um deles.

Finalmente, ela baixa os olhos para as mãos ainda apertadas.

— Liguei para ele ontem à noite — ela sussurra e eu me inclino para frente para entender suas palavras. — Estou voltando amanhã e esperava que talvez pudéssemos esclarecer as coisas.

— Imagino que não tenha saído como planejado?

Ela balança a cabeça e percebo que ela engole em seco antes de falar.

— Não. Ele não foi muito legal. Disse que cometeu um erro e que eu chateei a mãe dele. — Ela de repente bufa sarcasticamente e continua com um sibilo, seus olhos disparando fogo. — Você deveria ter ouvido o que aquela vaca arrogante disse sobre a minha mãe.

Essa coisinha feroz é protetora com a sua mãe, e eu entendo melhor sua

hesitação comigo agora.

Ainda assim, tenho a sensação de que ela tinha a esperança de que ele viesse atrás dela.

Estendo a mão novamente e pego sua mão, apertando levemente.

— Ele é um chorão, se escondendo de baixo da saia da mãe. Claramente ele não te merece. E não é homem o suficiente.

Ela mostra surpresa, um pequeno sorriso satisfeito aparece sua boca.

— Desculpe por fazê-los esperar.

A voz de Becca é como uma jarra de água gelada nas minhas costas enquanto me endireito para olhar para ela. Não vi o carro dela no estacionamento e presumi que ela viria mais tarde. Aparentemente não.

Para evitar que minha raiva suba à superfície, me volto para Paige.

— O que você quer, querida? — pergunto a ela, o apelido carinhoso escorregando da minha boca, mas antes que ela possa responder, sinto Becca se inclinando sobre a mesa.

— Ah? Esta já é outra, Gray? Meio jovem para você, não acha? Acho que depois de todos esses anos na prisão, você deve ter muita energia reprimida para gastar.

Eu ouço a inspiração aguda de Paige enquanto ela se afasta o máximo que pode da mesa. Achei que Robin poderia ter mencionado meu passado para ela, mas claramente é novidade para a garota. Isso vai me ensinar a não presumir tanto.

— Ahhh — Becca fala lentamente, um brilho calculista em seus olhos. — Você não sabia que ele é ex-presidiário? Assassino também.

Eu me levanto rapidamente do assento, pronto para arrastá-la para fora da lanchonete, mas Robin a pega pelo braço.

— Você está demitida — ela rosna para Becca.

— Você não pode me demitir! — a cadela fala.

— Com o jeito que você está tratando os clientes? Ah, posso sim.

— Eu ajudo. — Enzo vem andando e pega o outro braço de Becca.

— Você não é muito legal — contribui a Sra. Chapman, inclinando-se para fora de sua mesa.

— Me soltem!

Becca dá de ombros e arranca o avental fora, o jogando na direção do balcão onde Kim está parada, olhando para ela.

— Chave — Kim diz, levantando a mão enquanto Becca passa por ela para pegar suas coisas. — Vou precisar da chave.

Percebo o olhar rápido que a vadia lança para Robin antes de endireitar os ombros e se virar para Kim.

— Eu perdi — com isso, ela se vira e sai pela porta.

A lanchonete fica em silêncio por um segundo antes de as pessoas voltarem para suas refeições, e eu me sento em frente a uma Paige de olhos arregalados. Ela não está olhando para a porta pela qual Becca simplesmente desapareceu, mas diretamente para mim.

— Me desculpem por isso — Robin diz se aproximando da nossa mesa, e olha de mim para sua filha e depois para mim de novo. — Tudo certo por aqui? Posso anotar o pedido de vocês?

— Perdi o apetite — Paige murmura, saindo da mesa e passando por sua mãe. Robin me lança um olhar de dor e vai atrás dela.

Eu também me levanto. Não estou muito a fim de tomar café da manhã agora.

— Não deixe isso te afetar — Enzo diz quando passo por ele e pela sra. Chapman. Resmungo em resposta, mas continuo andando.



Robin

— Espera!

Paige entra no banheiro, mas estou bem atrás dela e a encontro encostada na pia com a cabeça baixa.

— Você está louca? Um assassino, mãe? Está com vontade de morrer ou algo assim? Meu Deus! Você tem um gosto péssimo para homens.

Ai. Doeu.

Eu quero rebater, colocá-la em seu lugar, mas gritar uma com a outra não vai melhorar a situação. Eu deveria ter contado a ela, mas ela já estava tão desconfiada de Gray que eu realmente não queria alimentar isso contando sua história. Devido o histórico, eu deveria ter contado a ela o quanto antes.

— Não tire conclusões precipitadas, Paige. Não julgue até ter todas as informações. — Ela empurra o corpo da pia e se vira.

— Ele foi preso por assassinato?

— Em segundo grau, mas...

— Ai, meu Deus, mãe! — Suas duas mãos sobem e agarram seu cabelo, com uma careta no rosto. — Eu não consigo nem falar com você agora. — Ela se enfia em uma das cabines e bate à porta.

Eu fecho meus olhos e inclino minha cabeça para trás quando a porta do banheiro me bate nas costas.

— Opa, desculpe, querida. — A sra. Chapman entra e se vira para me olhar. — Kim está te procurando. Os pedidos estão acumulando.

Eu gemo, olhando para a porta da cabine onde minha filha está escondida.

— Vai lá. Eu cuido disso — ela diz colocando uma mão no meu ombro.

— Sra. Chapman, eu...

— Vá. Eu cuido da sua menina.

Com um último olhar para a porta firmemente fechada, aceno para a Sra. Chapman. Não tenho certeza se conseguiria falar com Paige neste estado, mas talvez ela tenha mais sorte.

A cabeça de Kim vira na minha direção quando eu passo pelo corredor. Algumas pessoas estão esperando para pagar no balcão e a janelinha da cozinha está lotada de pratos. Que ótimo.

— Desculpe — murmuro rapidamente para Kim e pego o primeiro pedido.

Meus olhos vão direto para a mesa onde Gray estava sentado minutos antes, mas agora está vazia. Droga. Ele foi embora. Considero brevemente se ele fugirá de novo, mas tenho uma lanchonete cheia de pessoas famintas e rapidamente guardo minha preocupação com ele no canto da minha mente para me preocupar mais tarde.

Em pouco tempo, a comida está na frente dos clientes que estavam esperando e já recebo pedidos de novos. Estou entregando-os a cozinha quando a sra. Chapman aparece, com uma Paige subjugada a seguindo enquanto se dirigem para a mesa onde Enzo espera. Elas ficaram no banheiro por uns bons quinze minutos, e luto para manter minha curiosidade sob controle enquanto faço meu trabalho.

— Você está bem? — Kim pergunta, quando paro para fazer café fresco.

— Estou. Sinto muito por tudo aquilo.

— Não sei por que você acha que aquilo teve algo a ver com você. Não foi a primeira vez que ela foi rude com algum cliente. Acho até que já foi tarde.

— Mas isso nos deixa com uma funcionária a menos — protesto.

Kim dá de ombros.

— Não por muito tempo. As festas de fim de ano acabaram. Este é o último final de semana antes de todos voltarem ao trabalho e as coisas vão desacelerar. Além disso, conversei com Shirley ontem à noite; com Mike preso, ela planeja voltar para Beaverton na próxima semana. Ela queria saber se ela ainda tinha um emprego aqui.

— Que notícia boa.

Me sinto um pouco culpada por não ter falado tanto com Shirley desde

que Paige chegou, mas fico feliz em saber que ela voltará para casa em breve.

— Pedidos prontos! — Jason chama da cozinha.

Pego os pratos e os levo para a sra. Chapman e Enzo, que parecem estar conversando com minha filha.

— O que você gostaria, Paige? — tento de novo. Paige olha para mim por baixo das sobrancelhas.

— Um café e um muffin ou algo do tipo.

Ela não precisa dizer nada; consigo ver o pedido de desculpas em seus olhos. Acaricio seu cabelo enquanto envio minha mensagem silenciosa à Sra. Chapman, lhe agradecendo por tudo o que ela disse à minha filha.

— Já trago.

— Ah, e mãe?

— Sim?

— Você pode adicionar no pedido o quer que seja que Gray goste de café da manhã para levar?

Meu Deus, eu tenho uma filha tão incrível.

Meu coração incha no meu peito e eu sorrio para ela.

— Pode deixar, querida.

Quinze minutos depois, entrego a ela um recipiente com uma omelete ocidental para Gray e uma xícara de café para viagem.

— Podemos conversar quando você chegar em casa? — ela pergunta.

— Claro. Chego em casa no meio da tarde. Quer que eu leve algo para o jantar?

— Não, deixe comigo.

Ela se inclina para beijar minha bochecha antes de sair. Vejo-a entrar no carro alugado e sair dirigindo, virando à direita em direção a oficina.

Quando ela está fora de vista, vou direto para a mesa da Sra. Chapman.

— Eu deveria me preocupar? — pergunto a ela.

— Meu Deus, não. Você criou uma jovem sensata. Não demorou muito para ela perceber que talvez tenha exagerado. Algo que ela está determinada a consertar sozinha. É louvável.

— O que quer que você tenha dito a ela, obrigada. Talvez eu devesse avisar Gray...

— Deixe-os se resolverem — Enzo interrompe. — Ambos são adultos, eles conseguem lidar um com o outro.

— Ele está certo — a sra. Chapman concorda. — E já que está aqui, pode me trazer a conta, por favor?

— Na verdade — oferece seu companheiro de café da manhã, — eu pago.

— Você não vai fazer isso — a sra. Chapman protesta, sua coluna de repente fica reta como uma vareta enquanto ela fica visivelmente alerta.

— Vou sim. Você não vai pagar para mim, Madeline. Fim da história — Enzo declara com firmeza, colocando suas palavras em ação quando ele pega uma carteira e tira algumas notas, entregando-as para mim. — Fique com o troco.

— Bom, eu nunca… — ela continua gaguejando, mas percebo que não é tão convincente.

Enzo abre um grande sorriso e estende a mão sobre a mesa enquanto eu pego os pratos, cobrindo a mão dela com a dele.

— É o seguinte: da próxima vez você pode me pagar o café da manhã. Mas só se você me deixar pagar o jantar na noite anterior.

— Enzo!

Rindo e um pouco horrorizada com o excesso de informações, me apresso para acertar a conta deles.



Gray

Eu mal comecei a trabalhar quando ouço Kyle me chamar por cima dos sons dos Eagles vindo do rádio.

— Sim?

Assim que me endireito, vejo Paige, arrastando os pés um pouco nervosa na porta aberta, uma caixa de isopor nas mãos. Estou surpreso ao vê-la aqui, dada sua reação anterior. Kyle está perto, com seus olhos fixos na linda filha de Robin.

— Ei, Kyle! — eu chamo, atraindo sua atenção enquanto limpo minhas mãos em um pano. — Você não tem coisa para fazer?

Mesmo a essa distância, consigo ver um rubor em suas bochechas enquanto ele volta rapidamente para o carro em que estava trabalhando. Garoto esperto.

— Olá.

— Oi — ela murmura enquanto me aproximo. — Trouxe café da manhã para você. Como um pedido de desculpas. Eu…eu não…eu exagerei. É só porque a mamãe não... — Levanto minha mão para interrompê-la.

— Eu entendi. Está tudo bem. — Surpreendentemente, percebo que estou sendo sincero. Fácil assim.

— Mas eu fui rude, aí eu gritei com a mamãe até que a sra. Chapman me explicou algumas coisas... — Estou começando a perceber que não vou parar o fluxo de jeito nenhum, então espero ela terminar. — E então vi que você tinha ido embora. Eu me senti tão mal por fazer aquela cena e ter sido rude com você, sinto muito.

— Já acabou? — pergunto finalmente.

— Sim — ela responde, concordando com a cabeça.

— Ótimo. — Pego o recipiente de suas mãos e começo a caminhar para o escritório. No meio do caminho, verifico por cima do ombro para encontrá-la ainda parada no mesmo lugar. — Vamos — eu chamo. — Você pode me conhecer durante o café da manhã. Estou morrendo de fome. — Um sorriso surge em seus lábios enquanto ela se apressa para me alcançar.



Quero chorar, mas não o faço.

Vou guardar para mais tarde, quando não tiver minha filha sentada ao meu lado enquanto a levo para Lansing para pegar seu voo de volta para Newark.

Ela está sofrendo, ela me contou ontem à noite, não tem mais certeza do que está fazendo em Nova Jersey. Josh — aquele idiota — acabou tendo muito a ver com ela querer se estabelecer lá depois que ela se formou no ano passado. Se eu soubesse que era sobre um menino, eu teria a advertido, o que tenho certeza de que ela sabia quando decidiu manter a existência dele em segredo até minha visita em setembro.

Odeio que ela esteja sofrendo, mas, pensando bem, fico feliz que ela tenha ido com ele ver sua família no Natal. Estar perto deles trouxe à tona a verdade sobre Josh e, felizmente, minha garota teve autoestima suficiente para sair dessa situação. Não significa que não seja dolorido, isso fica claro pela garota pálida e exausta sentada ao meu lado.

Ontem à noite ela anunciou que não queria voltar para o apartamento ou para o trabalho. Por mais tentador que fosse dizer a ela para ficar em casa, não quero que essa seja outra decisão tomada por causa daquele cara. Eu queria ser uma amiga para ela, mas sabia que tinha que ser sua mãe. Então eu a lembrei que ela tinha uma responsabilidade com seu chefe, um apartamento e amigos que ela não podia simplesmente abandonar.

No final, ela concordou e disse que vai se dar um mês ou dois para realmente pensar no que quer.

Estou feliz com essa decisão, mas o coração de mãe está pesado.

— Quando vovó volta para casa? — Paige pergunta, ao vermos a primeira placa indicando o aeroporto.

— Não tenho certeza da data exata, mas acredito que ela tenha dito na terceira semana de março. — Dou uma olhada e a encontro mordendo o lábio inferior, algo que costuma fazer quando está pensando. — Por quê? — questiono.

Seus olhos piscam para mim.

— Eu só estava pensando, se eu decidir voltar antes dela, se eu poderia ficar na casa dela até eu encontrar algo.

— Tenho certeza de que ela não vai se importar, mas por que você só não vem para a minha casa? — Há uma pequena pausa antes que ela responda.

— Sem ofensa, mãe, mas você tem um namorado. Não quero te atrapalhar.

— Você não atrapalha e, além disso, meu "namorado" também tem uma casa.

Ela bufa.

— Não consigo ver você frequentando o Dirty Dog, mãe.

— Ele te disse algo?

Eu imediatamente me irrito. Ninguém compartilhou comigo nenhum detalhe sobre o que eles conversaram quando Paige levou sua oferta de paz a ele ontem, mas presumi que eles resolveram as coisas. Talvez eu esteja errada.

— Não. Nossa, mãe. Você deveria saber que ele não é assim.

Fui colocada em meu devido lugar pela minha filha. Ela está certa, eu deveria saber que não há como o homem que conheci nos últimos meses dizer qualquer coisa que possa machucar minha menina ou eu.

— Você está certa. Deveria mesmo.

Quinze minutos depois, estaciono na área de desembarque do aeroporto.

— Tem certeza de que não quer que eu vá com você?

— Vou ficar bem, mãe. Assim é mais fácil.

Ela não acrescenta que não quer prolongar o adeus mais do que o necessário, mas não precisa, sinto o mesmo. Engraçado como nenhuma de nós ficou emotiva em despedidas anteriores, mas parecemos estar desta vez. Não me surpreende, dada as profundas conversas que compartilhamos nessa última semana. Nós duas somos muito cruas, mas provavelmente estamos mais conectadas do que nunca.

A honestidade arranhou algumas feridas, mas espero que agora elas possam curar sem se tornarem cicatrizes feias.

— Te amo, mãe — Paige diz, uma vez que suas malas estão esperando na calçada.

Abro meus braços para ela e a seguro firmemente contra mim, inalando fundo seu perfume. Eu gostaria de poder mantê-la segura assim para sempre, mas sei que a melhor coisa que posso fazer por ela é deixá-la ir. Deixá-la cometer seus próprios erros e encontrar suas próprias soluções. Ser mãe nunca fica mais fácil.

— Também te amo, querida. Muito. — Eu a solto relutantemente e seguro as lágrimas. — Me ligue quando chegar.

— Pode deixar.

Ela sorri em meio às lágrimas, pega suas malas e se dirige para a entrada. Fico ali até que ela desapareça lá dentro, quando me assusto com a buzina de um carro. Rapidamente me sento atrás do volante, abrindo espaço para o carro esperando atrás de mim.

Consigo me segurar até parar do lado de fora da casa da minha mãe. Sei que ela providenciou para que sua correspondência seja recolhida, e uma amiga tem vindo cuidar de suas plantas, mas quero ter certeza de que tudo está em ordem. Especialmente porque é bem possível que Paige fique aqui por um tempo.

Está chovendo quando eu saio do meu veículo, a chuva fria batendo no meu rosto, se misturando com minhas lágrimas.

A casa cheira a mamãe quando passo pela porta e tenho uma vontade repentina de ouvir sua voz. Pendurando meu casaco e tirando meus sapatos, para não deixar rastros de sujeira em seu tapete imaculado, vou para a cozinha, agarrando a toalha pendurada no fogão para enxugar o rosto. Então eu me sento na ilha e pego meu celular.

— *Ela já foi?* — Minha mãe, tão intuitiva quando se trata de suas meninas.

— Sim — minha voz soa vacilante até para meus próprios ouvidos.

— *Ah, querida. Onde você está agora? Você não está dirigindo, está?*

— Estou na sua casa. Só queria ver como estavam as coisas.

— *Por quê? Está tudo bem?*

— Está sim, mãe.

Nos minutos seguintes, conto a conversa com Paige sobre ela ficar aqui por um tempo. Minha mãe aceita instantaneamente, o que me faz sentir um pouco melhor. O que quer que Paige decida fazer, ela tem todas as suas opções asseguradas.

Como sempre, conversar com minha mãe é como um cobertor quente em volta dos meus ombros e, quando encerramos a ligação, me sinto mais bem preparada para enfrentar a viagem de volta. Eu faço uma verificação rápida da casa — tudo parece em ordem — e tranco de volta.

No caminho para casa, começo a pensar em Gray. Senti falta dele ontem à noite. Ele me mandou uma mensagem em algum momento, avisando que não viria para que Paige e eu tivéssemos a noite para nós — o que foi fofo — mas senti falta dele mesmo assim.

Não havíamos feito nenhum plano e parte de mim estava nervosa sobre encontrá-lo sozinha. Não sei se Paige contou algo a ele sobre seu pai, mas sei que pelo menos devo uma explicação a ele. Eu havia guardado a verdade sobre meu casamento para proteger minha família. No entanto, descobrindo que minha filha já sabia mais do que eu pensava, não faz mais sentido manter isso em segredo. Pelo menos não de Gray.

Minha mãe é outra coisa. Não tenho certeza do quanto dizer a ela, mas tenho alguns meses para pensar nisso.

Gray é minha primeira preocupação e, quando chego aos limites da cidade — em vez de virar para casa — continuo dirigindo e estaciono no estacionamento do Dirty Dog.



Gray

Simplesmente inacreditável.

Com a oficina fechada e Robin fora da cidade, passei o dia lendo em meu apartamento. Os sons do Dirty Dog lá embaixo começaram a aumentar e eu podia sentir o cheiro da grelha aqui de cima. Ficando com fome e mais do que um pouco claustrofóbico, desci as escadas externas, pensando que talvez pudesse comer um hambúrguer e jogar uma partida de sinuca se algum dos caras estivesse lá.

Eu estava prestes a contornar minha caminhonete estacionada no final da escada, quando notei que ela estava mais baixa do que deveria. Os quatro pneus cortados.

— Quem você irritou?

Eu levanto minha cabeça para ver Derek Francisi se aproximando. Liguei para a polícia imediatamente. De jeito nenhum isso foi um acidente, como os cortes claros em cada um dos meus pneus atestam e Francisi concorda.

— Eu não vi e é possível que haja algumas pessoas por aí ainda guardando rancor, mas se eu tivesse que arriscar um palpite…

Ele se abaixa para examinar meu pneu traseiro e assobia entre os dentes.

— Por favor, faça.

Compartilho minhas suspeitas e as razões por trás. Ele faz um pouco mais do que erguer as sobrancelhas quando menciono o nome de Becca.

— Interessante. É um nome que surgiu nos últimos dias. — Agora é minha vez de ficar surpreso.

— Como assim?

— Mike Hancock foi o primeiro a mencioná-la quando finalmente tive a chance de interrogá-lo alguns dias atrás. Ele afirma que a mulher pediu a ele para pegar algo que ela havia deixado no escritório na lanchonete. Claro, ele também alegou que estava apenas se defendendo quando, segundo ele, foi atacado por sua namorada. — Ele ri quando murmuro um palavrão sincero e uma promessa de danos físicos substanciais. — De qualquer forma, coisas surgiram e eu não tive a chance de falar com a sra. Simms ainda para saber o lado dela. Mas conversei com Kim Hudson na lanchonete ontem, que mencionou que a sra. Simms não trabalhava mais lá.

Levanto minha gola quando a garoa leve se transforma em granizo caindo para valer. Francisi guarda seu bloco de notas e faz sinal para que eu o siga até sua viatura. Eu mal hesito quando abro a porta do lado do passageiro e entro.

— Qual o problema dela com você? — ele pergunta, se virando em seu assento.

— Como se eu soubesse... Quando aconteceu o 11 de setembro, nunca mais a vi ou ouvi falar dela. Ela nem mesmo tentou entrar em contato. Então sou solto e de repente ela aparece aqui em Beaverton, querendo se reconectar e não aceitando não como resposta.

— E você não sabe por quê?

— Não faço ideia.

— Certo, acho que vou ter que fazer uma visita à sra. Simms, mas primeiro deixe-me ver se alguém no Dirty Dog viu alguma coisa.

O granizo diminuiu novamente, então entramos. O cheiro de gordura quente faz meu estômago roncar enquanto nos aproximamos do bar. Bunker está conversando com alguns clientes do outro lado, mas se aproxima quando nos vê.

— O que posso trazer para vocês?

— Na verdade — Francisi responde. — Estou trabalhando, só tenho algumas perguntas. — Bunker olha interrogativamente para mim, mas eu dou de ombros.

— Vou esperar ele terminar.

— Manda ver, Francisi.

— Você por acaso notou algo incomum no estacionamento hoje? Alguém que não tinha motivos para estar lá?

— Aqui? Por quê?

— Já vamos chegar lá.

Bunker pensa um pouco antes de responder.

— Não. Abri ao meio-dia e estava bem quieto durante a primeira hora antes que as pessoas começassem a aparecer. Provavelmente não tinha mais do que três ou quatro veículos no estacionamento até talvez uma hora atrás.

— Alguém entrou ou saiu pela porta lateral?

A porta a que Francisi se refere fica logo abaixo da escada para o apartamento. A lixeira fica do outro lado e ouvi a porta abrir e fechar algumas vezes esta tarde, mas isso não é incomum. A equipe joga lixo fora o tempo todo. A cozinha é logo ali.

— Não. Não que eu saiba.

— Eu ouvi a porta pelo menos duas vezes — contribuo, me virando para o policial para esclarecer. — Meu apartamento é no andar de cima.

— Pode ter sido Sammie — ele sugere.

Sammie é um dos funcionários da cozinha. Um cara velho, provavelmente na casa dos setenta, que aparentemente trabalha no Dirty Dog faz mais ou menos vinte anos.

— Foi o único? — Francisi pergunta.

— Até onde eu sei, sim. — Bunker dá de ombros. — Bem, tirando minha prima. Ela apareceu quando eu ainda estava limpando da noite passada e se ofereceu para levar o lixo ao sair.

— Sua prima?

— Sim. Ela mora em Clare, mas tem ficado na minha casa de vez em quando, desde que começou a trabalhar na lanchonete.

Não percebo que me levantei, com os nós dos dedos brancos segurando a beira do bar, até sentir a mão de Francisi em meu ombro.

— Becca? Ela é sua prima? — eu corto, mal registrando o olhar atordoado no rosto de Bunker.

— Você a conhece?

Sua surpresa parece genuína o suficiente, mas ainda não consigo deixar a tensão sair de minhas mãos.

— Alguma ideia de onde posso encontrá-la? — Derek pergunta.

— Na lanchonete.

— Ela foi demitida ontem — ofereço.

— O quê? Ela não disse nada. — Ele balança a cabeça confuso. — Espera, como você a conhece?

Respiro fundo para tentar controlar meu temperamento antes de repetir para Bunker o que disse ao policial antes, notando a expressão de descrença em

seu rosto enquanto conto.

— Olha — ele diz quando eu termino. — Me desculpe, cara, eu não fazia ideia. Ela nunca deixou transparecer que te conhecia, nem mesmo quando eu mencionei... — Ele deixa suas palavras morrerem e aperta a mandíbula.

— Mencionou o quê? — Francisi pergunta.

Percebo uma mistura de raiva e arrependimento quando Bunker lança um olhar em minha direção.

— Porra — ele sibila. — Aniversário da minha tia em outubro, levei minha mãe até Clare para vê-la. Becca estava lá. Talvez eu tenha mencionado Frank deixando o Dirty Dog para você.

Meu sangue ruge em meus ouvidos e uma raiva incandescente abre caminho até a superfície. Aquela cadela miserável. Pego a primeira coisa que encontro — o copo invertido cobrindo uma das torneiras de cerveja — e me arrasto, jogando o copo na parede mais distante.

— Meu Deus, cara! — ouço Bunker gritar, enquanto sou girado e preso na beira do bar, o corpo de Francisi me segurando no lugar.

Agora o pânico está espreitando. Lembranças de estar com o rosto pressionado no concreto e mantido ali por muitas mãos começam a piscar diante dos meus olhos. Luto contra seu aperto, ouvindo a voz de um homem murmurando algo em meu ouvido, mas as palavras se misturam.

— Solte ele.

Isso eu ouço de forma alta e clara através do rugido em meus ouvidos e me agarro ao som de sua voz, erguendo-se como um farol nas ruínas da minha vida.

— Você está bem — ela sussurra, e sinto sua mão fria no meu rosto. — Respire. Está tudo bem.

CAPÍTULO 25

Robin

— Coma mais um pouco.

Observo sua cabeça prateada balançar. Ele não comeu nem metade do que eu já o vi comer, mas não vou pressioná-lo.

Ele não falou uma palavra desde que o convenci a sair do bar e entrar no lado do passageiro da minha SUV. Nem no caminho até aqui, nem enquanto eu esquentava sobras de ontem para nós, e nem durante o jantar.

Pego seu prato pela metade e o meu vazio e os coloco no balcão da cozinha.

Não tenho certeza do que fazer neste momento. Ele está em um lugar estranho onde sinto que não consigo alcançá-lo. Algo aconteceu naquele bar e as explicações do policial Francisi não foram suficientes.

Estou furiosa com aquela cadela, Becca. Não apenas parece que sua insistência por Gray tinha pouco a ver com ele e tudo a ver com o seu dinheiro, mas acontece que ela também não aceita bem a rejeição, a julgar pelos quatro pneus cortados no carro de Gray.

Francisi mencionou que tem motivos para acreditar que ela também pode estar por trás da invasão na lanchonete na semana passada. A lógica por trás disso me escapa no momento, mas tenho certeza de que ele tem suas razões para dizer isso.

— Vamos assistir algo bobo na TV — sugiro, finalmente me afastando do balcão. Quando percebo que ele não está se movendo, vou até ele e pego sua mão. Me sento no sofá e ele se senta ao meu lado. — A não ser que você queira conversar — tento.

Seus olhos indecifráveis encontram os meus e sinto uma faísca de calor

quando coloco minha mão em sua coxa.

— Não tenho nada a dizer — sua voz é rouca, como quando ele acorda.

— Certo — eu decido ceder em vez de forçá-lo a falar.

Se eu der algum espaço pode ser que ele se sinta confortável para se abrir. Sua reação não é apenas de raiva; tenho a sensação de que é sobre dor. Talvez se eu me abrir primeiro....

Pego o controle remoto, encontro um episódio antigo de Criminal Minds e me sento em cima das minhas pernas. Então eu o convenço a colocar a cabeça no meu colo para que eu possa massagear seu couro cabeludo, algo que descobri que o ajuda a relaxar.

— Meu marido era contador — começo suavemente.

Ele tenta levantar a cabeça, mas eu a empurro de volta gentilmente, nunca mudando meu toque suave enquanto explico a história por trás de seu primeiro vislumbre de mim setembro passado. A mão que está descansando em sua coxa ocasionalmente se fecha em um punho, mas ele não faz outra tentativa de levantar a cabeça.

Nem mesmo quando termino de falar e meus olhos voltam para a tela, assistindo sem muita atenção o que quer que esteja passando na TV.

— Paige não sabia? — ele pergunta finalmente.

— Eu não queria que ela soubesse, mas acontece que ela se lembra o suficiente para saber que ele não era um bom homem. Acabou comigo preencher algumas lacunas. — Então eu bufo com a ironia. — Parece que as duas estavam tentando proteger uma à outra.

— Eu provavelmente não deveria dizer isso... — Gray se senta subitamente e segura meu rosto em suas mãos. — Mas estou feliz que esse filho da puta está morto.

— Eu também — admito um segundo antes de sua boca colidir na minha.

Eu gemo com a perda de seus lábios quando ele termina o beijo cedo demais. Senti falta de me perder nele.

— Podemos dar uma volta?

Fico um pouco surpresa com o pedido.

— Agora?

Está escuro lá fora e provavelmente esfriou um pouco, mas há um apelo na maneira como ele olha para mim, então não discuto e me levanto. Zeus levanta a cabeça brevemente quando passo pela cadeira que ele adotou como cama. Colocamos nossos casacos e sapatos e saímos.

É lindo. A temperatura fria vem com um céu lindo e claro, cheio de estrelas.

Uma das vantagens de morar em uma comunidade pequena, a uma distância razoável de qualquer cidade grande, é o incrível céu noturno.

— Feche o casaco — Gray resmunga, me virando para que ele possa fechar o zíper do meu casaco, puxando meu capuz sobre minha cabeça. Então sua grande mão quente se fecha sobre a minha e enfia ambas no bolso de seu casaco.

Nós vamos em direção a entrada da estrada. Há trilhas atrás da casa, mas deve estar muito escuro sob a cobertura das árvores. Quase não há carros nesta estrada e assim podemos ver as estrelas.

— É mais fácil conversar aqui fora — ele finalmente diz quando já caminhamos um pouco. — Sem estar preso. Ainda me incomoda às vezes. Aumenta minha frequência cardíaca. Me deixa ansioso.

Minha mão envolve calorosamente seus espasmos com sua confissão.

— Eu gosto de caminhar — digo desajeitadamente, mas ele parece entender o que estou tentando expressar e aperta minha mão.

— Eu perdi o controle hoje.

Sentindo que ele precisa compartilhar em seu próprio ritmo, e com medo de deixar escapar algum outro comentário inútil, mantenho meu silêncio e espero.

— Eu não os ouvi chegando — diz, tão baixo que mal consigo ouvir. — Três deles. Não faziam nem quarenta e oito horas ainda que eu tinha entrado. Maldito bloco de celas C.

Minha mão está ficando suada e não estou gostando de onde isso vai dar.

— Eles me pegaram por trás e fui empurrado de cara na parede do chuveiro. Um deles estava com uma camisa enrolada que enfiou na minha boca quando abri para gritar. Imobilizado contra aquela parede... porra... eu sabia o que estava por vir. Eu tinha ouvido as provocações. *Carne fresca.*

Ouço um som agudo que percebo que veio de mim e suas mãos apertam as minhas novamente.

— Eles não fizeram. Não tiveram oportunidade. Um guarda passando deve ter sentido que algo estava errado e veio verificar.

Consigo sentir um arrepio percorrer seu corpo.

— Nunca mais virei as costas para ninguém depois disso. Nunca.

— Meu Deus, Gray…

— Perdi o controle mais cedo, joguei um copo na parede e Francisi estava me segurando.

— Por trás — preencho, e viro minha cabeça para encontrar seus olhos em mim.

— É.

— Fez você relembrar — concluo.

— Isso.

— É compreensível.

Ele nos para e tira nossas mãos do bolso, trazendo-as até seu peito. Ele coloca a outra mão em volta do meu pescoço e abaixa a cabeça até a ponta do seu nariz quase tocar o meu.

— É mesmo? Tenho me reprimido todos esses anos, me controlado, mas ultimamente é como se todas as minhas emoções tivessem sido desencadeadas. Não consigo controlá-las; raiva, medo, até amor... merda... e se eu te machucar?

— Você não faria isso. — Agarro seu pulso com firmeza e fico na ponta dos pés para que nossos narizes se toquem. Seus olhos se fixam nos meus com uma intensidade que me dá vontade de chorar.

— Eu não conseguiria — ele finalmente admite. — Você é a luz no fim do túnel. Você é raio de sol e ar fresco. Jesus, sou péssimo com as palavras, mas quando você me olha assim, eu me sinto completo.

Em vez de lágrimas, sinto um sorriso se espalhar em meu rosto.

— Que bom.

Eu levanto meu rosto e o beijo docemente. Então me viro e começo a caminhar de volta para casa, sua mão ainda na minha.

— Robin?

— Sim?

— Eu te amo.

Eu viro minha cabeça e encontro a verdade de suas palavras em seus lindos olhos.

— Eu sei.



Gray

Não consigo tirar as roupas dela rápido o suficiente.

Robin entra no quarto, já tirando a calça jeans enquanto eu tiro seu suéter pela cabeça.

— Você também — ela pede, puxando meu cinto enquanto caminha de costas para a cama. Robin cai de costas, sobre o colchão, o cabelo espalhado no edredom.

Meu Deus, ela é linda! Seus olhos brilhando de paixão, um rubor

profundo em suas bochechas, e aqueles lábios exuberantes e úmidos ligeiramente entreabertos em antecipação.

Estou sem minha calça jeans em segundos, arrancando minha cueca boxer junto e tirando minhas meias. Quando me endireito e puxo minha camiseta sobre a cabeça, os olhos de Robin caem para o meu pau.

Sua pele contrasta pálida contra o sutiã preto.

— Tire.

Minha voz está rouca com a luxúria mal contida enquanto ela arqueia as costas para alcançar suas costas. Não tenho ideia de onde a peça cai quando ela a joga para longe, já que meus olhos estão grudados em seus seios macios e cremosos. Meu olhar passeia da saliência de sua barriga até a borda de sua calcinha preta. Imediatamente suas mãos se movem em direção aos quadris enganchando os polegares sob o elástico.

— Deixa que eu tiro.

Afasto suas mãos e deslizo a calcinha por suas pernas, o cheiro de sua excitação tentando meus sentidos. Me joelhando, puxo seu corpo para perto da borda do colchão e coloco suas pernas sobre meus ombros. Seus dedos agarram o edredom e não hesito em passar minha língua ao longo de sua boceta.

Meus olhos se fecham e um gemido satisfeito sai do fundo do meu peito quando seu sabor atinge minha língua. Não estou com pressa, saboreando cada gemido de seus lábios e cada tremor de seu corpo. O tempo, antes tão importante, torna-se sem sentido quando suas coxas apertam minha cabeça com força e Robin grita com seu alívio.

Com meus lábios ainda escorregadios com sua essência, traço um caminho pelo seu corpo, beliscando e saboreando sua pele macia e flexível. Ela não se mexe quando chego à sua boca. Suas mãos puxam meu rosto para perto, me beijando avidamente. Sem perder nossa conexão, deslizo meu braço por baixo dela, movendo-nos mais para o meio do colchão. Ela envolve as pernas em volta dos meus quadris, enquanto alinho meu pau com a sua boceta e entro profundamente dentro dela.

— Gray… — ela suspira, finalizando nosso beijo.

Suas mãos deslizam para a minha bunda, seus dedos apertando meus músculos flexionados enquanto eu bombeio seu corpo. Já consigo sentir a tensão na base da minha coluna e meus movimentos se tornam erráticos.

— Querido… — ela sussurra, seus olhos mantendo os meus cativos. — Também te amo.

Meu fino fio de controle arrebenta ao ouvir essas palavras.

— Puta merdaaa — falo entre os dentes enquanto acelero, jorrando jatos quentes do meu gozo dentro dela. Um tremor de corpo inteiro me deixa fraco e

eu caio em cima dela, meu rosto enterrado em seu pescoço.

Percebo que posso ter cochilado quando ouço sua voz suave e estrangulada em meu ouvido.

— Não consigo respirar.

— Desculpe — murmuro, rolando para o lado e a levando comigo para que ela fique por cima. — Melhor assim?

— Muito — ela acaricia os pelos no meu peito. — Mas estou toda melecada.

Eu rio. Ela não está mentindo, estamos praticamente colados.

— Tudo bem. Banho.

Eu a seguro com firmeza e nos balanço para fora da cama. Ela ri em meus braços, agarrando meus ombros, enquanto eu nos levo até o banheiro. Tenho grande prazer em lavá-la sob a corrente quente e, deixo que ela retribua o favor alegremente.

Zeus está enrolado no meio do colchão quando voltamos para o quarto. Ele protesta alto quando Robin o pega, dá um beijo em sua cabeça e o coloca no chão antes de engatinhar na cama. Apago as luzes, me deito e puxo seu corpo para perto do meu.

Passo as pontas dos meus dedos preguiçosamente ao longo de sua pele e inalo o cheiro de seu cabelo recém-lavado.

— Você me ama.

É mais uma afirmação do que uma pergunta, mas ela responde mesmo assim, virando a cabeça para me olhar.

— Amo.

— Por quê?

Ela bufa e rola em minha direção.

— Por quê? Bom… — Ela hesita e balança a cabeça. — Não é simples assim. — Ela se vira e apoia o queixo no meu peito.

— Há escuridão dentro de mim.

— E há luz — ela rebate.

— Eu fico bravo.

— E você consegue ser admiravelmente doce.

— Sou violento.

Com isso recebo um estreitamento de seus olhos.

— Que mentira. Você é um dos homens mais gentis que conheço.

Balanço minha cabeça e não me preocupo em esconder o pequeno sorriso puxando meus lábios.

— Você tem uma resposta para tudo?

— Descubra — ela desafia, e eu envolvo-a em meus braços enquanto

meu corpo treme de tanto rir.

CAPÍTULO 26

Robin

Shirley passa por mim com o pedido da mesa sete, lançando um sorrisinho por cima do ombro.

Ela voltou para a cidade na semana passada e, depois de se estabelecer, começou no restaurante ontem. Ela parece uma pessoa diferente da mulher com quem trabalhei durante anos.

Aquela mulher era distante, reservada e raramente dava um sorriso. A mulher que apareceu ontem agia como se o peso do mundo tivesse sido tirado de seus ombros. Ela abraçou todos, chorou de felicidade e tratou os clientes com sorrisos largos e palavras gentis durante todo o dia de ontem e hoje.

— Você tem um segundo?

— Claro — mal tenho a chance de responder quando Shirley agarra meu braço e me puxa para o banheiro feminino. — O que foi? — pergunto quando ela fecha a porta atrás de nós.

— Eu te devo um pedido de desculpas.

— Pelo quê?

Seus olhos disparam para um ponto além do meu ombro e ela visivelmente se prepara.

— Pode ter sido minha culpa Mike ter ido atrás de você.

— Não era sua responsabilidade — eu a asseguro, mas ela balança a cabeça bruscamente.

— Era sim. Falei aos meus meninos que você me ajudou. Eu não sabia que meu filho mais novo compartilhou seu nome com o pai dele. Ele sabe que Mike atacou alguém, mas não ligou os pontos até que ele me ligou ontem à noite para saber como tinha sido meu primeiro dia de volta e por um acaso mencionei

você. Ele se sente péssimo.

A pobre mulher está com lágrimas nos olhos, e rapidamente coloco minhas mãos em seus ombros e lhe dou um leve aperto.

— Nada disso. O único responsável está preso — digo com firmeza. — Além do mais, estou ótima. Acho que você já desperdiçou energia suficiente com aquele homem. Deixe para lá. Porra, deixe ele para lá. Confie em mim.

Ela pisca algumas vezes, respira fundo e esboça um sorriso vacilante.

— Você está certa.

— Pode apostar que sim, e diga ao seu filho para tirar isso da cabeça — lhe dou outra pequena sacudida antes de soltá-la. — Um dia destes, quando tivermos um momento de sossego, vou te contar a minha história, mas por agora vamos colocar comida nessas mesas.

Kim está na caixa registradora e nos olha atentamente quando nos aproximamos.

— Está tudo bem?

— Sim — Shirley responde, indo direto para a janelinha repleta de pedidos.

Eu apenas dou uma piscadinha para Kim e pego o próximo pedido. É para o trio de clientes fiéis em sua mesa habitual.

— Dois ovos com gema mole, bacon, linguiça, biscoitos e molho?

— Meu! — Eddie Banks levanta a mão e eu coloco o prato em sua frente.

— Você sabe que isso vai te matar, não sabe? — John diz a ele antes de se voltar para mim. — Omelete de espinafre com clara é meu, querida.

— Certo.

Sirvo-lhe o café da manhã e o último prato, uma grande pilha de panquecas, deve ser de Enzo. Ele sorri grato e não hesita ao atacar a comida.

— Está a fim de um jogo hoje à noite? — ele pergunta com a boca cheia.

— Jogo?

— Sinuca, menina. Ouvi dizer que você tem praticado bastante.

Eu sorrio. Velho sorrateiro. Aposto que ele tem visto meu CRV estacionado do lado de fora do Dirty Dog algumas noites por semana. Não que eu estivesse praticando sinuca, ou até mesmo frequentando o bar. Eu, provavelmente, estava com minhas mãos ocupadas com o homem que mora no andar de cima.

Foi ideia de Gray ficar em sua casa quando eu for trabalhar no turno da manhã. Principalmente porque me poupa quinze minutos, que ele aparentemente gosta de passar de outras maneiras. As outras noites ele passou comigo. Houve

apenas algumas noites em que não dormimos juntos pois nossos horários não se alinhavam, e era mais fácil dormir em nossas respectivas camas.

Zeus está se tornando um gato muito viajado e aprendeu a gostar de andar de carro. Talvez eu tenha derretido um pouco quando descobri que Gray havia comprado comida e uma cama combinando para o gato ficar em sua casa.

— Você só quer um jeito fácil de ganhar — John acusa seu amigo.

— E daí? Vocês são um bando de tubarões — Enzo rebate.

— Qual é, rapazes, sem brigar — eu os aconselho com um sorriso. — Comam seus cafés da manhã.

Eddie pega a carteira do bolso, tira uma nota de vinte dólares e a joga na mesa na frente de John.

— Aposto vinte na Robin.

John olha para mim antes de se virar para Enzo, que está ocupado encarando Eddie.

— Gente… — eu tento, mas John já está tirando dinheiro de seu bolso.

— Enzo ganha. — Ele bate uma nota igual ao lado da outra na mesa antes de se virar para mim. — Sem ofensa, Robin, mas você é horrível.

— Não ofendeu, John. Querem mais café?

Os murmúrios coletivos são de aprovação e eu pego a jarra emprestada de Shirley quando ela passa.

— Bom apetite — digo a ele enquanto encho suas xícaras.

— Obrigado, querida.

— Trague sua melhor estratégia hoje à noite, Robin — Eddie diz.

Enquanto me afasto, consigo ouvir a resposta de John.

— Você vai perder feio, meu amigo.

Anoto o próximo pedido com um sorriso no rosto.



— Oi, querida. Como você está?

Jogo minha bolsa no sofá e me sento, tirando meus sapatos.

— *Estou bem.*

Sua voz apática me deixa alerta. Paige voltou para casa há algumas semanas e eu falei com ela algumas vezes, mas não tinha a ouvido tão abatida assim.

— Converse comigo — eu convido.

— *Ele apareceu depois do trabalho hoje. Entrou enquanto eu estava no banho e estava sentado na minha cama quando saí. Quase tive um ataque*

cardíaco.

— Espero que você tenha pegado de volta a chave dele.

— Tecnicamente ele a jogou em mim, mas sim, peguei de volta.

— Aquele merdinha precisa...

— Mãe, está tudo bem. Foi depois que eu joguei minha escova de cabelo nele.

— Por favor, me diga que você acertou — digo, irritada pela minha menina, mas suavizo quando ouço sua risada abafada.

— Com muita sede de sangue. Mãe? — Ela fica em silêncio depois disso, e consigo sentir a tensão pelo telefone. *— Foi feio* — ela finalmente diz em voz baixa. *— Ele veio buscar a bolsa Kate Spade que me deu no Natal. Você acredita nisso?* — Eu emito um som solidário, mas acho que ela não quer que eu responda. Isso se confirma quando ela continua com muita mais raiva. *— Eu disse a ele que ele poderia ficar com a maldita coisa, mas que queria de volta os fones de ouvido sem fio Powerbeats Pro que comprei para ele. Ele me deu uma bolsa rosa, mãe. Rosa. Você sabe que eu não gosto de rosa. Deve ter sido um sinal, mas acho que ainda não estava pronta para ver. Ele é totalmente sem noção. Adivinha o que ele disse?* — Mais uma vez, sei que não devo dizer nada, então não faço mais do que emitir um som encorajador. *— Ele disse que estaria disposto a esquecer tudo e me aceitar de volta se eu pedisse desculpas à mãe dele.*

— Espero que você tenha dito a ele onde ele pode ir tomar.

— Bom...mais ou menos. Foi aí que joguei a escova nele.

— Não te culpo, querida — eu a acalmo, ouvindo as lágrimas em sua voz.

— Sabe, ele estava certo.

— Josh?

— Deus — ela lamenta dramaticamente. *— E pensar que eu gostava desse nome. Não, ele não, Gray.*

— Você conversou com Gray? — Acho que perdi algo.

— Sim, na lanchonete. Lembra? Antes daquela mulher...

— Ah sim, lembro — interrompo rapidamente, levantando minha mão. Não quero lembrar daquele momento.

— Ele disse que Josh não me merece. Que ele não era homem o suficiente.

Um sorriso se espalha em meus lábios enquanto coloco a mão em meu coração. Eu amo que ele tenha dito isso a ela. Amo que ele encontrou exatamente a coisa certa para dizer à minha menina. E é a verdade, aquele filhinho de mamãe não merecia minha filha. Não acho que ninguém a merece.

— Gray está certo, querida. Você merece alguém que saiba que sua cor favorita é azul e que seu sorvete favorito é baunilha. Alguém que sempre te coloque em primeiro lugar e faça de tudo para te ver feliz.

— *Gray é assim com você, mãe?*

Por um momento me pergunto se é cedo demais para compartilhar meus sentimentos com minha filha, mas ela é adulta e quero que ela saiba que existem homens bons por aí.

Homens como Gray.

— Ele é.

— *Diga a ele que eu o agradeço.*

— Digo. Te amo, querida.

— *Te amo mais* — ela diz, como ela tem feito desde os seus três anos de idade.



Gray

— Parece meio detonada.

Uma bufada me escapa.

— Você acha?

O movimento está um pouco devagar na oficina, então Jimmy sugeriu que pegássemos a velha motocicleta na garagem de seus pais e começássemos a trabalhar nela. Ele está determinado a deixá-la pronta para que eu possa me juntar a ele e seus amigos quando o tempo melhorar.

Em setembro, quando fui com eles em uma feira de trocas, consegui algumas peças novas, mas nunca comecei a trabalhar na moto.

A Knucklehead estava protegida com uma lona, mas não estava em boas condições quando a arrastei para fora do lixão, anos atrás. Eu tinha esquecido quanto trabalho precisava.

Colocamos na traseira da minha caminhonete — não foi fácil, a filha da puta é pesada — agradeci ao pai de Jimmy, que veio ver o que estávamos fazendo, e voltamos para a loja.

— Legal — Kyle diz quando colocamos a caminhonete de ré em uma das baias. Ele já está subindo na caçamba para ver mais de perto quando contornamos o carro.

— Porra. Não sei nem por onde começar — admito quando descemos a moto e a colocamos contra a parede do fundo, onde fica fora do caminho.

— Desmonte e limpe.

— São muitas peças para tentar encaixar novamente — digo a Jimmy.

— Melhor fazer direito, então.

Passamos as próximas horas desmontando o máximo que conseguimos — xingando os numerosos parafusos e porcas quase fundidos com ferrugem — até que tenhamos um monte de caixas cheias de peças e apenas a estrutura de pé.

— Veja o que eu encontrei. — Kyle mostra a tela de seu celular, a foto de uma garupa na tela. — Eles têm todos os tipos de peças originais. Você vai precisar de uma. — Ele aponta para a foto e sorri.

Uma imagem mental de Robin aconchegada atrás de mim na garupa da moto, seus braços em volta de mim, agita meu sangue.

— Quanto?

Kyle abafa uma risada, mas Jimmy não se contém e começa a rir alto.

— Você é muito previsível.

— Ah é? — Eu o imobilizo com um olhar penetrante. — A última vez que verifiquei você também era. A diferença é que a minha garupa não estará vazia. — Viro para Kyle e repito. — Quanto?

Meia hora depois, subo as escadas para o meu apartamento com algumas centenas de dólares a menos, mas com um sorriso no rosto.



Eu entro no bar e encontro Robin jogando a cabeça para trás e rindo.

Não sou o único prestando atenção, os três mosqueteiros sentados com ela à mesa também a observam. Porra, quem não observaria, ela brilha quando sorri. Não é de se admirar que os velhos se reúnam em volta dela, eles estão tão famintos quanto eu por sua luz.

— Lá está ele — Enzo anuncia quando me aproximo.

Robin vira a cabeça e me cumprimenta com um sorriso brilhante. É tudo que eu preciso. Ver a felicidade em seu rosto ao me ver faz todas as lutas que enfrentei em minha vida valerem a pena. Caramba, se eu soubesse que era isso que me esperava, teria saudado cada dia do meu passado com um sorriso.

— Oi, querido — ela diz suavemente, quando ando até ela. Ignorando todos os outros, eu me curvo, seguro a parte de trás de sua cabeça e a beijo profundamente.

— Sunshine — murmuro contra seus lábios, antes de soltá-la e finalmente olhar para a mesa. — Rapazes.

Os três exibem sorrisos semelhantes enquanto murmuram seus

cumprimentos.

— Querem mais bebidas?

— Não vou dizer não — John diz, segurando sua cerveja meio vazia. Os outros dois seguem o exemplo e eu volto meus olhos para Robin.

— E você? Outra taça de vinho?

— Claro. Eu trouxe Zeus e o deixei lá em cima.

Seu jeito de dizer que ela vai passar a noite aqui. Por mim ótimo.

— Já volto.

Bunker está limpando copos atrás do bar.

— Mais cervejas para eles — falo para Bunker, batendo meu polegar na mesa. — E eu quero um chope. — Seu queixo cai.

— Pensei que você não bebia?

Dou de ombros.

— Eu bebia. Antes de ser preso. Mas só se eu tinha algo para celebrar. — Seus olhos conscientemente voam na direção de Robin e ele sorri.

— Entendi.

Tenho certeza que sim.

— Conversei com Becca ontem à noite — diz repentinamente enquanto prepara meu pedido.

Não sei por que ele a mencionou e não sei se realmente quero ouvir o que ele tem a dizer. Ainda assim, levanto minha sobrancelha questionando.

— Ela está indo embora para a Flórida com minha tia. Só para você saber.

— Que bom.

Francisi, que apareceu na Automotiva na semana passada, me disse que ele conversou com Becca, que alegou não fazer ideia de que Mike havia pegado a chave da lanchonete quando ele saiu de sua casa. Disse que não percebeu até mais tarde e estava com medo de ter problemas. Mentira, é claro, mas Francisi não tinha nada além do depoimento de Mike Hancock, que não vale nada.

— Eu briguei feio com ela. Aparentemente, minha tia ficou sabendo do que ela estava fazendo, então eu não fui o primeiro. Ela admitiu que veio aqui pensando que poderia ter você de volta depois de descobrir que herdou o bar. Porra, eu sei que isso não justifica nada, mas ela viveu de forma precária a vida toda, acho que ela só queria ser cuidada.

Eu resmungo, mantendo meus pensamentos para mim. A verdade é que ela sempre foi uma daquelas pessoas que esperam a vida boa cair em seu colo. Meus olhos se voltam para a mesa. Não é como Robin, que se esforçou e conseguiu construir uma existência nova e decente não só para ela, mas também para a filha.

— Olha — Bunker diz em voz baixa, enquanto coloca as bebidas em uma bandeja. — Ela admitiu que queria criar problemas para Robin. Talvez esperando que... porra, eu nem sei o que ela estava pensando. Ela diz que nunca quis que Robin se machucasse, mas não tenho certeza se acredito nisso. De qualquer forma, ela não vai mais te incomodar.

— Agradeço.

— Estamos bem? — ele me pergunta, me entregando a bandeja.

— Claro que sim. Você não é o guardião dela.

Levo as bebidas para a mesa e me sento ao lado de Robin, puxando sua cadeira para mais perto. Ela lança um sorriso rápido na minha direção antes de se voltar para Eddie, que está contando uma história engraçada. Eu não presto atenção; estou muito absorto no sentimento de contentamento absoluto enquanto Robin se inclina contra mim, com a mão no meu joelho e a cabeça no meu ombro.

Enzo chama minha atenção ao bater com as duas mãos na mesa.

— Que tal uma sinuca?

CAPÍTULO 27

Robin

— Acho que Paige vai voltar pra cá.

Gray se apoia em seu cotovelo e olha para mim, sua mão livre afastando uma mecha de cabelo do meu rosto corado.

— Não sei como me sentir com você mencionando sua filha quando ainda estou tentando recuperar o fôlego aqui.

Eu rio de sua expressão consternada.

— Só porque iria diminuir seriamente essas incríveis aventuras sexuais que você me leva.

Ele abre um sorriso presunçoso e arqueia as sobrancelhas.

— Incrível, não é?

— Criativo, com certeza.

Quem diria que aos quarenta e seis anos eu ainda teria tanto a aprender sobre uma das necessidades humanos mais básicas. Gray certamente despertou uma besta sexual em mim, porque não consigo me lembrar de uma época em que eu estava constantemente com tesão igual agora.

Gray tem sido um professor entusiasmado e eu tenho sido uma aluna muito disposta.

— Me faz questionar onde você adquiriu tanto conhecimento — provoco.

— Eu leio muitos livros — ele responde dando de ombros, me fazendo rir.

— Não consigo me lembrar de Clive Cussler ou John Grisham contendo cenas eróticas — falo, me levantando para ficar de costas para a cabeceira da cama.

Eu nem estou preocupada com o modo como meus seios cedem instantaneamente à gravidade. Na verdade, eu nunca me preocupo com a minha aparência, não preciso, Gray parece amar cada parte minha.

— Não é só isso que leio — ele admite com uma piscadinha, enquanto se acomoda contra a cabeceira da cama também. — Além disso, com pouco a se fazer além de fantasiar, fiz uma lista de coisas que quero tentar.

— Uhmm. Sou totalmente a favor de tentar coisas novas, e é por isso que... — volto ao meu comentário anterior, — devemos conversar sobre o que faremos quando Paige voltar. Eu estava pensando… — olho para ele e vejo que tenho sua atenção, — e pode me interromper se não gostar — adiciono rapidamente. — Mas e se Paige ficasse no seu apartamento? Ela estaria perto e ainda seria independente. E você poderia se mudar para cá? Quer dizer, sei que ainda não conversamos sobre, mas estamos sempre juntos na maioria das noites, então...

— Ei — ele interrompe meu falatório, se virando para mim e segurando meu maxilar. — Faz sentido.

— Faz? — Sorrio e me aproximo.

— Muito.

Ele me puxa para cima de seu corpo, me deixando montada em seu quadril. Seu rosto está na altura dos meus seios, algo que ele imediatamente faz bom uso. Suas mordidas e puxadas logo me fazem balançar meus quadris no seu pênis endurecido enquanto meu corpo volta à vida.

— Gray?

— Uhmmm — ele murmura contra meu mamilo.

— Então… o que mais tem nessa sua lista?



Saio do escritório para pegar um refil de café. Só Deus sabe como eu preciso.

Na semana passada, tentei colocar em dia a contabilidade do restaurante. Os impostos vencem no dia quinze do próximo mês e mal olhei para os livros desde antes do Natal. É assim todos os anos, tenho a melhor das intenções e então acontecem coisas que me distraem.

— Como está indo? — Kim pergunta quando passo por ela.

— Talvez eu precise de vinho em vez de café para me abastecer em breve — resmungo.

— Faça uma pausa — ela indica um banquinho. — É quase hora do

almoço de qualquer maneira, Jason pode preparar algo para você.

Começo a dizer a ela que não posso, que preciso fazer isso antes que Paige volte neste final de semana, mas me seguro. Provavelmente serei mais produtiva se clarear a cabeça e encher o estômago.

— Eu mataria por um hambúrguer — anuncio, me sentando.

— Jason! — ela grita por cima do ombro. — Robin precisa se alimentar. Hambúrguer.

— É para já!

— Você poderia ter pedido pela janelinha — sugiro e ela sorri.

— E qual seria a graça?

Donna me dá uma piscadela ao passar a caminho da cozinha com uma pilha de pratos sujos. Há apenas duas mesas ocupadas, a maior parte da multidão do café da manhã já se foi. O almoço não será tão movimentado, pelo menos durante a semana de trabalho.

— Você conhece Amanda Kerns? — Donna me pergunta quando volta.

— Não é a ruiva? Grávida? — Kim diz.

— Ela mesmo. Ela é enfermeira no Great Lakes Medical Center em Gladwin. — Aceno com a cabeça.

— Sim, acho que sei de quem você está falando.

— Bom, ela está prestes a sair de licença maternidade, e ouvi dizer que eles estão tendo dificuldade em encontrar alguém qualificado. E eu estava pensando que talvez seja algo para sua filha? Pode ser apenas até Amanda voltar, se ela voltar, mas pode ser um começo?

Na verdade, é perfeito. Paige não tem certeza do que quer, então algo temporário enquanto ela pensa não é uma má ideia.

— Obrigada, é ótimo. Paige vai chegar neste final de semana, vou falar para ela. Alguém em particular com quem deve entrar em contato?

— Não sei, mas vou ligar para Amanda hoje e descobrir.

Essa notícia potencialmente boa — e o hambúrguer gordo e suculento com batatas fritas que como dez minutos depois — me alimentam o suficiente para passar a tarde. Quando estou pronta para ir para casa, já tenho o número do Dr. Ashram da clínica Gladwin, cortesia de Donna, e ligo para Paige no viva-voz enquanto dirijo.

— *Oi, mãe*.

— Oi, querida. Você tem uma caneta por perto?

— *Sim, estou na minha mesa, por quê?*

— Ainda está no trabalho?

— *Apenas ajeitando algumas coisas antes de ir para casa. Por que preciso de caneta e papel?*

— Talvez eu tenha algo para você. — Conto a ela sobre a clínica em Gladwin e dou as informações de contato. — Não sei se ainda estão procurando alguém, mas você pode ligar agora, ver se consegue marcar algo para a semana que vem quando estiver aqui.

— *Obrigada, mãe* — ela diz em um tom seco. — *Não sei se eu teria pensado nisso.* — Definitivamente sarcasmo.

— Só estou cuidando de você, Paige.

Consigo ouvir seu suspiro através do telefone.

— *Eu sei, mas já moro sozinha há alguns anos e consegui sobreviver, então me dê um pouco de crédito.*

Isso me cala por um minuto. Ela está certa, não é mais uma criança e, por mais que eu esteja feliz por ela estar voltando para casa, tenho que reconhecer sua necessidade de independência. Caso contrário, temo que ela não hesite em se mudar novamente. Eu conheço minha filha.

De vez em quando a mãe superprotetora que existe em mim aparece.

— Anotado. Eu não quis...

— *Está tudo bem, mãe. Só estou um pouco estressada.*

— Compreensível, filha. Você ainda tem muita coisa para fazer?

— *Já está tudo no trailer, só preciso colocar minha roupa de cama, o colchão de ar e algumas bugigangas antes de pegar a estrada. Pretendo sair antes que comece o trânsito amanhã de manhã, então vou dormir cedo hoje à noite.*

Eu viro na entrada na minha casa.

— Certo, querida. Vou deixar você ir então. Me fale onde você vai parar para dormir amanhã à noite. Não porque não confio em você — acrescento rapidamente: — mas porque sou mãe e me preocupo.

Sua risada suave é como música para os meus ouvidos.

— *Anotado, mãe.*



Gray

— Vá em frente. Leve para dar uma volta.

Jimmy, Kyle e eu estamos lado a lado, olhando para o nosso trabalho.

Demorou um pouco mais de um mês, mas nós três reconstruímos a Knucklehead. Kyle fez um trabalho incrível pintando o quadro de um azul profundo tão escuro, parece quase preto à distância.

— Vai ter que esperar. Tenho que ir até o bar e colocar o que resta das minhas coisas no carro.

— Droga, quase esqueci — Jimmy diz. — Paige vai chegar neste final de semana, certo?

— Ela deve pegar a estrada amanhã. Robin disse a ela para dividir a viagem em dois dias.

— Ela vem dirigindo? — Kyle não parece contente.

Jimmy e eu olhamos um para o outro, simultaneamente levantando uma sobrancelha antes de olharmos para Kyle.

— Por que você se importa?

Seus olhos disparam para mim.

— Não é seguro para uma mulher estar sozinha na estrada. E se ela pegar clima ruim?

— Escute aqui, garoto, se a mãe dela confia nela o suficiente para fazer a viagem, por que diabos você se preocuparia?

— A mãe dela não vê o que eu vejo — Kyle insiste, não tão sabiamente. — Paige poderia parar o trânsito, ela é muito gostosa.

— Certo, garanhão — Jimmy interrompe, jogando um braço em volta de seus ombros e o conduzindo para a garagem. — Você está cutucando o urso — eu o ouço resmungar para o garoto.

Estou começando a repensar o favor que pediria aos rapazes para virem ajudar a esvaziar o trailer de Paige quando ela chegar aqui. Talvez não seja uma boa ideia, dada a maneira como Kyle fala sobre ela.

Pego meu telefone e ligo para Robin enquanto caminho pela lateral da loja até as escadas do apartamento.

— Mudança de planos — digo quando ela atende minha ligação.

— *Quê?*

— Kyle não vai ajudar esse final de semana.

— *Que pena. Ele está ocupado?*

— Não.

Abro a porta e entro, acendendo as luzes. Deixei a mobília para Paige escolher, mas além de minhas roupas e livros, não sobrou muito para pegar.

— *Ele disse não? Bem, isso é uma surpresa, na verdade, pensei que ele poderia ser até doce com ela. Acho que eu estava errada.*

Provavelmente seria mais fácil deixá-la assumir isso.

— Ele não disse não — admito.

— *Certo, agora estou confusa.*

— Ele a acha gostosa — esclareço.

— *Então eu estava certa* — ela diz triunfante. — *Então por que ele não*

vai ajudar? — Normalmente Robin é afiada como uma faca, não acredito que ela não está entendendo.

— Porque ele a acha gostosa — repito. — Sunshine, o garoto quase arrancou minha cabeça quando descobriu que ela viria dirigindo sozinha.

— *Ahh, que fofo* — é sua resposta risonha. — *Quase soa familiar, Gray. Você não acha que talvez esteja sendo um pouco superprotetor?*

Agora estou ficando meio bravo. Ela não percebe que estou apenas usando o bom senso?

— Você não diria isso se soubesse no que os caras da idade dele passam o tempo pensando, Robin. Eles são uns safados.

Aparentemente, eu disse algo engraçado porque de repente ela começa a gargalhar. Estou prestes a desligar na cara dela quando ela parece se controlar.

— *Gray?*

— Oi.

— *Por que você não vem para casa e me explica? Talvez possamos riscar outro item da sua lista de desejos* — ela provoca com uma voz sensual.

Porra. O sangue que eu estava tentando evitar ferver de repente vai para o sul do meu corpo, inundando meu pau e todos os argumentos em meus lábios evaporam, simples assim

— Estou só empacotando umas coisas — digo a ela, enquanto esvazio o conteúdo das minhas gavetas direto para o cesto de roupa suja.

A risada que ela dá é sexy pra caralho.

— *Vou estar na garagem.*

Caralho. Compartilhamos fantasias sexuais nossas na semana passada e realizamos a dela, mas ela claramente não esqueceu a minha. Já levei meu Mustang para a casa dela e sei exatamente onde vou encontrá-la.

Minha voz sai estrangulada quando respondo:

— Estarei lá.

Quinze minutos depois, com mais tesão do que uma adolescente em uma festa da Playboy, estaciono minha caminhonete ao lado do Honda de Robin. Eu nem me preocupo em tirar minhas coisas da caminhonete e vou direto para a garagem para dois carros, afastada da casa.

Uma luz suave pisca na única janela da construção, mas eu vou em direção a porta traseira no lado esquerdo, onde o Mustang está estacionado sob uma lona. Levanto a porta, estremecendo quando meu jeans prova estar mais apertado do que eu esperava.

O interior está iluminado com uma única lanterna posicionada na bancada de trabalho. Meu foco imediato é atraído para o Mustang, a capa de poeira removida e a pintura brilhando na luz esparsa.

Recostado contra o capô está Robin; nua como no dia em que nasceu.
— Bem-vindo, querido.

CAPÍTULO 28

Robin

— O que aconteceu com o seu braço?

É claro que a primeira coisa que Paige nota é a bandagem enrolada em meu pulso. Lanço um rápido olhar para Gray, que de repente está muito interessado em suas botas.

Não vou dizer a ela que é o resultado de um esforço muito entusiasmado — e provavelmente imprudente — de riscar um item da lista de desejos de Gray. Por sorte, ela não consegue ver o joelho inchado dele, ou adivinharia.

Nossa aventura na garagem foi muito sexy, até que senti uma cãibra na panturrilha no meio do... Enfim, Gray tentou me tirar do capô, esqueceu que a calça jeans estava nos tornozelos e perdeu o equilíbrio. Ele sacrificou o joelho e tentei me preparar para o impacto estendendo a mão.

A coisa toda foi uma confusão. Coloco um sorriso no rosto pelo bem da minha filha.

— Tropecei no gato — minto, pedindo desculpas silenciosamente a Zeus. — Só dei uma torcida. Agora, eu ganho um abraço?

Paige dá os poucos passos que nos separam e consigo abraçá-la.

— Oi, mãe — ela murmura contra o meu pescoço.

— Oi, querida. Estou tão feliz por você estar aqui. — Olho por cima de seu ombro para Gray, que está nos observando com um leve sorriso nos lábios.

No momento seguinte ela me solta e se vira para ele.

— Oi, Gray.

— Paige — ele mal consegue falar, antes de Paige plantar o rosto em seu peito e envolver seus braços em volta da cintura dele. Quase rio alto quando vejo o breve olhar de pânico em seu rosto antes de desajeitadamente dar um

tapinha nas costas dela. — Fez boa viagem?

Ela o solta e se fasta, e ele rapidamente coloca as mãos nos bolsos.

— Sim. Dei sorte com o clima. Nem um único floco de neve.

— Que bom — ele resmunga, ainda parecendo um pouco desconfortável. — Se você quiser me dar suas chaves, eu dirijo até o apartamento. Tenho alguém lá para ajudar. Podemos começar a descarregar as coisas, enquanto você conversa com sua mãe.

— Se você tiver certeza, só quero comer algo rapidinho e nós vamos.

— Claro.

Ela lhe entrega as chaves e ele se inclina, dando um beijo em meu cabelo. Observamos enquanto ele se senta ao volante da pequena SUV, ajustando rapidamente o assento para ter mais espaço para as pernas. Paige silenciosamente ri entre dentes ao meu lado.

— Tem certeza de que não quer passar a noite aqui? — ofereço, engatando meu braço no dela enquanto Gray dirige para longe.

— Prefiro fazer a mudança hoje, para poder entregar o trailer de manhã. — Ela começa a me puxar em direção a casa. — Mas antes você precisa me alimentar.

É sempre incrível o modo como as coisas são naturais quando minha filha está em casa. Sorrio quando ela vai direto para a cozinha.

— O que você tem de bom? — Paige pergunta, com sua cabeça já dentro da geladeira. — Ah, torta de maçã.

Ela pega a torta, pega um garfo na gaveta e começa a comer direto da forma.

— Sabe, eu tenho pratos — a repreendo, falando apenas parcialmente sério.

— Não há necessidade de sujar louça — ela responde com um sorriso cheio de torta de maçã, enquanto se senta à mesa.

Balançando a cabeça, sirvo-lhe um copo de leite, colocando-o ao lado do prato de torta que ela está guardando com o braço curvado em torno dele.

Algumas coisas nunca mudam. Ela pode ser toda adulta, mas para mim ela ainda é aquela menininha de rabo de cavalo.

— Inclusive, foi legal da parte de Gray ter oferecido ajuda. — Ela olha para mim e eu escondo um sorriso.

— Foi mesmo — concordo, puxando uma cadeira e me sentando na sua frente. — Embora eu suspeite de que havia algo a mais além de gentileza.

Paige arqueia uma sobrancelha.

— Como assim?

— Ele pode ter ficado na dúvida sobre pedir a Kyle para ajudar a levar

suas coisas.

— Kyle? Não é o que trabalha na oficina?

Reconheço a maneira como ela coloca o cabelo atrás da orelha e arregala os olhos em uma inocência fingida. Ah, minha menina sabe exatamente de quem estou falando.

— Uhum — murmuro em confirmação.

Paige de repente se levanta e enfia a torta de maçã massacrada de volta na geladeira, joga o garfo na pia e vai em direção ao banheiro.

— Só vou me ajeitar antes de irmos — murmura e desaparece de vista. Isso vai ser interessante.



Estou rindo da expressão tempestuosa no rosto de Gray enquanto Kyle teimosamente puxa a mesa de centro da minha filha escada acima, sozinho. Paige está esperando na porta.

— Se acalme — sussurro em sua orelha.

— Ele é um louco — Gray grunhe.

— Não é não. Ele é um garoto legal, que trabalha duro e claramente se esforça para impressionar a minha filha.

Ele bufa, parecendo tanto meu pai que me atinge com uma pontada de nostalgia agridoce. Deslizo minha mão na dele e entrelaço nossos dedos.

— Vai devagar, querido — eu o alerto, meu tom chamando sua atenção enquanto ele vira a cabeça para olhar para mim. — Paige não foi exposta a homens protetores antes. É melhor apresentar a ela gentilmente.

Ele tenta sorrir, mas o aborrecimento ainda não desapareceu de seus olhos, então eu coloco uma mão atrás de seu pescoço e o puxo para baixo, levantando minha boca para um beijo.

— Certo! — ouço a voz da minha filha vindo de cima. — Eu não precisava ver isso. Vocês vão ficar aí parados ou vão ajudar?

Gray abaixa a cabeça, mas percebo o sorriso em seu rosto enquanto ele me puxa atrás dele e sobe as escadas.

Uma hora depois, deixamos o apartamento do jeito que Paige queria e jogamos alguns dos móveis que ela não quer mais na traseira da caminhonete de Kyle para levar para o lixão. Ela e eu arrumamos a cozinha, colocamos lençóis limpos na cama e estamos guardando as roupas dela. Restam apenas algumas caixas com bugigangas que ela diz que vai desempacotar de noite.

— Você conversou com a vovó? — Paige pergunta, quando a entrego

uma pilha de camisetas dobradas para guardar.

— Ia ligar para ela hoje à noite. Por quê? Você falou com ela?

— Ela me ligou esta manhã quando eu estava na estrada. Disse que talvez eles fiquem mais uma ou duas semanas.

Mamãe deveria voltar no próximo final de semana. Estou com saudades dela, mas o fato de ela querer ficar mais tempo significa que ela está se divertindo e fico feliz. Consigo esperar mais algumas semanas para abraçá-la.

— Bom para ela. Provavelmente já vai estar quente até lá, então talvez possamos fazer um churrasco na minha casa. Ver se conseguimos convencê-la a trazer Ken para finalmente conhecermos.

Os olhos dançantes da minha filha encontram os meus.

— Podemos convidar Kyle?

Eu só hesito por um segundo, sorrindo quando penso na reação de Gray a isso.

— Claro. Vou falar com ele.



Gray

— Eu atendo.

Observo Paige pular de seu assento nos degraus e correr para dentro para atender a porta.

Ela estava me fazendo companhia enquanto eu limpava a grelha. Ela e Robin cozinharam a manhã toda. Comida suficiente para alimentar toda Beaverton. Loucura se você me perguntar, já que é apenas a mãe de Robin e o namorado dela que virão, mas as mulheres Bishop mais jovens parecem decididas a causar uma boa impressão. Tentei roubar uma batata da salada que Paige estava preparando mais cedo, mas quase tive meus dedos decepados. Fui expulso depois disso.

Não foi exatamente ruim. Gosto de me sentar à mesa com um livro em mãos, ouvindo as duas conversando na cozinha. Algo que aconteceu algumas vezes desde que Paige voltou. Duas mulheres, ambas ferozmente independentes, mas ainda tão fortemente conectadas. Imagino que a mãe de Robin também seja assim. Parece ser de família.

Família.

Difícil de acreditar que a pouco tempo atrás, eu não sabia o que isso significava, ou talvez tivesse apenas esquecido. De qualquer forma, estou

aprendendo rapidamente o que a família pode ser: sorrisos indesejados, toques calorosos, desentendimentos simples, silêncios confortáveis e comida — muita, muita comida.

— Olha quem está aqui.

Eu me afasto da churrasqueira para encontrar uma Paige sorridente entrando pela porta de correr, com o maldito Kyle logo atrás dela.

— Não me lembro de ter te convidado — falo bruscamente, irritado com o fato dele ter tido a ousadia para aparecer aqui do nada.

— É porque não convidou mesmo. Robin me convidou — ele responde, o sorriso presunçoso em seu rosto começando a me irritar.

Estou prestes a dar uma bronca no pestinha quando Robin sai, e eu encontro seu olhar afiado para mim antes dela dar um sorriso brilhante para o menino enquanto se aproxima de mim.

— Que bom que veio, Kyle. Quer beber algo?

— Pode ser uma cerveja.

Posso ter feito algum som, porque a próxima coisa que sinto é uma cotovelada nas costelas.

— Já trago. — Ela entrelaça seu braço no meu. — Posso te pegar emprestado por um segundo?

Não tenho chance de responder, ela já está me arrastando até a porta.

Lá dentro, ela gesticula para mim, com fogo em seus olhos enquanto planta as mãos nos quadris.

— Você acha que consegue melhorar o comportamento antes da minha mãe chegar?

— Que comportamento? — resmungo.

— Esse — ela fala severamente, cutucando o meu peito com o dedo. — Não vejo ela há meses, é a primeira vez que vou ver Ken e realmente gostaria que tentássemos causar uma boa impressão.

Há muito mais que consigo ouvi-la dizer nas entrelinhas e imediatamente me arrependo de contribuir com seu estresse. Tudo o que ela quer é que todos se gostem e se deem bem, e neste momento já existem muitos pontos de interrogação em jogo. A última coisa que ela precisa é que eu aumente a tensão.

Não é que Kyle seja um cara ruim — ele não é, pelo que vejo, ele é inteligente e trabalhador — mas, às vezes, sua atitude arrogante me incomoda. Talvez porque ele me lembre de mim naquela idade, e só Deus sabe como eu era.

Dou um passo em direção a ela e passo meus braços ao redor de sua cintura, a puxando para perto. Eu abaixo minha cabeça e beijo a ponta de seu nariz.

— Desculpe. Vou me comportar.

— Ela já esteve com caras piores, Gray — Robin diz, uma súplica em seus olhos.

Ela está se referindo àquele merdinha. Se algum dia aquele cara aparecer, ele e eu teremos uma conversinha.

Ou algo do tipo.

— Eu sei, Robin.

— Ele é um bom menino — ela insiste, seus lábios formando uma linha firme.

Eu evito de responder a beijando. A provoco com minha língua, satisfeito quando sinto sua boca finalmente relaxar, me deixando entrar. Uma das minhas mãos se enrosca em seu cabelo, inclinando sua cabeça para trás. Com seu pescoço fino exposto, deslizo meus lábios para baixo até encontrar seu batimento cardíaco na cavidade suave de sua base.

— Amo você, Sunshine — murmuro contra sua pele, antes de levantar a cabeça e olhar em seus olhos.

— Eu também — ela sussurra.

— Oláá á!

Os olhos de Robin se arregalam ao som da voz de uma mulher na frente da casa, mas antes que ela possa se livrar de mim, uma mulher bonita, que poderia ser a irmã mais velha de Robin, e um cara durão entram na cozinha. A semelhança entre todas as mulheres Bishop é inegável; todas morenas, todas lindas.

Robin e sua mãe se abraçam e o homem, Ken, e eu analisamos um ao outro sobre as cabeças das mulheres.

— Você está linda! — Robin exclama, segurando o braço de sua mãe. — Olhe esse bronzeado.

— Você também, querida, você está maravilhosa — sua mãe responde.

Com as duas conversando e lembrando da minha promessa a Robin de se comportar, eu me aproximo de Ken oferecendo minha mão.

— Prazer em conhecê-lo. Gray Bennet.

— Ken Saunders.

Seu aperto é firme e seu olhar perspicaz. Ele não deve ser muito mais velho que eu, mas tem algo de autoritário nele. Deve ser o policial dentro dele. Robin me disse que era policial aposentado.

— Quer uma cerveja?

— Por favor.

No momento em que pego um par da geladeira e entrego uma a Ken, as mulheres se viram para nós, todas com um grande sorriso. Mais apresentações

são feitas e recebo um abraço da Sra. Bishop, mais uma coisa que elas têm em comum.

— Vovó! — O gritinho de Paige desencadeia mais abraços e apresentações.

Caminho até a porta e saio, a cozinha está ficando um pouco claustrofóbica com todos aqueles corpos. Dou algumas respiradas profundas para liberar a tensão no meu peito.

Ainda acontece de vez em quando — um espaço fechado, uma mão inesperada nas minhas costas, um pesadelo ocasional — mas nada que o toque suave de Robin ou uma respiração profunda não possam aliviar.

— Você não bebe? — Ouço a voz de Ken atrás de mim. Ele deve ter visto quando entreguei a segunda cerveja para Kyle.

— Bebo, mas não com frequência. — Me viro e o encaro, encostando minhas costas no corrimão. — Você sabe — o desafio, captando outro olhar examinador.

— Não sabia que era um segredo — ele rebate.

— Então? Qual é o veredito?

Eu sei que estou sendo um idiota, mas escapa mesmo assim. Não espero que um sorriso se estenda em seu rosto.

— Pensei que você já tivesse cumprido sua pena — ele fala inexpressivo.

Gargalho alto, surpreso pra caralho.

— Cada segundo — digo a ele.

— Ótimo — fala, se virando para ficar de frente para as portas de correr também. — Agora que resolvemos isso, o que você acha daquele merdinha arrogante lá dentro?

Minutos depois, Robin sai com um prato de carne, com os olhos em mim.

— Por que você está sorrindo? — ela quer saber.

Não vou dizer a ela que talvez eu tenha desencanado de Kyle, mas Ken está planejando pressioná-lo. Pego a travessa, deslizo para o lado da grelha e a pego em meus braços.

— Estou feliz.

Ela inclina a cabeça, sem saber se acredita em mim.

— Por que tenho a sensação de que não é apenas isso?

Eu pego seu rosto em minhas mãos e encosto minha testa na dela.

— Sunshine, é tudo.

EPÍLOGO

Gray

Ar fresco.

Eu paro quando ouço a porta bater atrás de mim e respiro profundamente, soltando a respiração. Nunca vou me cansar desse sentimento de liberdade, meus pulmões se expandindo totalmente e o golpe de oxigênio instantaneamente limpando minha cabeça.

Não sei por que foi importante para mim visitar o museu novamente. É a última vez que venho aqui para me lembrar do que perdi, talvez até para reconhecer meu papel nisso.

Talvez, desta vez, eu precisasse deixar de lado a culpa, a dor, ambas coisas que guardei com tanto cuidado por anos. Não há lugar para nenhuma das duas na minha vida agora. A culpa foi substituída por gratidão, e a dor — embora nunca tenha desaparecido completamente — por felicidade.

Minha vida não é nada do que eu esperava que fosse, e isso tem tudo a ver com a mulher que vi no meio da multidão no ano passado. Uma fonte inesperada de brilho em um mundo que parecia perpetuamente nublado.

Ainda não consigo acreditar que o destino — que até então tinha sido muito filho da puta — acabou sendo tão gentil comigo.

Nós dois fomos vítimas das circunstâncias, invisivelmente conectados por muitos anos por este lugar. Nós viemos aqui de direções diferentes, mas quando partimos, nossos caminhos estavam alinhados.

Destino. Não é algo que eu acreditava, mas no ano passado fui obrigado a reconhecer seu poder. Para tudo há um propósito, mesmo quando só conseguimos ver olhando para trás.

Levanto a gola da minha jaqueta de couro contra a garoa sombria que

cai e começo a caminhar no meio da multidão.

Eu confio em meus pés para encontrá-la.



Robin

Não estou aqui por mim. Não mais.

Eu não preciso comemorar minha liberdade torcendo o nariz para meu marido morto. Se aprendi alguma coisa no ano passado, é que estava me iludindo.

Onde está a tal liberdade de visitar um lugar ano após ano, apenas para se lembrar de que você venceu? Onde está a vitória em negar a si mesmo qualquer chance de felicidade apenas para manter essa autonomia?

Nunca me senti mais livre do que quando estou com Gray. Então não, não estou aqui por mim, estou aqui por ele.

Gray pode ter sido saído da prisão há um ano, mas ainda não estava livre de suas restrições.

É por isso que viemos e é por isso que não me juntei a ele no museu.

Esta noite vamos ao Liberty State Park assistir ao *Tribute in Light*. Paige e Kyle vão nos encontrar em um restaurante próximo e iremos juntos.

Eu sorrio quando lembro da reação de Gray quando soube que Kyle viria conosco para Nova York. Ele e Paige estão juntos só desde o verão. Minha menina não estava pronta para se envolver em nada sério quando voltou para casa, e dando todo o crédito a Kyle, que não a pressionou. Mas isso não significa que ele ficou em segundo plano. Ah, não mesmo, ele se fez presente em todas as oportunidades, não a deixando esquecer de seu interesse.

Gray havia aceitado um pouco; até que ele os viu se beijando do lado de fora da Automotiva um dia no verão, e Jimmy teve que intervir antes que ele começasse a brigar.

Por sorte, Paige acha fofo, embora talvez ela se sentiria diferente se tivesse que tolerar sua superproteção a vida toda. Ele a ama, e acho que Paige entende em parte seu comportamento pois sabe que ele enxerga sua irmã nela. Faz sentido, pois quando ele a perdeu ela tinha a mesma idade de Paige. Então ela aceita, porque a verdade é que ela o ama também.

Eu o sinto antes de vê-lo, caminhando em minha direção com determinação em seu andar e amor em seus olhos. A multidão desaparece até que tudo o que vejo é ele e tudo o que ouço é a chuva no meu capuz. Suas mãos

seguram meu rosto enquanto ele beija minha testa, meus olhos e depois meus lábios, a chuva pingando de nossos cabelos.

— Quero um cachorro — ele diz, me confundindo momentaneamente.

— Ah, claro.

— E nunca esperarei nada de você que não esteja disposta a me dar. — Tenho certeza de que estou de queixo caído.

— Certo?

— E vou entender se você quiser manter Bishop como seu sobrenome.

Uma luz pulsa e agarro seus pulsos.

— Gray?

— Mas preciso que você se case comigo, Sunshine.

— Está bem.

— Não consigo nem me lembrar como era antes de te conhecer.

— Ok, Gray.

— Sei que estou estragando tudo, mas...

Pressiono minha mão sobre sua boca e consigo chamar sua atenção.

— Quando você faz uma pergunta, você precisa ouvir a resposta, querido. — Já que eu ainda estou cobrindo sua boca, ele é obrigado a acenar com a cabeça. — Ótimo. Agora escute… — me levanto na ponta dos pés até que meus lábios estejam perto de sua orelha. — Eu aceito, Gray.

FIM!



Não esqueça de avaliar este livro!

AGRADECIMENTOS

Eu tenho tanta sorte. Ao longo dos anos, montei uma equipe incrível de pessoas que estão sempre ao meu lado. Para me promover, me guiar, me apoiar, me encorajar e me corrigir. Este incrível grupo de pessoas torna possível para mim escrever minhas histórias e trazê-las para vocês.

Minha revisora, Karen Hrdlicka, e grande leitora e revisora, Joanne Thompson; desde a primeira palavra até o papel, elas me mantêm no caminho certo e me fazem parecer muito melhor do que realmente sou!

Minha agente, Stephanie Phillips da SBR Media, serei eternamente grata por sua fé constante em mim. Meus publicitários, Debra Presley e Drue Hoffman e a minha assistente pessoal Krystal Weiss da Imprensa Buoni Amici; essas mulheres são inestimáveis, elas me organizam e me gerenciam quando muitos já desistiram!

Minha incrível equipe beta — Deb Blake, Pam Buchanan e Petra Gleason, que estão sempre dispostos a examinar meus stories, se certificando de que estejam legais o suficiente para vocês.

A todos os blogs fabulosos e primeiros revisores que ajudam a divulgar meus livros para vocês.

E por último, mas não menos importante, vocês, meus leitores, são vocês que me fazem querer continuar escrevendo com seu entusiasmo e apreço. Onde eu estaria sem vocês?

Com muito amor!

Freya



Freya Barker adora escrever sobre pessoas comuns com histórias extraordinárias.

Impulsionada a fazer seus livros sobre pessoas “reais”; ela cria personagens que talvez não sejam perfeitos, cada um lutando para encontrar sua própria felicidade, mas igualmente merecedores de romance, emoções e suspiros em suas vidas.

Recebedora do prêmio RomCon “Reader’s Choice” de melhor primeiro livro, “Slim To None”, e finalista do Kindle Book Award com “From Dust”, Freya continua a aumentar sua coleção de romances publicados à medida que conta história após história, com um suprimento infinito de personagens machucados e quebrados, ávidos por atenção!

REDES SOCIAIS

instagram.com/freyabarker.writes
facebook.com/FreyaBarkerWriter
twitter.com/freya_barker
tiktok.com/@authorfreyabarker
www.freyabarker.com

UMA MUDANÇA NA MARÉ



Qual seria o impacto, se subitamente você perdesse as cores em sua vida?

Para Mia, uma viagem de metrô lotado muda toda a sua vida.

Retirar-se para uma área isolada a ajuda a lidar com um mundo que, de repente ficou muito barulhento e turbulento.

Sua vida contida e segura na pequena cabana à beira do lago, não está preparada para o vizinho que se muda para a casa do outro lado do lago.

Uma lesão que acabou com sua carreira, deixou Jared permanentemente no banco. Sua reputação de jogador não sobreviverá às responsabilidades repentinas que o aguardam.

Longe dos olhos do público, ele se ajusta à sua nova realidade, sob o

olhar silencioso de sua intrigante vizinha.

Leia na Amazon | Compra na Five.



https://www.grupoeditorialfive.com

https://www.instagram.com/editorafive

https://twitter.com/EditoraFive

https://tiktok.com/@editorafive